

Câmpus
Anápolis de Ciências
Exatas e Tecnológicas
Henrique Santillo



Universidade
Estadual de Goiás



**ESTADO
DE GOIÁS**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU MESTRADO
PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS

DANÚBIA APARECIDA SANTOS LIMA

**O INGLÊS COMO FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
POSSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**ANÁPOLIS – GO
2022**

DANÚBIA APARECIDA SANTOS LIMA

**O INGLÊS COMO FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
POSSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – nível Mestrado Profissional em Ensino de Ciências (PPGEC) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Anápolis de Ciências Exatas e Tecnológicas – Henrique Santillo, para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências.

Orientador: Professor Dr. Wilton de Araújo Medeiros

**Anápolis - GO
2022**

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UEG
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AL732 APARECIDA SANTOS LIMA, DANÚBIA
i O INGLÊS COMO FERRAMENTA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
POSSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA / DANÚBIA APARECIDA
SANTOS LIMA; orientador WILTON ARAÚJO DE MEDEIROS. --
ANÁPOLIS- GO, .
p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) -- Câmpus
Central - Sede: Anápolis - CET, Universidade Estadual
de Goiás, .

1. MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA.. 2.
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS AULAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA-
INGLÊS CONFORME REALIDADE DO ALUNO.. 3. AS PRINCIPAIS
DIFICULDADES DOS ALUNOS EM APRENDER INGLÊS.. I. ARAÚJO
DE MEDEIROS, WILTON, orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

As pessoas mais importantes da minha vida:
Deus, minha mãezinha do céu, meus pais
Valdemiro e Maria. A minha irmã Deborah,
aos meus amados filhos Heitor e Aretha.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não é apenas fruto de um esforço pessoal, e sim de várias pessoas que me incentivaram intelectualmente e emocionalmente ao longo dessa caminhada.

Agradeço a Deus pela vida e saúde em meio a tempos difíceis. Agradeço aos meus pais Valdemiro e Maria, foram eles que me incentivaram a ser professora desde criança, cresci no ambiente escolar, me lembro que desde os quatro anos de idade já desejava e brincava de ser professora de inglês. Meu agradecimento aos meus pais por sempre acreditar em mim e nos meus sonhos.

Agradeço à minha irmã Deborah por ser sempre fonte de amor, onde encontramos apoio mútuo em todos os momentos.

Agradeço aos meus filhos Heitor Miguel e Aretha Mariane por alegrarem meus dias com tanto carinho e amor.

Agradeço a todos os professores e coordenadores do PPEC por todo conhecimento e disponibilidade.

Comece fazendo o que é necessário,
depois o que é possível, e de repente
você estará fazendo o impossível.

São Francisco de Assis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CONTEXTUALIZAÇÃO: MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA	17
1.2 Meio ambiente	17
1.2 Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade	21
1.3 Educação ambiental (EA)	25
1.4 Educação ambiental na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).....	27
1.5 A importância da educação ambiental na escola	32
1.6 A inclusão da Educação Ambiental na BNCC	34
2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS AULAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA – INGLÊS CONFORME A REALIDADE DO ALUNO	40
2.1 Ensinar e aprender línguas (língua estrangeira – Inglês).....	40
2.2 Processo de ensino e aprendizagem.....	44
2.3 Educação Interdisciplinar	47
2.4 Integração interdisciplinar entre a língua inglesa e as questões ambientais	51
2.5 A importância do professor trabalhar com a realidade do aluno	55
3 PRODUTO EDUCACIONAL E AS PRINCIPAIS DIFICULDADES DOS ALUNOS EM APRENDER INGLÊS (9º ANOS).....	60
3.1 Principais dificuldades dos alunos em aprender inglês	60
3.2 A importância da formação, capacitação contínua e mediação dos profissionais da Língua Inglesa na escola.....	62
3.3 Recursos didáticos e tecnológicos como ferramentas de ensino e apoio da escola quanto a desmotivação por parte dos alunos	69
3.4 Metodologia da pesquisa	74
3.5 Análise e discussão dos dados	75
3.5. 1 Instituição escolar e aprendizados do professor relacionado à Educação Ambiental	75
Quadro 1: Formação dos professores e área de atuação.....	77
3.5.2 Preparação para elaboração do produto educacional.....	85
Quadro 2 – Distribuição quantitativa das respostas obtidas no aspecto “Estrutura e organização” do questionário de avaliação do material (etapa de validação)	93

Quadro 3 – Distribuição quantitativa das respostas obtidas no aspecto “Problematização” do questionário de avaliação do material (etapa de validação) ...	94
Quadro 4 – Distribuição quantitativa das respostas obtidas no aspecto “Conteúdos e Conceitos” do questionário de avaliação do material (etapa de validação)	95
Quadro 5 – Distribuição quantitativa das respostas obtidas no aspecto “Metodologias de Ensino e Avaliação” do questionário de avaliação do material (etapa de validação)	96
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	100
MELO, Marciano Almeida. O desenvolvimento industrial e o impacto no meio ambiente. 2011. Disponível em http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=6837 Acesso em 25/04/2021	106
ANEXOS	112
Anexo	112
Anexo II	113
Apêndice I.....	114
Sequência didática: O inglês como ferramenta para educação ambiental	116
1ª AULA	116
2ª AULA	119
3ª AULA	123
4ª AULA	125
5ª AULA	127

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Momento com os professores.....	81
Figura 2 - Aplicação da sequência didática aos alunos.....	83
Figura 3 - Task 1 - Environmental Problems e Task 2 - Pronunciation – Word Stress.....	85
Figura 4 - Task 3: Jigsaw Reading cards.....	86
Figura 5 - Task 4 - The environment quiz e Task 5: Expressions of certainty.....	86
Figura 6 - Task 6: Discussion.....	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Formação dos professores e área de atuação.....	73
Quadro 2 – Distribuição quantitativa das respostas obtidas no aspecto “Estrutura e organização” do questionário de avaliação do material (etapa de validação).....	89
Quadro 3 – Distribuição quantitativa das respostas obtidas no aspecto “Problematização” do questionário de avaliação do material (etapa de validação).....	90
Quadro 4 – Distribuição quantitativa das respostas obtidas no aspecto “Conteúdos e Conceitos” do questionário de avaliação do material (etapa de validação).....	91
Quadro 5– Distribuição quantitativa das respostas obtidas no aspecto “Metodologias de Ensino e Avaliação” do questionário de avaliação do material (etapa de validação).....	92

O INGLÊS COMO FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: POSSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

RESUMO

A questão do ensino de uma segunda língua parte do pressuposto de que deve-se ser um fator motivador para o aluno aprender, e a prática pedagógica do professor de inglês precisa estar relacionada à compreensão do aluno sobre a verdadeira importância desse processo de aprendizagem. Nesse cenário, o atual estudo tem como objetivo investigar atividades de ensino e aprendizagem que envolvam a questão ambiental na aquisição de novos vocabulários em Inglês. A Educação Ambiental, por não ser uma disciplina do currículo escolar da Educação Básica brasileira, frequentemente, estando sujeito da constituição do corpo docente e do Projeto Político Pedagógico da escola, não é exposta ou, quando é feita, acontece inicialmente, fragmentada, isolada no conhecimento de determinadas disciplinas. A Educação Ambiental, o ensino da Língua Inglesa, do mesmo modo necessita ser agregado à educação global, visto por meio de uma perspectiva interdisciplinar. Assim, este estudo tem como finalidade mostrar que a união da língua estrangeira inglês com o tema meio ambiente, além de ser provável, pode ser engrandecedor para o trabalho na sala de aula, na medida em que o educando possibilita fazer uso do idioma como meio para compreender a realidade na qual está inserido. A metodologia utilizada se baseia em uma pesquisa exploratória, pelo fato que o mesmo busca levantar informações sobre certo objeto e qualitativa, por considerar elementos sociais e culturais sem restringir-se unicamente aos aspectos numéricos presentes nas pesquisas quantitativas. Foi feito um trabalho de campo onde foi elaborado um produto composto por uma Sequência Didática realizada de modo presencial em duas etapas, sendo a primeira no 3.o bimestre do ano de 2021 para apresentação do projeto de intervenção aos professores e equipe gestora e a segunda etapa no 2.o bimestre de 2022 com a aplicação da Sequência Didática em cinco aulas. Com essa perspectiva, o produto visou garantir as habilidades e competências garantidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Palavras-chave: Educação ambiental; Língua inglesa; Interdisciplinaridade; Ensino e aprendizagem.

ENGLISH AS A TOOL FOR ENVIRONMENTAL EDUCATION: POSSIBILITY IN BASIC EDUCATION

ABSTRACT

The issue of teaching a second language is based on the assumption that it should be a motivating factor for the student to learn, and the pedagogical practice of the English teacher needs to be related to the student's understanding of the true importance of this learning process. In this scenario, the current study aims to investigate teaching and learning activities that involve the environmental issue in the acquisition of new vocabulary in English. Environmental Education, because it is not a subject of the Brazilian Basic Education school curriculum, often being subject to the constitution of the teaching staff and the School's Pedagogical Political Project, it is not exposed or, when it is done, it happens initially, fragmented, isolated in the knowledge of certain disciplines. Environmental Education, the teaching of the English language, likewise needs to be added to global education, seen through an interdisciplinary perspective. Thus, this study aims to show that the union of the foreign language English with the environment theme, in addition to being probable, can be enriching for work in the classroom, insofar as the student makes it possible to use the language as a means of to understand the reality in which it is inserted. The methodology used is based on exploratory research, as it seeks to gather information about a certain object and is qualitative, considering social and cultural elements without being restricted solely to the numerical aspects present in quantitative research. Fieldwork was carried out in which a product was prepared consisting of a Didactic Sequence carried out in person in two stages, the first being in the 3rd bimester of the year 2021 to present the intervention project to teachers and management team and the second stage in the 2nd quarter of 2022 with the application of the Didactic Sequence in five classes. With this perspective, the product aimed to guarantee the skills and competences guaranteed in the National Common Curricular Base (BNCC).

Keywords: Environmental education; English language; Interdisciplinarity; Teaching and learning.

INTRODUÇÃO

A forma como o homem utiliza indevidamente os recursos naturais, cuja busca pelo lucro em detrimento da degradação do meio ambiente tem gerado inúmeras consequências. Nesse contexto, a educação ambiental se torna imprescindível, principalmente tendo em vista o meio ambiente cada vez mais deteriorado. Sabe-se que educação não deve apenas conscientizar as pessoas sobre o mundo em que vivem, mas proporcionar acesso a uma melhor qualidade de vida, sem negligenciar do meio ambiente. Com isso tentamos manter um equilíbrio entre o homem e o meio ambiente (SALES, 2014).

Por isso que, nas últimas décadas, surgiu todo um conjunto de práticas sociais voltadas para o meio ambiente. Tanto no âmbito das legislações e dos programas de governo, quanto em diversas iniciativas de grupos, associações e de movimentos ecológicos. Ou seja, o surgimento da questão ambiental como um problema que afeta o destino da humanidade, tem mobilizado governos e sociedade civil (NUNES 2006). Entretanto, não tem sido encarado com a devida preocupação e seriedade por todos os países.

Com o avanço da industrialização, surgiram as dificuldades ambientais e estas por sua vez, acabaram comprometendo a qualidade de vida dos indivíduos. Então, é a tomada de consciência deste acontecimento, que está transformando a percepção do que seja a humanidade na sua relação com o meio ambiente, e a necessidade de uma nova postura em relação aos exercícios ambientais. (DIAS 2018).

Para Fiorillo (2013), meio ambiente são todos os fatores que afetam espontaneamente o metabolismo ou procedimento de um ser vivo, ou de uma condição. Sendo vários os fatores que intervêm nessa interação ambiental manifesta como ecologia, dentre os quais, a luz, o ar, a água, o solo (fatores abióticos), além dos próprios seres vivos coabitantes de um próprio ambiente. Daí podemos perceber a sua amplitude, não podendo ficar subsumida a mera relação de causa e consequência do desequilíbrio humano.

Salles (2014) vai dizer, que as questões ambientais adquiriram grande significado na sociedade. E que estudos de problemas ambientais passam a existir de novos paradigmas, visando uma direção mais sistêmica e complexa da sociedade.

Nesse contexto, a escola iniciou discussões sobre educação ambiental. Atendo-se ao processo de reconhecimento de valor, no qual novas práticas pedagógicas precisam ser responsáveis por formar cidadãos conscientes de seu papel no nesse mundo de implicações e correlações de equilíbrios ecológico e ambiental.

Então, é para que a população construa valores sociais, conhecimentos, habilidades e atitudes, visando à formação de sujeitos capazes de compreender o mundo e agir nele de forma conscientes e crítica, que falamos de educação ambiental. Com o fim de que se possa ter e oferecer um ambiente saudável e equilibrado. Ou seja, possível solução de problemas a serem enfrentados passa pela educação, uma vez que exigem mudança de comportamento e de atitudes (RIPPLINGER, 2009).

A Educação Ambiental vem sendo valorizada como uma ação educativa que deveria estar presente, de forma transversal e interdisciplinar. Articulando o conjunto de conhecimentos, e formação de atitudes e sensibilidade crescente aos problemas ambientais. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é um documento de normativo que expõe as aprendizagens fundamentais, que todos os alunos precisam desenvolver no decorrer de toda a Educação Básica.

A BNCC apresenta diferentes abordagens para comparar suas três versões, as quais serão percorridos no decorrer deste trabalho no desenvolvimento da dissertação. Por conseguinte, seu estudo tornou-se importante para analisar o espaço para a introdução da Educação Ambiental (EA) nas escolas. Sendo que, tendo em vista temas transversais e interdisciplinaridade, iremos destacar a análise sobre a inserção da Educação Ambiental nas aulas de Língua Estrangeira (LE) no nosso caso o Inglês. Logo, na leitura crítica realizada da BNCC, observa-se que muitas das suas orientações demonstram diálogo com os conceitos e objetivos de aprendizagem das diretrizes nacionais e estaduais para o ensino de LE. Portanto, é muito positivo receber perceber esse diálogo, uma vez que não se trata de um documento que propõe “novas” soluções, no entanto de um texto que é fruto de décadas de conversações entre professores de línguas de diferentes estados/regiões em todo o país.

Consideraremos que as aulas, na maioria das vezes, já trazem variadas temáticas em seus materiais didáticos adotados. Nisso, consideraremos pertinente observar que, o ensino de Inglês para falantes de português deve partir de situações cotidianas. Evidenciando que daí se aplica uma utilidade para a vida e não apenas uma língua estrangeira, não familiar e distante de todos. Baseados nisso, podemos

considerar a escola como uma das principais instituições disseminadora de conhecimento, cultura e valores éticos.

Desse modo, o ensino de Inglês e a Educação Ambiental devem estar integrados como Educação Global, através de uma perspectiva multidisciplinar. (SAGLAM; GURSOY, 2010). Tendo a educação global por objetivo capacitar os alunos uma língua estrangeira eficientemente, enquanto se emancipam com os conhecimentos e comprometimento requeridos enquanto cidadãos (CATES 1990).

Com base neste contexto referencial, e, em relação ao tema apresentado, considera-se relevante levantar certo problema, o qual será respondido no decorrer da pesquisa: Como inserir atividades de ensino e aprendizagem que envolvam a questão ambiental, nas aulas de Língua Estrangeira: Inglês? Esta questão leva em conta, que a ideia de interdisciplinaridade está sempre presente nas discussões de educação ambiental.

A interdisciplinaridade na educação ambiental, aparece tanto na literatura acadêmica (MEYER, 1991; PETRAGLIA, 1993; CASCINO, 1999 entre outros) quanto nos documentos produzidos em diferentes eventos internacionais, oficiais, organizados por movimentos ambientais, como por exemplo a carta de Belgrado de 1975. Ressalte-se que, temas atuais e relevantes como Educação Ambiental nas aulas de Inglês, elucidam o gosto de aprender, e a capacidade de procurar e interpretar informação.

Portanto, a interdisciplinaridade e transversalidade há grande possibilidade de uso do produto educacional em conjunto com professores de outras disciplinas (geo/ciências), uma vez que a interdisciplinaridade questiona a fragmentação dos campos de conhecimento realizada pela escola, e funciona por meio da integração das disciplinas, a transversalidade está associada à compreensão de distintos objetos de conhecimento, o que permite referir-se aos sistemas estabelecidos na realidade dos alunos. A interdisciplinaridade e a transversalidade são de suma importância na escola, pois a primeira foi reconhecido um grande avanço na ideia de integração curricular e os interesses de cada disciplina foram preservados. E a segunda, o princípio da transversalidade e de transdisciplinaridade busca ir além da compreensão de disciplina, e busca a comunicação entre elas.

Por conseguinte, este estudo tem como finalidade mostrar que a união da língua estrangeira inglês com o tema meio ambiente, além de ser possível de ser feito, pode ser um qualificador a mais para o trabalho na sala de aula. Isso ocorrendo, na

medida em que o educando inclui o uso do idioma como meio para compreender a realidade ambiental, na qual está inserido. Logo, como diferencial, as atividades trabalhadas nas aulas de inglês são capazes de trazer maiores motivações entre os alunos, interesses pela disciplinas e assim, aprimorar o processo de ensino-aprendizagem, com novos vocabulários acerca de um assunto tão presente no cotidiano.

Quanto a metodologia empregada. O estudo será feito, tomando como base, um trabalho de campo, com entrevistas e questionários, com participação dos professores e alunos do 9º ano do Colégio Imaculada Conceição da cidade de Ceres – GO. Pelo fato de que busca levantar informações sobre certo objeto, esta pesquisa pode ser considerada exploratória (SEVERINO, 2007). Pode também ser considerado um estudo qualitativo, por considerar elementos sociais e culturais, sem restringir-se unicamente aos aspectos quantitativos e numéricos.

O trabalho compreende o assunto, dividindo-o em três capítulos, nos quais desenvolve-se os objetivos geral e específicos estabelecidos. No primeiro capítulo, a finalidade é apresentar uma contextualização teórica sobre o meio ambiente e a educação ambiental na escola. Trata-se de considerações sobre o meio ambiente, desenvolvimento sustentável e sustentabilidade, educação ambiental e a importância da educação ambiental na escola.

Neste contexto, a Educação Ambiental é apresentada no ambiente escolar com potencial para transformar a percepção ambiental da comunidade escolar – formada pelos pais ou responsáveis, estudantes, professores, funcionários. E, de forma mais consolidada, como capaz de desenvolver mudanças impactantes no cotidiano local.

No segundo capítulo, investiga-se de que forma a educação ambiental pode ser inserida nas aulas de Língua Estrangeira – Inglês –, conforme a realidade ambiental onde o do aluno está inerido. Será discorrido também sobre a integração interdisciplinar entre a língua inglesa, e as questões ambientais que têm a capacidade de contribuir para que seja possível promover atitudes de preocupação, e transformação de atitudes em favor da conservação ambiental.

No terceiro e último capítulo, identifica-se quais são as principais dificuldades dos alunos em aprender inglês (9º anos). Será abordado de que modo ocorre o ensino aprendizagem dos alunos, e também, se há falta capacitação contínua dos profissionais da Língua Inglesa, as tecnologias digitais, recursos didáticos e apoio da

escola quanto a desmotivação por parte dos alunos e será apresentado o resultado do trabalho de campo com entrevistas realizados com professores do nono ano. A fim de mostrar os resultados obtidos, após aplicação de uma sequência didática trabalhada durante as aulas de inglês. Verifica-se a possibilidade da Educação Ambiental, nessa disciplina, proporcionar aos alunos um conhecimento construído por situações em que o aluno se sinta inserido nas causas sociais relevantes.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO: MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA

Ao dar início neste capítulo acredita-se ser de suma importância discorrer considerações sobre o meio ambiente, desenvolvimento sustentável e sustentabilidade, os quais são de suma importância a conscientização para esses fatores, que estão relacionados a nossa sobrevivência. A situação atual exige medidas urgentes em todos os setores, científicos, cultural, educacional, econômico e político, além de uma maior sensibilização de toda a humanidade. Em seguida, dar-se continuidade com os subtítulos, educação ambiental e a importância da educação ambiental na escola e a educação ambiental na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

1.2 Meio ambiente

A ecologia diz respeito ao meio ambiente, ou seja, a todos os seres com os quais convivemos. Oficialmente, as preocupações com o meio ambiente remontam a meados do século XIX, quando começaram a aparecer os primeiros efeitos negativos da industrialização. Foi, sobretudo, a partir dos anos 70 do século XX que a ecologia passou a se tornar uma preocupação sempre maior e a ser enfocada como problema eminentemente ético, no sentido de se distinguir entre modos adequados e inadequados de os seres humanos se relacionarem com os outros seres (AMAZONAS, 2015).

Meio ambiente é tudo o que abrange ou envolve os seres vivos. A termo ambiente vem do latim e o prefixo *ambi* dá a ideia de “ao redor de algo” ou de “ambos os lados”. O verbo latino *ambio*, *ambire* significa “caminhar em torno ou em volta de qualquer coisa”. A expressão destinada no Brasil, na Espanha e nos demais regiões que raciocinam o espanhol (médio ambiente); em Portugal emprego somente a termo ambiente, do próprio formato que no italiano (BARBIERE, 2007).

A humanidade evoluiu muito desde o período das cavernas até os tempos modernos em que a globalização importunou uma das mais extensas preocupações afetivas com o meio ambiente, como o mundo em que vivemos. Segundo o que foi dito, meio ambiente é tudo aquilo que nos cerca, uma biosfera funcional, inserida em

seu contexto de seres vivos de diversas espécies; animais e plantas e até mesmo a biosfera que nos permite ter uma existência benéfica levou o homem a uma abordagem diferenciada de seu universo.

Segundo Willemann (2012), desde o Brasil Colônia existiu normas que debateram de uma certa forma das questões ambientais, no entanto, apenas com o chegada dos movimentos preservacionistas, do final do século passado, que entusiasmaram a Constituição de 1988 o tópico passou a ter realce.

Meio ambiente são todos os fatores que dissimulam espontaneamente o metabolismo ou o procedimento de um ser vivo ou de uma condição. Vários são os fatores que intervêm nesse intercâmbio ambiental, manifesta como ecologia, dentre os quais, a luz, o ar, a água, o solo (fatores abióticos) próprios aos seres vivos coabitantes de um próprio ambiente (FIORILLO, 2013).

Pelo fato do grande número de catástrofes ambientais que o mundo vem atravessando nos últimos anos. O meio ambiente nas últimas décadas voltou a ser de grande preocupação da humanidade, que procura desesperadamente recursos para estes problemas.

As inquietações com a questão ambiental aparecem com a Revolução Industrial, no final do século XVIII. Requerendo o aumento econômico e expectativas de maior geração de riqueza, o desenvolvimento originou também dificuldades ambientais como a alta agrupamento populacional por causa da urbanização; o enfraquecimento exagerado de recursos naturais; contágio do ar, do solo, das águas; e o desflorestamento, entre outros. Esse desenvolvimento poupado desordenado procedeu em uma deterioração consecutiva do meio ambiente, fato caótico nunca visto pelas populações até o momento (SIRVINSKAS, 2015, p. 25).

Conforme Lima (2017) descreve que ao fim do século XX existia um crescente acordo da sociedade em relação à cuidado do meio ambiente, ao lado com essa reflexão, constatou-se que essa destruição ambiental deve-se ao caso das ativação do desenvolvimento.

A queda da qualidade ambiental foi ser intuída com mais vigor a partir do período em que o meio ambiente foi excessivamente explorado, acontecendo uma mudança dos ecossistemas naturais em ecossistemas humanos. Contudo, Lima (2017) deixa claro que os riscos em curto prazo são absorvidos pela própria natureza, porém a preocupação maior é com a própria aptidão de espaço físico para aguentar tantos dejetos industriais. Hoje no século XXI os riscos estão mais relacionados com os acidentes ou com excessos humanos. A não ser os acontecimentos naturais de

grande porte, os outros riscos podem ser prevenidos ou também tem como impedi-los.

Alguns episódios marcantes no século XX ajudaram numa tomada de consciência sobre os riscos da industrialização e do uso indiscriminado da tecnologia. No fim da Segunda Guerra, com o lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki, ocasionando a morte de milhares de indivíduos, o mundo se chocou e foi surpreendido com a potencialidade de destruição que tinha se alcançado com o crescimento tecnológico e industrial (WATANABE, 2010).

Segundo Nascimento (2011) outro acontecimento marcante a ser analisado foi os resultados negativos da industrialização no campo, onde os pesticidas aparentavam ter vencido para sempre os problemas das pragas. Até que, em 1962, a bióloga Rachel Carson apresentou, nos Estados Unidos, o livro "*Silent Spring*", falando os perigos trazidos pelos inseticidas e pesticidas. Carson garantia que os produtos químicos eliminavam os insetos e pragas prejudiciais, porém até os benéficos, matavam o solo e intoxicavam as pessoas.

Assim, de acordo com Watanabe (2010), os grandes acidentes em prejuízo do meio ambiente aconteceram ainda por todo século XX. Em dezembro de 1984, a cidade de Bhopal, na Índia, teve uma contaminação de 40 km² de gás tóxico. Aproximadamente 200 mil pessoas se queimaram ou ficaram cegos, 10 mil faleceram na hora e ainda hoje as vítimas que sobreviveram tem problemas respiratórios ou no aparelho digestivo. O motivo foi um acidente na fábrica de pesticidas Union Carbide, multinacional com sede nos Estados Unidos.

No entanto, Melo (2011) menciona que as chuvas ácidas também ficaram comuns perto dos grandes campos industriais e urbanos do mundo, deixando os Grandes Lagos da América do Norte e os Lagos Alpinos poluídos. Em abril de 1986, aconteceu o maior acidente nuclear na Usina Nuclear de Chernobyl, situada na Ucrânia, então parte da União Soviética. É analisado o pior acidente da história da energia nuclear, causando uma nuvem de radioatividade que alcançou a União Soviética, Europa Oriental, Escandinávia e Reino Unido. Grandes áreas da Ucrânia, Bielorrússia e Rússia foram muito infectadas, derivando na evacuação e reassentamento de quase 200 mil pessoas. Não é fácil precisar o número de mortos ocasionados pelos eventos de Chernobyl, devido às mortes esperadas por câncer, que ainda não aconteceram e são complicadas de impor especificamente ao acidente. Um relatório da ONU de 2005 atribuiu 56 mortes até aquela data – 47 trabalhadores

e 9 crianças com câncer de tireoide – e avaliou que aproximadamente 4000 mil pessoas falecerão de doença ligada com o acidente.

Observa-se que o perigo causado pela industrialização do mundo faz aparecer movimentos de resistência e conscientização (educação, informação ecológica) no sentido de se inventar normas e organismos que controlem os riscos presentes e principalmente a noção relacionada com o futuro ambiental da humanidade.

Bernardes (2007, p. 54) relata que

Estes são acidentes de proporções que abalaram e ajustaram ao mundo a precisão da tomada de consciência ajustando melhor o crescimento tecnológico e industrial, colocando normas mais severas com relação ao uso e exploração do meio ambiente, com o intuito de fazer uma prevenção e precaução as casuais catástrofes que podem ocorrer.

Entende-se que os desastres geológicos ambientais apenas serão impedidos quando tiver a produção de conhecimentos técnicos, capazes de detectar, entender, monitorar e nortear quanto aos métodos de uso e ocupação do solo urbano e o seu indispensável gerenciamento nas políticas governamentais.

Com efeito, pontua Milaré (2013), harmonizar meio ambiente e desenvolvimento constitui analisar os problemas ambientais dentro de um procedimento sucessivo de planejamento, atendendo-se de modo adequado às reivindicações de ambos e ressaltando as suas inter-relações particulares a cada situação sociocultural, político, econômico e ecológico.

Assim, surgem muitas outras grandezas nas quais transluz a preocupação em estabelecer a ecologia numa visão totalizante e planetária, normalmente anexa à palavra “holística”, ou melhor, que compreende o todo da vida e a vida em todas as suas formas. Atualmente o núcleo das preocupações ecológicas se prende às ameaças contra a biodiversidade, com o concludente risco de desaparecimento de muitas espécies de plantas e animais. Nessa acepção, para perceber mais visivelmente as ameaças e as probabilidades de superação, convém, antes de mais nada, resgatar determinadas linhas mestras que nortearam as reflexões éticas e ecológicas nestas últimas três décadas (LEFF, 2010).

A fauna e a flora, os rios, os mares, as montanhas. Todos os elementos da natureza tem uma função a cumprir. E para que isso aconteça é necessário existir uma estabilidade. Diversos povos e civilizações entenderam, no decorrer da história, a precisão de resguardar as áreas naturais com qualidades especiais, por pretextos

os mais diferentes: essas áreas precisavam estar ligadas a mitos, fatos históricos definidos e o amparo de fontes de água, buscam plantas medicinais e diversos recursos naturais (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2015).

Ainda conforme o Ministério do Meio Ambiente (2015) com o decorrer do tempo, várias áreas naturais ficaram extintas para dar espaço à ocupação humana. Animais e plantas ficaram extintos, uns desapareceram e diversos, atualmente, embora passam por risco de extinção. Nosso país é estimado megabiodiverso, onde se localiza uma enorme diferença de espécies da fauna e da flora, composições extraordinárias ecossistemas que nos proporcionam um dos excelentes climas do mundo, água pura e em enorme abundância, terras férteis e paisagens paradisíacas. Essa é a nossa maior vantagem, esse é o nosso legado: contemos uma natureza que nos proporciona todos os recursos de que necessitamos para viver bem. E esse legado precisa ser resguardada.

1.2 Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade

Historicamente, constata-se que o homem sempre explorou os recursos naturais do planeta, gerando resíduos, sem se preocupar com os efeitos sobre o meio ambiente. As soluções para os problemas ambientais causados pelo homem sempre tiveram como diretriz a lei do menor esforço, ou seja, a eliminação dos seus efeitos negativos através do simples afastamento do poluente gerado, da sua diluição ou dispersão (ALBUQUERQUE, 2012).

O discurso sobre o desenvolvimento sustentável foi adotado pelas empresas e indústrias que incorporaram em sua gestão, ações voltadas para a questão ambiental. Não é mais possível o discurso da conservação ambiental e desenvolvimento econômico de forma divergente, há uma relação intrínseca entre a pobreza e a degradação ambiental. A desordem econômica e social propicia a desordem ecológica e cultural. É necessário considerar o desenvolvimento em suas dimensões natural, tecnológica, social, econômica, política, histórica e cultural (SOUZA, 2011).

Viver de forma sustentável é aceitar o dever de buscar a harmonia com as outras pessoas e com a natureza. O desenvolvimento sustentável é a reconciliação entre as pressões aparentemente conflitantes do desenvolvimento econômico, da proteção ambiental e da justiça social (ALBUQUERQUE, 2012).

Sabe-se que desde o início dos tempos, a fixação do Homem à terra e do surgimento do conceito de propriedade, os indivíduos passaram a utilizar os recursos naturais para suprir suas necessidades de subsistência. A relação homem/natureza é estabelecida em função das relações e interações sociais por ele desenvolvidas a partir das condições materiais estabelecidas, seja como indivíduo ou como organização (PAIVA, 2013).

Segundo Albuquerque (2012, p. 42), a responsabilidade do crescimento econômico está centralizada na atividade industrial,

o procedimento de industrialização e a procura de resultados econômicos apresentam em si a constituição do perigo e do risco ambiental conforme que transformam o estado de estabilização da natureza com seus efeitos. A relação do homem com a natureza está fundamentada em uma composição de exploração, onde a mãe natureza é generosa e provê todas as precisões do homem sem exigir nada em troca. Por longo período, a afinidade do homem com a natureza está fundamentada na exploração dos meios proporcionados pela natureza e não na permanência dos recursos, sem naturalmente adotar como ideia principal a sua utilização de maneira sustentável.

Sustentabilidade é um termo utilizado para determinar atos e atividades humanas que tem em vista preencher as precisões que os seres humanos têm agora, sem afetar o futuro das próximas famílias. Ou seja, a sustentabilidade está ligada à ampliação econômica e material sem atacar o meio ambiente, utilizando os recursos naturais de forma inteligente para que eles se conservem futuramente. Abraçando estes parâmetros, a humanidade pode ter garantido o crescimento sustentável. (ARRUDA; QUELHAS, 2010).

Santos (2011) expõe que o Conceito de Sustentabilidade é complicado, já que recebe a um conjunto de variáveis interdependentes, porém expõe que precisa ter a capacidade de juntar as Questões Sociais, Energéticas, Econômicas e Ambientais. E a expressão sustentável origina do latim "*sustentare*", que tem o significado de sustentar, ajudar, manter. O conceito de sustentabilidade está normalmente fazendo uma relação com uma mentalidade, caráter ou tática que é ecologicamente adequada, transitável a nível econômico, socialmente equitativo e com uma diversificação cultural.

A Sustentabilidade é o modo de sustentação, ou seja, da qualidade de manutenção de algo. Este algo é o homem, sua forma de vida enquanto espécie biológica, individualidade psíquica e ser social, o meio ambiente e as demais formas de vida no planeta. Embora o ser humano possua autonomia de existência, não possui

independência da natureza, pois, por mais que se mostre ser sociocultural, ainda é biológico (ALBUQUERQUE, 2012).

Goldsmith *et al.* (1972 *apud* ALBUQUERQUE, 2012, p. 79), “define uma sociedade como sustentável quando todos os seus propósitos e intenções podem ser atendidos indefinidamente, fornecendo uma ótima satisfação para seus membros”. Sustentabilidade é quando há desenvolvimento econômico, com o uso dos recursos naturais de forma inteligente, sem agredir o meio ambiente.

De acordo com Garcia (2018) a sustentabilidade é,

um assunto cada vez mais debatido, e seguido por várias firmas no mercado que atuam frente aos problemas sociais e ambientais que encaramos em nosso planeta. Verifica-se que a deterioração provinda da atuação do homem ao passar do século provocou graves efeitos à natureza e à sociedade, e hoje em dia estas consequências que ocorreram nos fazem pensar para que alguma coisa seja feita para tornar mínimo este problema mundial. As organizações preocupam-se cada vez mais para que alguma coisa seja transformada tendo em vista fazer uma preservação do meio ambiente. Esta preocupação precisa partir das firmas, sociedade e precisa de maior participação do governo. É com esta inquietação e a intenção de resolver o problema atual, que surge a sustentabilidade.

Ressalta-se que fazer a preservação do meio ambiente e ainda fazer com que garanta o desenvolvimento, este é o intuito de todas as obras que garantam a sustentabilidade ambiental. Incide na sustentação das funções e elementos do ecossistema, de uma maneira sustentável, procurando a conquista de medidas que sejam realistas para as esferas das atividades humanas.

Segundo Boff (2008) a categoria sustentabilidade é fundamental para a cosmovisão ecológica e, provavelmente, compõe um dos baseamentos do novo paradigma civilizatório que busca a harmonização do ser humano, desenvolvimento e Terra entendida como Gaia. Comumente a sustentabilidade surge ligada ao desenvolvimento. Oficialmente o conceito desenvolvimento sustentável foi utilizado primeiramente na Assembleia Geral das Nações Unidas em 1979. Foi adquirido pelos governos e pelos organismos multilaterais

Ainda Boff (2008) expõe que o termo sustentabilidade apostado à causa ambiental apareceu como um conceito compreensível no anos 80 por Lester Brown, que fundou o *Worldwatch Institute*. O sentido tornou-se um padrão adotado por todo o mundo com poucas mudanças representa o seguinte: Fala-se que uma comunidade é sustentável quando atende inteiramente suas precisões de forma que preserve as condições para que as gerações que viram futuramente também o façam. Assim, as

atividades conferidas por agrupamentos humanos não interferem prejudicialmente nos períodos de renovação da natureza e nem apagam esses recursos de forma a privar as gerações que viram futuramente de sua assistência.

Para Santos (2011) o conceito de sustentabilidade foi apresentado na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (*United Nations Conference on the Human Environment - UNCHE*), feita na Suécia, na cidade de Estocolmo de 5 a 16 de junho de 1972, a primeira palestra das Nações Unidas sobre o meio ambiente e a primeira grande reunião internacional para debater as atividades humanas relacionadas ao meio ambiente. A Conferência de Estocolmo disseminou os fundamentos das obras ambientais em nível internacional, titulando a atenção internacional principalmente para questões pautadas com a degradação ambiental e a poluição que não se restringe às fronteiras políticas, porém danifica países, regiões e povos, situados muito além do seu ponto de origem.

Garcia (2009) evidencia que a Declaração de Estocolmo, que se revelou em um Plano de Ação, determina princípios de preservar e melhorar o ambiente natural, lançando a precisão de ajuda financeira e assistência técnica a comunidades e países menos ricos. Ainda que o termo desenvolvimento sustentável não fosse usado, a declaração, no seu item 5, já falava sobre a precisão de melhoramento do ambiente humano para as gerações de agora e as que virão futuramente, com o intuito a ser obtido junto com a paz e o desenvolvimento econômico e social.

A ECO-92 - oficialmente, Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento -, feita em 1992, no Rio de Janeiro, firmou o conceito de desenvolvimento sustentável. Uma conquista importantíssima foi da Conferência por esses dois termos, meio ambiente e desenvolvimento, ligados - consolidando a chance somente esquematizada na Conferência de Estocolmo, em 1972, e aplicando o uso do conceito de desenvolvimento sustentável, defendido, em 1987, pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Comissão Brundtland) (BOFF, 2008)

O termo desenvolvimento sustentável foi utilizado pela primeira vez, em 1987, por ocasião da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pela ONU, presidida pela então primeira-ministra da Noruega *Gro Harlem Brundtland*. Essa comissão propôs que ao desenvolvimento econômico fosse integrado à questão ambiental e na década de 1980 publica oficialmente, no relatório de *Brundtland*, o conceito de desenvolvimento sustentável como o processo “que atende as

necessidades das gerações presentes sem comprometer a possibilidade das gerações futuras satisfazerem suas próprias necessidades” (ALBUQUERQUE, 2012, p. 78).

Souza (2011) afirma que, para alcançarmos o modelo de desenvolvimento sustentável definido pela ONU, será necessário atender pelo menos cinco dimensões por ele definidas: a social, a econômica, a ecológica, a espacial e a cultural, ou seja, praticarmos um modelo economicamente viável, socialmente justo e prudente ecologicamente.

Ser sustentável é instituir ações que levem a vantagens competitivas, tendo como finalidade ocasionar o bem estar para a geração presente que garanta a qualidade de vida para futuras gerações. O conceito de desenvolvimento sustentável está hoje totalmente integrado ao conceito de responsabilidade social e responsabilidade ambiental, não haverá crescimento econômico em longo prazo sem progresso social e sem cuidado ambiental. Todos os lados devem ser vistos e tratados com pesos iguais, mesmo porque estes são aspectos inter-relacionados (PEREIRA, 2012, p. 31).

O desenvolvimento sustentável é atender as necessidades da geração atual sem comprometer a satisfação das necessidades das gerações futuras. Novas estratégias sejam pensadas, estratégias estas que precisam observar as necessidades ambientais e sociais do planeta.

1.3 Educação ambiental (EA)

A educação permite a criação de entidades capazes de dialogar com o mundo, uma vez que é no diálogo que as pessoas se libertam de princípios, conceitos pedregosos e desatualizados. A educação é uma poderosa ferramenta de intervenção no mundo para desenvolver novos conceitos e mudar hábitos. É do mesmo modo um fator chave na construção do conhecimento e a maneira pela qual o desenvolvimento intelectual ocorre de geração em geração.

De fato, a educação estimula o pensamento crítico e leva a discussões que despertam o interesse dos alunos. A educação necessita promover a autonomia dos estudantes em relação à cidadania, porque se isso não acontecer, não haverá realmente libertação (CUBA, 2010).

A Educação Ambiental (EA), por não ser uma disciplina do currículo escolar da Educação Básica brasileira, frequentemente, estando sujeito da constituição do corpo docente e do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, não é exposta ou, quando é feita, acontece inicialmente, fragmentada, isolada no conhecimento de

determinadas disciplinas (LEFF, 2010). Ao analisar a educação ambiental em toda a extensão, é extremamente importante levar em consideração diversos aspectos que precisam orientar seu desenvolvimento. Portanto, vê-se que a mesma necessita ser considerada em uma visão interdisciplinar, multidisciplinar e integradora de diversos conhecimentos bióticos e abióticos (MENDONÇA, 2014).

A EA, ao ser trabalhada com eficácia e a didática com responsabilidade, oferece formação do aluno com consciência ética do planeta. De cidadãos locais, os alunos podem desenvolver uma capacidade de entendimento do mundo em rede e que o conhecimento da mudança de planos locais alcançará outras dimensões em nível global (MORIN, 2011).

Do ponto de vista da educação ambiental nas escolas, o professor é intermediário no processo de ensino e aprendizagem, instituindo o conhecimento em suas diversas dimensões, gerando articulações no contexto local e estabelecendo representações por meio da realidade e da experiência dos próprios alunos, inserindo na prática, o ensino com temas transversais, ou seja eixos que geram conhecimento, que nascem de experiências específicas, possibilitando aproximar o conhecimento científico da vida cotidiana. No entanto o conhecimento tem mais valor quando estabelecido coletivamente, onde acontece uma troca de saberes, com que sabe-se e o que aprende-se. É com esta constituição coletiva que o ensino precisa se preocupar mais (SATO; CARVALHO, 2009).

Para Trigueiro (2012) a discussão sobre EA na escola vai além da discussão a respeito da sustentabilidade ambiental, pois fornece uma mudança na estrutura mental da sociedade referentes a todas as questões pertinentes à natureza. Perante da persistência do pensamento sobre as relações com o meio ambiente, o homem se percebe como parte de si mesmo, não como um elemento separado. De qualquer forma, a escola deve acompanhar as mudanças e necessidades do mundo contemporâneo, e a questão da proteção ambiental é um dos maiores problemas do mundo moderno.

Por conseguinte, Morin (2011) menciona que a EA deve ser desenvolvida e vivenciada de modos distintos, principalmente nas escolas, onde o espaço é promissor para a aprendizagem, o conhecimento e a transformação de conduta. Quase sempre, a promoção da EA é impedida pela pouca institucionalização da questão ambiental nos PPPs, currículos e outros dados normativos as instituições educacionais; ou pelas restrições dos docentes desenvolvendo a temática ambiental

a partir dos teores disciplinares; ou pela falta de material didático; ou mesmo pela inadequada estrutura e ergonômica das escolas para desenvolver práticas educativas em EA, contribuindo para que os estabelecimentos de ensino façam a reprodução de um modelo de conduta que não se comprometa com a sustentabilidade socioambiental.

Medeiros e Mendonça (2012), a cada dia que passa a questão ambiental tem sido analisada como uma realidade que precisa ser trabalhada com toda sociedade e especialmente nas escolas, uma vez que os alunos bem informados a respeito dos problemas ambientais, se tornarão adultos mais preocupadas com o meio ambiente, além do mais serão transmissores dos conhecimentos que obtiveram na escola sobre as questões ambientais em sua casa, família e vizinhos.

Contudo, Medeiros *et al* (2011) menciona que a educação ambiental passou a ser lei em 27 de Abril de 1999, pela Lei N° 9.795 – Lei da Educação Ambiental, onde em seu Art. 2° afirma: “A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”.

1.4 Educação ambiental na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A Educação Ambiental não pertence a uma exclusiva disciplina ou a um campo do conhecimento, o que impossibilita resumir ou fragmentar essa educação. Na sua diversidade, tem na sua formação, uma natureza interdisciplinar que anuncia a importância da sua inclusão em todos os currículos escolares. Nesse ponto de vista, foram elaborados documentos norteadores da Educação Básica, como os Padrões Curriculares Nacionais (PCNs) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), propondo trabalhar a educação ambiental nas escolas como tema transversal e não disciplinar. Da mesma forma, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) preconiza esse tipo de abordagem, como será discutido adiante (BRANCO *et al.*, 2018).

Para Weyand *et al* (2010), é justo pronunciar que os diversos eventos, debates e contestações sobre a temática ambiental, ocorridos nas últimas décadas, convieram de marco para a Legislação Ambiental e a Educação Ambiental. A Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA) (1981), onde a educação ambiental aparece pela primeira vez na legislação de forma integrada no art. 2°, inciso X, da Lei nº 6.938, de 1981, que

estabeleceu a PNMA; a Constituição Federal (1988), onde o VI capítulo é destinado ao meio ambiente. Deste modo, essa série de discussões e a concepção de mecanismos legais pertinentes à preservação do meio ambiente também incluíram mudanças no sistema educacional, especialmente no que diz respeito à educação ambiental, tais como, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei nº 9.904/96.

Posteriormente, Tommasiello *et al* (2015) afirmaram que as disciplinas transversais foram inseridas nas PNCs para o Ensino Fundamental em 1996, não como áreas específicas do conhecimento, entretanto como conteúdos ensinados no interior das áreas instituídas. Os PCNs enfatizam a importância da transversalidade e interdisciplinaridade da educação ambiental, uma vez que não pode ser limitada a uma exclusiva disciplina do currículo. Contudo, em sua situação crítica e notoriedade de importância, é amplo e envolve todas as áreas e disciplinas recomendadas na Educação Básica. O tema transversal “Meio Ambiente” tem como prioridade contextualizar as questões relacionadas ao meio ambiente conforme as fatos vivenciados locais e regionais.

Logo, Pereira e Guerra (2018) relatam que a Lei nº 9.795/99 instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) e recomendou que os PCNs trabalhassem com a transversalidade do meio ambiente no Ensino Fundamental. A PNEA veio fortalecer e qualificar o direito de todos à EA, apresentando seus princípios e objetivos, pois os temas transversais abordam questões importantes, de urgência que acontecem em diversos aspectos da vida cotidiana e perpassam todas as disciplinas instituídas.

Em seguida, as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Ambiental (DCNEA) também preconizam a implementação da Educação Ambiental e a preservação do meio ambiente como responsabilidade de todos, dever do exercício da cidadania para o bem comum (BRASIL, 2013).

Na mesma linha, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) defende a necessidade de uma sociedade sustentável. Para a sociedade brasileira e considerando as reflexões iniciais sobre educação ambiental, as crescentes conquistas são evidenciadas especialmente em documentos legais e norteadores. Nessa acepção, torna-se necessário expor a política referente ao tema incluindo as influências da legislação.

A Base Nacional Comum Curricular - BCN foi elaborado com o finalidade de amparar as redes municipais de educação na efetivação da Educação Infantil.

Aprovada em dezembro de 2017, a BNCC precisa ser praticada em todos os ambientes e salas de aula da Educação Infantil e do Ensino Fundamental a partir de 2020. Os parâmetros da BNCC se encontram embasados em um conjunto de normas ou leis que regulamentam a Educação Nacional (FERREIRA, 2019).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é uma exigência no Sistema Nacional de Educação anunciada na Constituição Federal de 5 de outubro de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 22 de dezembro de 1996.

Os alunos sempre tiveram direitos de aprendizagem e com a BNCC, obtiveram maior favorecimento, contudo o professor necessita sempre tê-los em pensamento para assegurar que as experiências sugeridas permaneçam de acordo com os fatores estimados essenciais no processo. Os docentes dos tempos modernos precisam estar ocupados especialmente em ensinar seus alunos a aprender e implementar ações, ao oposto de serem exclusivamente fontes de conhecimento (BNCC, 2018).

É imprescindível adotar providências adequadas para pesquisar, atualizar e aprimorar as desenvolvimentos pedagógicas, por meio de programas aprimorados ao desenvolvimento de pessoal. A situação da educação escolar deve atender o aspecto didático-pedagógico de forma satisfatória e com eficácia para que os alunos não sejam prejudicados

O principal objetivo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é promover a equidade na educação, na medida em que garante aos alunos o acesso ao mesmo conteúdo nas escolas de todo o país, e, com isso, reverter a histórica situação de exclusão social (BRASIL, 2016).

No entanto, as mudanças propostas suscitam dúvidas sobre a implementação de Temas Contemporâneos Transversais e questões sobre articulação os tópicos com o outro conteúdo; como contextualizar e trabalhar os tópicos nas áreas de conhecimento e como mostrá-los como relevância deste conteúdo para a educação do cidadão.

O governo federal sugeriu reformas nas escolas de ensino fundamental e médio entre 2017 e 2018 para implementar a nova Base Nacional Curricular (BNCC), que não aborda explicitamente os temas transversais (incluindo educação ambiental).

Segundo Novicki e Souza (2010), as questões ambientais têm sido inseridas nos espaços formais e informais de aprendizagem no Brasil e consagradas na Constituição Federal de 1988, bem como em outras áreas da política ambiental, como

a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA) e a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). Entretanto, no campo da educação formal, existem três no currículo escolar no Brasil hoje que abordam ou precisariam abordar a temática ambiental: Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No campo da educação ambiental, a BNCC utiliza diferentes abordagens para comparar as três versões.

Na primeira versão, não utiliza o termo “educação ambiental”, mas apenas afirma que os temas relacionados à discussão sobre meio ambiente, cidadania, direitos humanos e trabalho devem ser reconhecidos como formas de diálogo interdisciplinar e, assim sendo, como um tema transversal (PICCININI; ANDRADE, 2017). Nessa versão do BNCC teve colaborações de especialistas, da comunidade acadêmica, do setor educacional e de organizações, e até mesmo colaborações individuais na nessa versão. Esteve disponível por seis meses, outubro de 2015 a março de 2016 e proporcionou oportunidade de colaboração da comunidade (BRASIL, 2017).

Percebe-se que nesta primeira versão do BNCC, mais de 300 páginas de texto contendo o documento de Educação Ambiental não são citadas em lugar nenhum. Como esta é a primeira versão, a transição para seu meio ambiente, ética, direitos humanos, sexualidade e outras áreas é relativamente favorável.

Depois de inúmeros contestações em seminários realizados de 23 de junho a 10 de agosto de 2016, foi lançada a segunda versão do BNCC. Marques *et al* (2109) mencionam que a segunda versão apresenta-se como uma ação de prática social, que deve-se constituir nas dimensões da educação escolar, do desenvolvimento do indivíduo, da relação da natureza social com a natureza e com as outras pessoas.

As Secretarias Estaduais de Educação de todas as unidades da Federação, sob a coordenação do Conselho Nacional dos Secretários de Educação (Consed) e da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), constituíram em ser os órgãos competentes para a condução desses conteúdos. Com a participação de mais de 9.000 professores, gestores e especialistas, a segunda versão do BNCC foi averiguada e revisada por especialistas de todo o mundo e do Brasil (BRASIL, 2017). Acredita-se que esta versão é a mais completa em termos a temas transversais e muitos outros tópicos podem ser abordados de várias maneiras. Há mudanças

profundas à frente da primeira versão, incluindo oportunidades para educação ambiental.

A terceira versão do BNCC, para a educação infantil e fundamental, não inclui o termo Educação Ambiental. A terceira versão, recomendada para a educação infantil e ensino fundamental, é a última versão aprovada pelo Conselho Nacional de Educação em dezembro de 2017 (PEREIRA BRANCO *et al*, 2018).

A terceira versão do BNCC foi exposta pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) ao Conselho Nacional de Educação (CNE) em 6 de abril de 2017 pelo Ministro da Educação. Posteriormente a entrega desta terceira versão, verifica-se que não há menção à Educação Ambiental, a qual está prevista em determinadas competências elaboradas e disponíveis nos primeiros documentos. O que parece pouco é sobre sustentabilidade, entretanto muito pouco para a relevância deste tema. Após a finalização da terceira versão, certas audiências públicas foram realizadas no Brasil, em todas as partes do país, para que pudessem ouvir as pessoas para a homologação final da Base, que ocorreu em dezembro de 2017. Ainda nessas audiências, fica claro que a Educação Ambiental foi pouco trazida ou nunca citada em nenhum momento (OLIVEIRA; NEIMAN, 2020).

A versão final da BNCC pertinente à Educação Infantil e Educação e Ensino Fundamental, teve sua aprovação pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em 15 de dezembro de 2017. Pode-se dizer que existiu determinadas mudanças relacionadas à terceira versão. O governo considerou o documento como “Base Nacional Comum Curricular revisado”, porém em outras áreas ele pode ser encontrado sob o título “Quarta Edição”. Apesar do nome, as mudanças relacionadas à terceira versão foram mínimas, especialmente no campo da Educação Ambiental. Nesta nova edição, foi adicionado um texto mais amplo sobre Ensino Religioso, obrigatório para todos os alunos do currículo escolar, e a disciplina é introduzida como um ambiente educacional que segue os mesmos modelos de outras áreas, como matemática, línguas e assim por diante (BRASIL, 2018).

Pode-se dizer que não houve avanços na área de educação ambiental, pois esta foi mencionada apenas uma vez na versão final, entre outros temas transversais, conforme demonstrado a seguir, citado por Oliveira e Neiman (2020, p. 47):

Os sistemas e redes educacionais, bem como as escolas, no domínio da autonomia e competência, apresentam currículos e recomendações pedagógicas para abordar as questões contemporâneas que afetam a vida humana a nível local, regional e global, de preferência de forma transversal e

integrativa. Em meio a esses temas estão: direitos da criança e do adolescente (Lei 8.069 / 1990), educação para o trânsito (Lei nº 9.503/1997), Educação Ambiental (Lei nº 9.795/1999, Parecer CNE/CP nº 14/2012 e Resolução CNE/CP nº 2/2012), educação alimentar e nutricional (Lei nº 11.947/2009).

Considera-se indispensável destacar que essa referência é a única parte de um documento de 470 páginas que menciona sobre Educação Ambiental, apresentando que para o governo que a temática da educação ambiental ficou totalmente em segundo plano na elaboração de uma Base que será usada por vários anos em todo o território brasileiro.

Alves (2018) descreve que realizaram várias audiências públicas e muitas das propostas foram enviadas através da Internet por várias pessoas e entidades, pelo que se pode argumentar que os debates a favor da aprovação da Base têm sido insuficientes. O governo assegurou que as audiências públicas e recomendações eram suficientes, contudo não informou sobre como todas as submissões foram analisadas e sistematizadas, por isso houve falta de transparência no processo.

Segundo Sorrentino e Portugal (2016), a BNCC não institui a Educação Ambiental como elemento curricular, recomendando que se deve ser incluída nos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de “temas contemporâneos” de preferência como “transversal e integradora”. Por conseguinte, seu estudo tornou-se importante para analisar o espaço para a introdução da Educação Ambiental (EA) nas escolas.

O interesse pela EA se baseia no fato de que alguns temas estão perdendo espaço no debate sobre a criação de um programa de educação básica. Partindo do currículo atual, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2016). Para Oliveira e Neiman (2020) a EA que tinha status de tema transversal, só é reconhecida pela difusão nos eixos da aprendizagem ambiental, cujo eixo está mais próximo do que se supõe ser uma interferência no mundo natural e social.

1.5 A importância da educação ambiental na escola

O meio ambiente tornou-se uma realidade que pode ser possível por todos, as quais possivelmente podem fazer parte desse processo. Entretanto, é por meio da Educação Ambiental na escola, os alunos podem compreenderem da melhor forma os problemas ambientais existentes. A preocupação ambiental ainda é

importantíssima para toda a sociedade, que pode procurar alternativas que não comprometem ainda mais a saúde do planeta (MENDONÇA, 2009).

Assim, segundo Mello e Perez (2011), consideram o professor nessa caminhada como um grande alinhado no trabalho de conscientização ambiental com os alunos, pois, os mesmos tem confiança, e ouvem com mais facilidades tudo que seu professor ensina em sala de aula, tendo ele como um grande mentor das atividades relacionadas com a escola.

Ressalta-se que um meio ambiente sustentável é uma prática possível. Assim, acredita-se que todos juntos é possível praticar a Educação Ambiental (EA) sendo na escola, comunidade e empresas os quais devem estar todos cada vez mais atentos em alcançar e evidenciar um papel ambiental adequado, controlando os efeitos de suas atividades, de seus produtos ou serviços, considerando sua política e seus desígnios ambientais cada vez mais apropriados.

A Educação Ambiental realizada na escola pode fazer com que os alunos tenham uma consciência ainda maior da sua preservação. Assim, a escola educa; por sua vez além disso é responsável pela sociedade. A educação ambiental é um modo compreensivo de educação, por meio de um método pedagógico participativo que infiltra no estudante um pensamento crítico sobre os problemas ambientais (MENDONÇA, 2009).

Não se discute a precisão de conservação e defesa ambiental. Para tanto, as pessoas devem ser conscientizadas e, para que esta tomada de consciência se propague entre as gerações atuais e as que virão futuramente, é de suma importância trabalhar a educação ambiental dentro e fora da escola, compreendendo projetos que estejam envolvendo os estudantes.

A ação direta do docente na classe é um dos modos que leva a Educação Ambiental à comunidade, já que um dos meios básicos no método de conscientização da sociedade dos problemas ambientais é o professor que tem a capacidade de desenvolver e levar a seus alunos a conscientização, importância, costumes e caracteres sadios de conservação ambiental, respeito à natureza, fazendo com que tornem-se cidadãos conscientes e que se comprometem com o futuro do país (ARRUDA; QUELHAS, 2013).

Considerando a importância da temática ambiental é indispensável que seja desenvolvido na escola conteúdos, isto é, meios que possam colaborar com a conscientização de que os problemas ambientais necessitam ser resolvidos por meio

de uma postura participativa de professores, alunos e sociedade, pois, a escola precisa oferecer possibilidades de sensibilização e motivação para uma implicação ativa dos mesmos (MORIN, 2011).

Por conseguinte, no currículo escolar são abordados diversos aspectos de ecologia, entretanto de maneira fragmentada e geralmente separado da realidade dos alunos. Trabalhar assim não gera uma sensibilização dos educandos frente às questões ambientais. Compete aos educador estimular o aluno a refletir sobre a realidade na qual vive, possibilitando a edificação de um cidadão consciente de suas ações (RIPPLINGER, 2009).

Watanabe (2011) destaca que a conversa sobre práticas ecológicas são de extrema importância, pois, a educação ambiental deve ser trabalhada em qualquer lugar, independente onde for, idealizada como um assunto indispensável, em especial como práticas pedagógicas as quais possam contemplar as necessidades educacionais da comunidade escolar e familiar os quais possam serem conscientizados em praticar as ações ecológicas.

Por conseguinte, é um desafio é que se faz imprescindível na escola, é que sejam oferecidas aos educadores qualidades para que possam trabalhar questões e atividades de educação ambiental os quais tenham a capacidade de conduzir a práticas pedagógicas, materiais didáticos, guias curriculares e projetos que estimulem o debate, a reflexão a respeito das questões ambientais e a constituição de uma consciência crítica.

Logo, destaca-se que a importância de transmitir a todos no âmbito escolar a importância da sustentabilidade, pois, assim, todos trabalharão em um só objetivo, em prol do benefício do meio ambiente e obter uma relação baseada na sustentabilidade. Assim sendo, acredita-se que cada vez mais a conscientização dos indivíduos como cidadão, entendedor de seus direitos e deveres na sociedade, tem exigido uma postura adequada, para que aja de modo ecologicamente correto.

1.6 A inclusão da Educação Ambiental na BNCC

A educação é concretizada com o outro que do mesmo modo é sujeito, que garante uma personalidade e individualidade respeitadas no processo de questionamento, comportamento e realidade. Portanto, surge assim o entrelaçamento da Educação Ambiental com a Abordagem Sócio-Histórica de Vygotsky que busca

abranger o ser humano a pessoa, em seu contexto, na relação com o outro, com o mundo e consigo mesmo (VYGOTSKY, 1991).

Por estar tratando de possibilidades do realizar a Educação Ambiental na escola, destaca-se a importância da inserção da E.A, a partir da teoria de Vygotsky, no documento da BNCC, onde o conhecimento é estabelecido exatamente na interação em meio aos sujeitos, e suas ações na aprendizagem são mediadas socialmente na educação. O sujeito é interativo e se edifica em circunstâncias sólidas da vida, e por meio da interação com outras pessoas. A teoria histórica e cultural dá preferência aos mediadores da linguagem e da semiótica, que não dependem da realidade material ou da prática humana, mas permitem a construção simbólica de uma realidade específica do sujeito (PIRES, 2011).

Todos sabe-se que a Educação Ambiental é essencial para o país, sendo imprescindível ser inserida com efetividade e de modo satisfatório. Santinelo *et al* (2016), faz uma crítica recorrente ao BNCC que é a ausência do termo Educação Ambiental neste documento, por se tratar de um tema de natureza interdisciplinar e precisa ser mencionado em todos os tópicos, mas não é o caso, pois é referido somente uma vez no documento.

De acordo com Santos e Costa (2018), a função da escola não é apenas sensibilizar para as questões ambientais, mas torná-la mais abrangente, interdisciplinar e eficaz. A elaboração da BNCC é uma tentativa de padronizar o conteúdo que pode ser utilizado nas escolas do Brasil, mas precisa-se ser focar nos aspectos regionais de cada parte do Brasil e abordar questões importantes com mais precisão, o que não é o último documento.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA) aprovou mais de 500 páginas de documentos aprovados e homologados em junho de 2012 e atende aos requisitos constitucionais (artigos 22 e 210) prevendo que serão anexos conteúdos mínimos para o ensino fundamental e para a educação geral, assegurando o respeito aos valores culturais, artísticos nacionais e regionais” (BRASIL, 2013).

Logo, com embasamento nesses dois artigos, o DCNEA fornece um estrutura para a orientação, promoção e desenvolvimento da educação básica, amparado por lei que regulamenta a educação no país. Este é um documento abrangente e orientador para todos. Suas diretrizes são revisados ao longo do tempo e em constante atualização (BRASIL, 2013).

Segundo Marques (2019), esse documento tem uma base legal que garante a correta e sólida formação das escolas, visto que muitas atividades relacionadas à questão ambiental já são realizadas no ambiente escolar, cobrindo todas as práticas de aprendizagem pertinentes às atividades em todos os níveis de ensino. A evidência é instituída na construção.

Para Dias (2018), conforme as DNCEA, a Educação Ambiental precisa estar no currículo de todas as disciplinas, não devendo haver necessidade de se criar uma disciplina de Educação Ambiental, porque deve ser transversal, e deve ser coerente, contínua e sustentável com as demais disciplinas e atividades escolares em todos os níveis de ensino. A ênfase é colocada na construção interdisciplinar e da “cidadania ambiental”. É um documento abrangente projetado para ajudar a abordar questões de educação ambiental e auxiliar instituições de ensino.

Deste modo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) é um documento aprovado em 1988 e dividido em diversos arquivos, cada um dos quais contendo questões de uma determinada disciplina ou ciclo de formação, como Fundamental I ou Fundamental II. Existe um volume especial chamado Temas Transversais que aborda o Meio Ambiente. Os PCNs do mesmo modo destacaram a necessidade de abordar de forma transversal a Educação Ambiental, e que todo professor precisa adaptar-se a problemática ambiental ao seu ambiente modo a refletir de forma clara e objetiva os valores a serem ensinados (PEREIRA BRANCO *et al*, 2018).

A BNCC precisará orientar os currículos das escolas de todo o Brasil, dando início na rede pública até a rede particular, abarcando os conhecimentos principais, as competências e as aprendizagens almejadas para todos os alunos da Educação Básica do Brasil (BRASIL, 2017).

Assim, enfatiza-se, que a Educação Ambiental, essencial para todos os cidadãos, ganhou importância no Brasil a partir da introdução do artigo 225 sobre meio ambiente após a Constituição de 1988 e tornou-se obrigatória na educação no Brasil com a promulgação da Lei 9.795/99. Para atender a essa exigência, surgiram as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Ambiental e os Parâmetros Curriculares Nacionais. Porém, em dezembro de 2017, o governo federal aprovou uma nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que substituiria o PCN e envolveria os currículos escolares, e a educação ambiental era praticamente inexistente (SORRENTINO *et al*, 2015).

Percebe-se que mesmo depois de vários debates sobre a versão sobre os documentos preliminares da BNCC, onde é citado por alguns especialistas, como uma falta de questões transversais, ainda havia retrocessos em comparação com todos os regulamentos anteriores. Ficou evidente que o governo desprezou a questão e publicou o documento ainda com essa grande falha, pois foram várias as versões da BNCC e quando a gente pensa que a versão aprovada foi aquela considerada pelos educadores como a mais retrógrada, a impressão que dá é que a anulação de uma educação ambiental é projeto de governo e não simplesmente desconhecimento.

É importante ressaltar que este mestrado foi de grande valia tanto no processo profissional, quanto no processo da dissertação e do produto educacional. Acredita-se que o que foi proposto para avaliação é o desejo de transformação no ensino de língua inglesa referente aos valores ambientais, mas que poderá ser aprofundando ainda mais nesse contexto trabalhado, podendo esse processo ressignificar a prática educacional na área da língua inglesa.

A Educação Ambiental tem sido negligenciada por algumas instituições de ensino, até mesmo em livros didáticos anteriores. Segundo Dias (2018), a BNCC gera mudança individual em todos os currículos e, nesse cenário uma discussão sobre a pluralidade e aspectos relevantes dos gestores da educação pública no Brasil, bem como da sociedade como um todo, deve se beneficiar da mudança que são indispensáveis.

Sabe-se que a EA pode vir de uma forma fragmentada e limitada de abordar o cuidado pessoal, a lógica do cuidado com o meio ambiente e o conceito de conservação da natureza ou ecologia para outras gerações para proteger o meio ambiente. Os reais problemas ambientais atuais são o modelo de desenvolvimento econômico em que vivemos, assim como a sociedade de consumo, superprodução de bens, obsolescência programada, acúmulo de lixo, privação de saneamento básico, sofrimento e pobreza entre outros problemas que costumam afetar a população marginalizada (NOVICKI; SOUZA, 2010).

Santineló *et al* (2016, p. 01) enfatiza que “a necessidade de promover a EA é uma consonância pública; a preocupação em salvar as vidas de nosso planeta nunca foi tão clara e imprescindíveis”, entretanto a BNCC ignora esse consenso, mesmo que as atuais contrarreformas educacionais sejam divulgadas para unificar a opinião pública, como a necessidade da educação com qualidade, conhecimento crítico e reflexivo, isso leva à igualdade, e quando nos afastamos das aparências e focamos

na análise de sua essência, alcançamos o parecer de centralização curricular, a qual contraria o que se acredita alcançar com a EA.

Arrisca-se a assegurar que a centralidade das assuntos socioambientais é amplamente reconhecida por diversos setores da sociedade, mas que “esse tema vem sendo desenvolvido de forma fragmentada por meio de projetos individuais” (SANTINELO *et al*, 2016, p. 1), de forma que a atual política de educação não vai na direção contrária se depender da BNCC; ao contrário, pode-se detectar que há um evidente cancelamento de graves polêmicas socioambientais, o que dificulta ainda mais a sua incorporação ao currículo escolar.

Assim, percebe-se que há uma perda de espaço da EA, que é dominada pela segregação em disciplinas, e como tema integrado em apenas três disciplinas, com a introdução dependente da autonomia escolar, os 40% restantes correspondem à realidade pedagógica (diversidade) das escolas no currículo. Uma das principais críticas à estrutura do BNCC é que dificilmente haverá espaço ou nenhum para declarações de instituições de ensino (PICCININI; ANDRADE, 2017).

Assim, acredita-se na possibilidade do descumprimento das legislações aplicáveis e da supressão de um dos outros debates importantes à educação nacional. Não considera-se que a BNCC tenha esquecido a EA ou que as questões socioambientais não sejam relevantes para a educação, ao contrário, trata-se de uma opção política que visa a um afastamento acentuado da educação, principalmente em relação ao cotidiano socioambiental das escolas, sobretudo as públicas (SORRENTINO; PORTUGAL, 2016).

Vê-se que os objetivos como essas oferecem grandes oportunidades de integração disciplinar, além de promover debates socioambientais na BNCC. As ciências naturais, juntamente com a geografia, podem resolver problemas sociais e ambientais, permitir a análise do espaço, o impacto da urbanização nos diversos ecossistemas; história, revoluções industriais e seus problemas ambientais, entre muitos outros exemplos (PICCININI; ANDRADE, 2017).

Conforme Bernardes (2012, p. 32):

A Educação Ambiental desempenhada na escola tem a capacidade de ocasionar grandes benefícios relacionados aos alunos, aumentando assim cada vez mais a sua consciência ambiental. E deste modo, comecem a praticarem hábitos e atitudes de preservação ambiental. Não se discute a precisão de conservação e defesa ambiental. Para tanto, as pessoas devem ser conscientizadas e, para que esta tomada de consciência se propague entre as gerações atuais e as que virão futuramente, é de suma importância

trabalhar a educação ambiental dentro e fora da escola, compreendendo projetos que estejam envolvendo os estudantes.

Percebe-se que o que se demonstra na prática, é que a inserção da Educação Ambiental nas instituições educacionais ainda ocorre de forma muito introvertida. Na maioria das vezes se reserva à área de Ciências da Natureza, advindo em datas e projetos característicos. A apresentação da Educação Ambiental no currículo escolar é ajustada por documentos oficiais, que desempenham um papel extraordinário para a inserção da temática nas práticas educativas (ALVES, 2018).

Nessa acepção, ainda que o objetivo da educação, é adquirir conhecimentos de base histórica que possibilitem uma leitura crítica da BNCC em geral e do mundo natural e social, todavia sua composição fragmentada e centralizada em conteúdo. Sendo assim, os padrões das disciplinas escolares não admitem a estabilização de suas favoráveis proposições.

2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS AULAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA – INGLÊS CONFORME A REALIDADE DO ALUNO

Neste capítulo será discorrido sobre a integração interdisciplinar entre a língua inglesa e as questões ambientais que tem a capacidade de contribuir para que seja possível alcançar a conscientização e concepção das problemáticas ambientais, assim como promover atitudes de preocupação e transformação de atitudes em favor da conservação ambiental.

2.1 Ensinar e aprender línguas (língua estrangeira – Inglês)

O ensino de línguas estrangeiras, de maneira especial o inglês, mudou significativamente nas últimas décadas do século XX e tornou-se uma tarefa complexa e dinâmica, visto que seu objeto de conhecimento o uso eficaz da língua - passou a ser uma preferência (RODRIGUES), 2013).

Ainda segundo Rodrigues (2013), as transações no mercado global são realizadas por meio da Internet, o que exige um novo formato de trabalho com as informações. Este novo formato determina precisão na comunicação, sendo esta comunicação sempre realizada numa língua comum - a língua inglesa, que passou a ser a mais usada, em identificador de usuários, por aqueles que não a têm como prioridade em ser a primeira língua.

Para Siqueira (2005) o inglês é a principal língua da sociedade moderna. O autor chamou de "[...] latim moderno". Assim, não é um fenômeno despercebido, mas atingiu um patamar em que a linguagem serve de pauta para diversos fins sociais, políticos, econômicos e institucionais.

Hoje, o inglês é a língua materna de mais de meio bilhão de pessoas no originárias do centro e da periferia do globo. “É a língua mais falada no mundo por falantes não nativos e é possivelmente a única língua que tem um número maior de falantes não-nativos que nativos. Existem três falantes não nativos para cada falante nativo” (SIQUEIRA, 2005, p.14).

Lopes (2005), destaca que mais de 1 bilhão de pessoas em todo o mundo aprendem inglês, sendo que 375 milhões falam inglês como primeira língua e 750 milhões utilizam o inglês como segunda língua. Assim sendo, é importante notar que

o número de pessoas que empregam o inglês como segunda língua é muito maior do que o número de falantes nativos desse idioma.

Muitas situações em que um se encontra com os discursos constituídos em inglês em vários meios de comunicação, como televisão, Internet, livros e anúncios, ressaltam a importância de ensinar o idioma. Para Lopes (2005), a língua inglesa é responsável por grande parte das informações veiculadas sobre os acontecimentos atuais no planeta.

Vê-se que isso é evidente conhecendo LI, será provável buscar informações que precisamos; segundo Lopes (2005), existem inúmeras fontes de conhecimento que podem ser consultadas para a implementação de ações sociais. Trata-se da capacidade de um indivíduo entrar no mundo dos múltiplos discursos para compreender o mundo em que vive e fazer parte dele.

O conhecimento está relacionado ao ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, precisa ser enxergada de várias e distintos ponto de vista, até mesmo cultural o que significa entender o que esse conhecimento significa e como é desenvolvido. Nessa perspectiva, o conhecimento cria diferenças, amplia as possibilidades de desenvolvimento intelectual e amplia as habilidades de atuação e compreensão quando uma língua estrangeira é diferenciada.

Nessa perspectiva, o conhecimento da língua torna-se um componente importante da visão democrática de um indivíduo em um contexto internacional e, ao mesmo tempo, torna o professor e aluno partes essenciais do processo de ensinar e aprendizagem, os quais confrontam-se com os desafios no ensino e na aprendizagem de uma LI (KRAMSCH, 2010).

O inglês tem sido a língua das relações científicas, sociais, profissionais, econômicas e culturais desde o final da Segunda Guerra Mundial. Ao longo dos anos, a linguagem tem sido usada desde a segunda metade do século XX como mediadora na compreensão das pessoas das mais diversas comunidades do mundo mais desenvolvido e das relações acima mencionadas. Com a globalização e a criação da Internet, o uso do inglês na tecnologia se intensificou (RODRIGUES, 2008).

Assim, situações existem em que o não domínio da língua inglesa pode resultar perdas de oportunidades profissionais, bem como à perda de comunicação e compreensão social e cultural, bem como prejuízo em relação à ciência e tecnologia. Para aprender e dominar a LI de forma funcional, escolas e professores precisam cumprir seus papéis, ou seja, seu principal objetivo é formar a personalidade que lhes

é atribuída, pois o aprendizado de uma língua estrangeira está oficialmente garantido a todos os que frequentam a escola, seja ela pública ou privada, buscam a oportunidade do uso da língua como ferramenta de integração social e cultural.

Spink e Medrado (2004, p. 48) descrevem “a linguagem em sua expressão polissêmica “[...] permitindo que as pessoas passem por inúmeros contextos e vivenciem diferentes situações”. Isso enfatiza o maior propósito que é a compreensão que se reproduz no panorama moderno com a aprendizagem do inglês.

Aprender uma segunda língua está, em primeiro lugar, ligado a todas as mudanças devidas à globalização e à velocidade da informação. Aprender outro idioma, tanto social quanto profissionalmente, é um fator importante para se firmar no mercado de trabalho. Em meio aos principais desafios do ensino bilíngue, enfatiza ser indispensável que a escola desenvolva práticas de qualidade para uma formação continuada e aprofundada do idioma (PAGLIARINI COX; ASSIS-PETERSON; 2007).

Viegas (2020) menciona que em primeiro lugar, é importante entender que aprender inglês não deve mais ser considerado um “luxo” ou exclusivamente uma disciplina. A linguagem é atualmente uma forma de comunicação e é até importante para se comunicar com os eventos e acontecimentos mundiais.

Como já apresentado acima, o inglês é a terceira língua mais falada. O primeiro e o segundo lugares são ocupados por mandarim e espanhol, respectivamente. No entanto, o inglês é considerado o mais influente deles. A maior parte da Internet, comunicação, relacionamento, negócios e relações internacionais em geral incluem esse idioma.

Ao aprender inglês, um aluno pode se comunicar com muitas outras pessoas, entender outras culturas e consumir informações de todo o mundo. Além do mais, as oportunidades podem surgir facilmente, por exemplo, no mercado de trabalho é cada vez mais competitivo. Assim, o segundo idioma é considerado um requisito básico, não um diferencial.

Pagliarini Cox e Assis-Peterson (2007, p.17) divulgam que desde a década de 1970, o ensino de inglês passou a ser percebido como uma habilidade funcional, dado o conceito de competência comunicativa, onde não apenas se precisariam incluir regras gramaticais como,

Competência pragmática, necessária para interpretar, expressar e negociar na aceção do contexto imediato da situação de fala. O enfoque das atividades em sala de aula muda da forma (correção gramatical) para o significado (flexibilidade comunicativa).

De acordo com Richards e Renandya (2002) linguista HD Brown, o ensino do século XXI visa ir além da compreensão estreita do processo de ensino/aprendizagem em geral, o ensino do inglês em especial, como Língua Estrangeira (LE), tendem o desenvolvimento efetivo do aluno no campo da educação, priorizando abordagens pedagógicas baseadas em métodos e orientadas para o sucesso.

Com base em Ferreira (2006), “a escola do mesmo modo é responsável pela constituição da cidadania, pois é nesse espaço que professores e alunos se identificam no dia a dia”. Esse papel fica ainda mais claro nas aulas de línguas, e Lopes (2012, p. 10) identifica dois motivos principais:

- a) somos pessoas de um discurso construído e reconstruído por palavras, que é a principal característica das aulas de línguas; e
- b) a natureza da classe de línguas na qual a análise final se destina a implementar a palavra permite que ela aborde qualquer tema, ressaltando somente que se considerem os aspectos contextuais locais.

A compreensão de Schlatter e Garcez (2012) do significado das aulas de Língua Estrangeira/Adicional (LE/LA) na escola parece repercutir com as seguintes palavras de Jordão (2013, p.358) “ensinar e aprender línguas é ensinar a ver, ser, agir no mundo e aprender; o papel da escola é oportunizar o conflito de perspectivas completamente diferentes, tomar disposições socialmente responsáveis e ensinar a conviver e viver”.

Por conseguinte, Schlatter e Garcez (2012, p.40) advertem que “a qualidade da educação em línguas suplementares tem a capacidade de constituir melhores qualidades de ascensão ao mundo do conhecimento” e, por esse motivo, as aulas de LE/LA precisam ajudar o educando a não virar as costas para os textos do mundo os quais a LE se fez e se faz importante.

Ainda, Schlatter; Garcez (2012, p.39) sugerem como justificativa para o ensino de LE/LA na escola, oferecer a oportunidade de desenvolver as possibilidades de participação e ação na vida social e diária dos aprendizes. Dessa maneira, o ensino de idiomas tem a capacidade de ser entendido como um processo de constituição de sentidos. Logo, a língua estrangeira, aperfeiçoamento e aprofundamento do conhecimento organizado em várias disciplinas escolares são as qualidades para ser estabelecido relações interdisciplinares percebidas como imprescindíveis para a compreensão do mundo (ANDRADE, 2014).

Ao aprender inglês, um aluno será capaz de se comunicar com muitas outras pessoas, entender outras culturas e consumir informações de todo o mundo. E do

mesmo modo, das oportunidades que podem aparecer, por exemplo, no mercado de trabalho, que cada dia que passa se torna ainda mais competitivo.

Em seguida, Santana et al (2016, p. 15) destaca que “ao assumir essa premissa, o professor de língua inglesa, é capaz de levar o aluno a entender, transformar, construir e desconstruir conceitos e ações relevantes através da linguagem”. É por isso que a LI pode ser usado para identificar situações significativas que não se limitam ao desempenho das práticas educacionais comuns na escola, mas também são relevantes fora da escola. A LI pode ser usada para causar reflexão e mudanças na percepção da realidade pelos indivíduos.

2.2 Processo de ensino e aprendizagem

Ao longo dos anos, a educação foi se modernizando e influenciada pelas mudanças ocorridas em seu período histórico. O processo de ensino e aprendizagem envolve pelo menos dois agentes, o aluno e o professor. Nesse sentido, o modelo de ensino assume novas formas e muda com a sociedade (NOLASCO, 2016).

O trabalho do docente deve estar sempre voltado para a interação entre os conhecimentos específicos adquiridos e os recursos de linguagem empregados, o docente tem que expressar opiniões e dar respostas a todos os questionamentos e dúvidas que surgirem em sala de aula (BOLFERR, 2008). Observa-se tudo isso que o professor tem uma postura desejada, sendo criativo e questionador e seus alunos terá uma aprendizagem qualitativa.

Conforme Moran (2015) a dinâmica da aprendizagem em um contexto educacional tem muitas mudanças devido à conveniência do acesso à informação. O professor não é responsável pela divulgação do conteúdo. A partir de agora, ele se tornará um meio de instrução.

O processo de ensino e aprendizagem é idealizado para desenvolver sujeitos independentes, participantes de um mundo que se encontra sempre em transformação, determinando, sucessivamente, posicionamento e reflexão de quem nele opera. Para isto, as sugestões de trabalho para o aluno precisam oferecer qualidades para que ele cumpra a tomada de disposições, desenvolva a capacidade de colaborar e trabalhar em equipe e a capacidade de desenvolver projetos, atuando com ética. E, também, que consiste em ser desafiadoras, estimule a criatividade dos

alunos, agenciem a mobilização de esquemas mentais complicados e significativos (NOLASCO, 2016).

Aprender não é unicamente fazer com que as informações e conhecimentos sejam absorvidos. Contudo, aprender é ter capacidade de fazer o que antes não era capaz de fazer. Entretanto, essa perspectiva da aprendizagem concebe que aprender consista em ser algo grandemente ativo, sendo este interativo, colaborativo e etc (MÓRAN, 2015). Acredita-se que aprender não é algo que os professores produzem nos alunos, porém é algo que os alunos têm a capacidade de conquistarem obtendo toda interação com os professores e todo o ambiente escolar.

Reconhecer-se, criticamente, como oprimido vem engajando-se na práxis libertadora onde o dialogo exerce o papel fundamental na percepção da realidade opressora; solidarizar-se com o oprimido, o que implica assumir a sua situação e lutar para transformar a realidade que o torna oprimido; transformar radicalmente a situação concreta que gera a opressão (MIZUKAMI ,2000, p 99).

Por sua vez, o ensino e a aprendizagem assumem um significado amplo na educação e não restrições, há situações formais de instituições. Para Paulo Freire a verdadeira educação consiste na educação problematizadora, que ajudará a superação das relações do opressor – oprimido. Paulo Freire (1991) reafirma que a educação problematizadora é o contrário de uma educação bancária, objetiva o desenvolvimento da consciência crítica e a liberdade como meio de superar as contradições da educação bancária, e responder á essência de ser da consciência que é a sua intencionalidade.

Para esse mesmo autor o educador e o educando são sujeitos de um processo onde os dois crescem juntos neste processo da essência da educação, porque “...Ninguém educa ninguém, ninguém se educa; os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1991, p .63). Percebe-se que a aprendizagem realimenta-se constantemente pelo confronto direto do grupo de alunos com a realidade objetiva ou com a realidade mediatizada. E assim sendo os objetivos educacionais são definidos a partir das necessidades concretas do contexto histórico-social no qual se encontram os sujeitos. Busca uma consciência crítica, o diálogo e os grupos de discussão são fundamentais para o aprendizado e deste modo, os temas geradores para o ensino devem ser extraídos da prática de vida dos educandos.

Schram (2012) destaca que a relação professor-aluno é horizontal e não imposta, que o processo educacional seja considerado real é preciso ter uma

flexibilidade onde o educador se torne educando e o educador por sua vez educador. Quanto esta relação não se afetiva, ou seja, não há educação. Destarte, dentro da evolução que a sociedade vive, saindo da modernidade e caminhando para o pós-moderno, a docência torna-se um trabalho cada vez mais complexo. Além dos conhecimentos técnicos específicos e os pedagógicos educacionais, fica evidente a necessidade de saberes subjetivos ligados à sensibilidade pessoal e social já que é preciso formar profissionais que exercitem sua cidadania de forma plena (RODRIGUES, 2004).

O professor encontra o desafio de produzir o conhecimento e não só reproduzi-lo, tornando-se acima de tudo um educador crítico, reflexivo e aberto às mudanças, além de portar-se como ponte entre o saber disponível e as estruturas cognitivas, culturais e afetivas dos alunos (MENEZES, 2016).

O ensino tradicional centralizado no professor e retrocedido exclusivamente para a racionalidade técnica institui um fluxo unilateral de comunicação, fazendo com a criatividade, a iniciativa, a autorresponsabilidade e a autodireção do aluno seja bloqueada. Por conseguinte, profissionais inertes e sem preparo para decidir ações práticas são formados por esses professores que não são nada reflexivos. Atualmente, é imprescindível que a prática docente possa desenvolver o pensamento reflexivo dos alunos, incluindo-os socialmente e fazendo com se tornem capazes para desempenhar sua cidadania (MAIA, 2012).

Gomes e Casagrande (2012) menciona que a formação educacional embora se encontre presente na maioria das escolas, centralizada no raciocínio técnico, logo não aprova às verdadeiras necessidades dos profissionais do novo século por não se adaptarem às inovações e ações determinadas na atualidade. Assim, esses novos profissionais devem participar de uma formação crítica e reflexiva para se tornarem competentes a se ingressarem em distintos setores profissionais e fazerem parte do desenvolvimento da sociedade brasileira.

A docência é uma atividade complexa geradora ativa de transformação, buscando o equilíbrio da satisfação tanto dos alunos como da instituição e da sua própria. O professor deve possuir uma metodologia que estimule o aluno a refletir sobre a realidade social, aprendendo a ser humanista, crítico e reflexivo, além de desenvolver competências éticas e políticas com base no rigor técnico e científico. (MAIA, 2012).

Contudo, Gomes e Casagrande (2012) enfatizam que na época presente a educação precisa estar voltada à liberdade e à autonomia, foi criado no panorama educacional uma postura inovada em face às situações educadoras denominada “cultura reflexiva”, onde o educador necessita desempenhar uma pedagogia estabelecida na ética, no respeito à dignidade e à apropriada autonomia do educando.

Atualmente, a formação do professor reflexivo é indispensável para que se saia da educação situada no conformismo. Essa prática determina o desenvolvimento de um modo próprio de trabalho que vai além da formação exclusiva e da racionalidade técnica. A prática reflexiva se baseia no tripé: conhecimento na ação, reflexão na ação e a reflexão a respeito da reflexão na ação; sendo que esses três procedimentos se concluem na intervenção racional e torna o professor um investigador das especialidades do seu trabalho (FARIA; CASAGRANDE, 2014).

O professor em meio da prática reflexiva para obter a formação pedagógica procede na abertura da mente com responsabilidade e dedicação. O educador deixa de atuar como simples reprodutor de ideias e práticas e procura uma relação da ciência, da técnica e da arte.

2.3 Educação Interdisciplinar

As transformações que vêm ocorrendo, em nível global e local, nas esferas social, política, econômica, tecnológica, científica, ética e em tantas outras, juntas, refletem nas diversas áreas da vida social, como a organização do trabalho, as formas de produção, a formação profissional. Acompanhar tais transformações têm tornado necessária uma adaptação contínua por parte dos indivíduos (PAVIANI, 2015).

O termo "interdisciplinaridade" é, de fato, é uma combinação das duas palavras "inter" e "disciplinaridade". Inter significa "entre", "no meio de". Cada uma das disciplinas ministradas na escola é uma disciplina, portanto a educação interdisciplinar realiza a junção dos componentes de duas ou mais disciplinas no planejamento de um mesmo conteúdo (SANTOS, 2008)

O uso do processo interdisciplinar é fato, e sem dúvida fundamental como recurso de ampliação e representação do conhecimento. A utilização das interdisciplinaridade evidencia-se como uma atividade que rompe com barreiras disciplinares, torna permeáveis as suas fronteiras e caminha em direção a uma

postura interdisciplinar para compreender e transformar a realidade em prol da melhoria da qualidade de vida pessoal, grupal e global (PESSOA, 2012).

Entende-se que a interdisciplinaridade necessita ser vista como estilo de ousadia e estar sempre em busca do conhecimento. A própria não trabalha de modo fragmentado, entretanto sim de maneira agregada e acessível com todas as disciplinas do conhecimento.

O trabalho interdisciplinar é de suma importância. Assim, acredita-se que as atividades interdisciplinares pode trazer grandes contribuições e melhorias na aprendizagem das disciplinas, pois, sabe-se que o cotidiano do ser humano é bastante ligado à experiência, às suas interações socioambientais e as aulas expositivas e tradicionais não tem atraído muito os alunos (LUCK, 1994).

Segundo Fazenda (1991), pode-se dizer, que o uso de atividades interdisciplinares pode ser utilidade como estratégia no ensino das disciplinas, pois, acredita-se ser uma das maneiras mais frutíferas de minimizar as dificuldades relativas a aprender e a ensinar de modo significativo. Nesse sentido, no campo das investigações nessa área, pesquisas recentes têm ressaltado a importância dessas atividades.

Acredita-se que o caráter interdisciplinar é o principal responsável pela vitalidade de uma aprendizagem satisfatória. Sabe-se que a educação hoje deve levar em consideração todas as dimensões do ser humano devido às mudanças que estão ocorrendo no mundo contemporâneo. O termo interdisciplinar está cada vez mais presente nos documentos oficiais e no vocabulário de professores e administradores escolares. Contudo, a construção deste trabalho na escola ainda encontra muitas dificuldades (GARCIA, 2011).

Logo, Pessoa (2012), descreve que conceber a interdisciplinaridade como referencial metodológico busca facilitar o processo ensino-aprendizagem ao mesmo tempo em que é uma inovação metodológica desafiadora, pois a sua prática, no contexto da sala de aula, implica na vivência do espírito de parceria, de integração entre teoria e prática, conteúdo e realidade, objetividade e subjetividade, ensino e avaliação, meios e fins, tempo e espaço, educador e aluno, reflexão e ação, dentre muitos dos múltiplos fatores integrantes do processo pedagógico.

Assim, Paviani (2015) ressalta a necessidade de integração de conteúdos na educação, tendo como propósito efetivar um trabalho articulado, que atenda às necessidades que os alunos possuem. Assim, a integração entre conteúdos e

disciplina entre outras áreas é importante e fundamental para o aprendizado do aluno, quando esta relação é compreendida e visualizada, fica mais fácil à compreensão dos conteúdos das respectivas disciplinas.

Para Bochniak (2010) a interdisciplinaridade como método é essencial para um que o aluno possa ter uma aprendizagem integradora e de qualidade. O ensino interdisciplinar é de suma importância e passa a existir como uma resposta inovada, uma nova pedagogia que prioriza a comunicação e a estimulação de técnicas cooperativas. Isto implica a superação de obstáculos em meio as disciplinas e entre as pessoas que apresentam o próprio projeto educativo.

Vê-se que a utilização de atividades interdisciplinaridade contribui bastante para uma mudança nas aulas, pois, os alunos não vão receber o conhecimento pronto repassado de forma apenas expositiva, vão aprender a construir formular e executar seu conhecimento e deixará de ser um sujeito passivo e ser tornará totalmente ativo e protagonista de sua educação.

No que se refere ao Tema Meio Ambiente, há a discussão a respeito da relação entre os problemas ambientais e os fatores econômicos, políticos, sociais e históricos. Esse tema acarreta discussões sobre as responsabilidades humanas voltadas ao bem-estar comum e ao desenvolvimento sustentado, na perspectiva da reversão da crise socioambiental planetária, apontando uma necessidade de reconstrução da relação homem-natureza (BRASIL, 1998).

Os temas transversais são eixos férteis para a interdisciplinaridade em concordância com as áreas do conhecimento, pois ao usarmos a criatividade de maneira a preservar os conteúdos programáticos vinculados aos contextos, que podem ter evidência prática no cotidiano, no social e na vida comunitária do aluno (GRAGA; SILVEIRA, 2011).

Quando refere-se à interdisciplinaridade assume-se a compreensão que a mesma é mais que integrar conteúdos é também interação entre disciplinas, ou seja, é uma forma de agrupá-las onde cada disciplina aponta colocações acerca de determinado assunto, dando uma visão geral e mais significativa no processo de ensino- aprendizagem de forma sistemática. Para Japiassu (1999, p.78) “a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”.

Sabe-se da dificuldade de se desenvolver um trabalho nesse âmbito, pois trabalhar de forma transversal significa buscar a transformação dos conceitos, cabendo ao professor, dentro da especificidade de sua área, adequar o tratamento dos conteúdos para contemplar o tema Meio Ambiente e os demais temas transversais (BOCHNIAK, 2010).

A realidade nos mostra que na educação formal, muitas vezes, a proposta curricular está mais voltada para conteúdos específicos, os quais são trabalhados dissociados da realidade, dificultando a compreensão por parte dos educandos como também o trabalho dos professores. Sabe-se, pela psicologia da educação, que aquilo que não possui significado para o aluno tende a ser esquecido, o que pode ser confirmado nas palavras de Morin *et al* (2005, p. 31): “uma das bases da psicologia cognitiva nos mostra que um saber só é pertinente se é capaz de se situar num contexto. Mesmo o conhecimento mais sofisticado, se estiver isolado, deixa de ser pertinente”.

Como a Educação Ambiental visa o desenvolvimento da consciência crítica, motivando os educandos para a mudança de valores, posturas e atitudes, seu trabalho deve ser contínuo e relacionado com os conteúdos de sala de aula. Conforme Cavedon *et al* (2004) ao transcender conceitos e integrar diferentes áreas do conhecimento, a Educação Ambiental faz pensar no papel da educação e consequentemente no papel do próprio professor, o qual não pode mais limitar-se a transmitir conhecimentos.

No que se refere à questão ambiental, nota-se a dificuldade do aluno em perceber a relação que ele estabelece com o meio ambiente. Isso se dá pelo fato de que, muitas vezes, o meio ambiente é trabalhado puramente em seus aspectos naturais – ficando sob a responsabilidade dos professores de Biologia e Geografia – ou em práticas resumidas a datas comemorativas como, por exemplo, o Dia da Água, o Dia do Meio Ambiente, o Dia da Árvore, entre outros.

Entretanto, a partir desses conceitos acima abordados que norteiam o trabalho do professor, convém lembrar o que ressalta Pérez Gómez (Apud Nóvoa, 1997), quando afirma que a formação do professor vai além da metodologia e construção de conhecimento. Ele precisa assumir uma postura dinâmica e reflexiva, para responder às novas exigências de mudanças de caráter subjetivo e objetivo na ressignificação da sua identidade profissional.

Assim ressalta-se ser imprescindível que o professor esteja empenhado e leve com seriedade sua prática pedagógica, tendo como embasamento a pesquisa, uma vez que é por meio da mesma que o professor é capaz de inovar e instituir qualidades para que seus alunos sejam críticos e criativos.

Deste modo, a utilização de atividades interdisciplinaridade contribui bastante para uma mudança nas aulas, pois, os alunos não vão receber o conhecimento pronto repassado de forma apenas expositiva, vão aprender a construir formular e executar seu conhecimento e deixará de ser um sujeito passivo e ser tornará totalmente ativo e protagonista de sua educação.

2.4 Integração interdisciplinar entre a língua inglesa e as questões ambientais

Hoje, devido às transformações na sociedade e suas novas cobranças, especialmente a tecnologia e a educação global, vive-se uma crise profunda na escola, porque a mesma não tem sido capaz de suportar essas mudanças, a estrutura e a mesma prática. A fragmentação do conhecimento escolar, que apresenta a matriz curricular por disciplinas, não atende a essas novas necessidades, uma vez que se torna mais difícil a formação de uma visão do contexto que permita aos alunos perceber o conhecimento de forma correta e perceber criticamente a realidade. Diante dessa situação, é necessário refletir sobre a metodologia tradicionalmente utilizada na escola, encontrar novas formas para melhorá-la, resolver problemas e atender as Diretrizes Curriculares Estaduais (DCEs) (SANTOS, 2008).

Em seguida, Santos (2008) relata que essas diretrizes levam à aprendizagem contextual, que leva a uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais e as desigualdades que fazem parte da sociedade, a noção de que a linguagem concebe as visões de mundo que emergem das interações do indivíduo com a sociedade. E assim, garantindo ao aluno a capacidade de navegar pelos bens culturais criados pela sociedade, de pensar sobre eles e de agir criticamente como cidadão consciente dos seus direitos e responsabilidades. Assim, LE se apresenta como um espaço de ampliação da comunicação com outras formas de aprendizagem, com outros procedimentos interpretativos de construção da realidade, como na educação ambiental.

A educação ambiental não pode estar desfocada de uma educação completa, ou seja, a conscientização das questões ambientais não pode abrir mão das

discussões a respeito da estrutura social, no que tange as relações de consumo, produção, exploração e atuação da propaganda como forma de criar uma consciência ambiental favorável às potências hegemônicas e sua forma de “ver” o mundo.

Assim sendo, não se trata de excluir as questões relacionadas a um uso racional dos recursos naturais, mas não deixar de lados seu caráter social, político, econômico e cultural. Ela deve abarcar simultaneamente diversas áreas de estudo e organização de saberes.

A Educação Ambiental vem sendo valorizada como uma ação educativa apreciada como uma ação educativa que deveria estar presente, de forma transversal e interdisciplinar, articulando o conjunto de conhecimento, formação de atitudes e sensibilidade crescente aos problemas ambientais.

A ideia de interdisciplinaridade está sempre presente nas discussões de educação ambiental, tanto na literatura acadêmica (MEYER, 1991; PETRAGLIA, 1993; CASCINO, 1999) como nos documentos produzidos em diferentes eventos internacionais oficiais organizados por movimentos ambientais, como a carta de Belgrado de 1975.

De acordo com Santos (2008), um dos objetivos da metodologia do trabalho interdisciplinar era a integração dos conteúdos e a transição de um conceito fragmentado para um conceito unitária do ser humano. Sabe-se que a interdisciplinaridade não possui garantia de um conhecimento uniforme ou uma aprendizagem apropriada, entretanto tem capacidade de permitir um pensamento crítico e saudável no trabalho educativo que enfoca novas práticas que vão além dessa perspectiva fragmentada e descontextualizada da aprendizagem e buscam transformá-las em ser mais significativas.

Assim sendo, deve ser desenvolvido em um contexto interdisciplinar e com base nos conhecimentos básicos do aluno para desenvolver habilidades que ampliem o conhecimento inicial sobre o tema proposto. Este novo conhecimento deve inseri-lo num campo de conhecimento mais amplo e levá-lo a integrar-se na sociedade, a agir e intervir nas suas várias vertentes, daí a importância de mostrar ao aluno que as disciplinas escolares estão integradas (GUIMARÃES, 2014).

Assim, como a Educação Ambiental, o ensino da Língua Inglesa (LI), do mesmo modo necessita ser agregado à educação global, visto por meio de uma perspectiva interdisciplinar. A educação global visa capacitar os alunos a aprender efetivamente uma língua estrangeira, emancipando o conhecimento e o compromisso exigidos

pelos cidadãos do mundo para resolver problemas globais (SAGLAM; GURSOY, 2010).

Destaca-se que o ensino de Inglês para falantes de português deve partir de situações cotidianas. Evidenciando que nela se aplica uma utilidade para a vida e não apenas uma língua estrangeira, distante de todos.

Guimarães (2014) pontua que a função social da escola, vai além do que somente determinar conhecimento, contudo inclui do mesmo modo a transferência de valores, com a intenção de formar cidadãos ainda melhores, para constituição de uma sociedade mais justa para todos. A educação precisa ser realizada de modo inclusivo, visto que por meio disso pode ser possível que seja garantido o processo educacional. Nessa acepção, através da educação os indivíduos podem obter conhecimento completo.

Logo, Paviani (2015) delinea que a escola tem papel fundamental ocasionar mudanças nas atitudes da sociedade, constituir conceitos no campo teórico, ético e filosófico atendendo o meio no qual o ser humano está incluso, essa realidade faz com que aumenta as exigências cada vez mais por parte dos educadores, uma vez que ensinar não é transferir conhecimento, entretanto criar possibilidades para sua própria produção ou a sua construção.

A escola pode ser considerada a principal instituição disseminadora de conhecimento, cultura e valores éticos. Assim, o ensino de Inglês e a Educação Ambiental devem estar integrados como Educação Global (SAGLAM; GURSOY, 2010), através de uma perspectiva multidisciplinar. Cates (1990) defende que a educação global tem por objetivo capacitar os alunos uma língua estrangeira eficientemente, enquanto se emancipam com os conhecimentos e comprometimento requeridos com cidadãos.

Uma integração interdisciplinar entre a língua inglesa e questões ambientais pode contribuir para o alcance da conscientização das problemáticas ambientais, bem como suscitar atitudes de preocupação e transformação de hábitos em prol da conservação ambiental (UNESCO, 1976).

Viegas (2020) divulga que aprender uma língua estrangeira é um processo que requer muito mais que ensino linguístico. Através dela se faz acesso à cultura dos falantes e seus valores sociais e morais. Tendo em vista temas transversais e interdisciplinaridade, se torna relevante a inserção da Educação Ambiental nas aulas

de Língua Estrangeira – Inglês. Aulas que na maioria das vezes já traz variadas temáticas em seus materiais didáticos adotados.

Acredita-se que as atividades interdisciplinares são indispensáveis na escola. E as atividades práticas podem trazer grandes contribuições e melhorias na aprendizagem na disciplinas de Inglês, pois, sabe-se que o cotidiano do ser humano é bastante ligado à experiência, às suas interações socioambientais e as aulas expositivas e tradicionais não tem atraído muito os alunos (GUIMARÃES, 2014).

O conhecimento em língua estrangeira o inglês é necessário em grande diversidade de situações, como apoio a outras áreas do conhecimento e como instrumento para utilizar em diversificados momentos da vida cotidiana. Entretanto, o uso de atividades práticas pode ser utilidade como estratégia no ensino nessa disciplina, pois, pode ser uma das maneiras mais frutíferas de minimizar as dificuldades relativas a aprender e a ensinar inglês.

Por meio da interdisciplinaridade os alunos podem obter um ensino/aprendizagem realizado de forma prazerosa, de forma inteligente e que tem a capacidade de se complementarem ao conteúdo da disciplina de inglês. De modo geral, do mesmo modo, há a preocupação em colaborar para que os alunos venham a desenvolver aprendizagens significativas.

Para Fazenda (1991, p.39) a “interdisciplinaridade apresenta uma analogia de reciprocidade, de mutualidade, ou seja, um regime de co-propriedade que tem a capacidade de permitir o diálogo em meio aos interessados”. George Gusdorf escreveu na introdução do livro *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber* de Hilton Japiassú: “A interdisciplinaridade exige e determina que cada especialista faça sua própria especialização, sabendo os limites de aceitar contribuições de outras disciplinas”.

Logo, Lück (1994, p. 73) expõe em seu livro sobre a interdisciplinaridade:

A interdisciplinaridade é um processo que abrange a integração e participação dos professores, a interação dos sujeitos do programa escolar entre si e com a realidade, visando à formação integrada dos alunos para superar a divisão do ensino. Para fazer isso, eles podem exercer a cidadania de forma crítica por meio de uma perspectiva global e enfrentar os desafios complexos, amplos e globais das realidades atuais.

Widdowson (2005, p.33), um linguista inglês aplicado, não trabalha com o termo “interdisciplinar”, no entanto sugere a vinculação de uma língua estrangeira a outras disciplinas contempladas no currículo escolar. Em outras palavras, o

aprendizado de uma língua estrangeira é concluído por uma seleção de tópicos de outras disciplinas.

Segundo Garcia (2000), para que a educação se construa sobre esses alicerces (interdisciplinares), alunos e professores, como sempre buscam e são vistos como subsídios e ajudantes para solucionar problemas em outras disciplinas e construir conhecimentos. Como vê-se, as relações interdisciplinares são diversas, com diferentes interpretações deste termo, mas todas significam um novo posicionamento, um novo comportamento frente ao conhecimento, uma nova visão que nos permite entender e mudar o mundo, uma busca por restabelecer a unidade do conhecimento, por fim, a modificação de atitude em busca da unidade de pensamento.

Destarte, articular sobre interdisciplinar não é um discurso novo, entretanto a proposta de formação interdisciplinar ainda não entrou na prática da maioria dos professores, que tiveram sua formação a partir de um currículo em divididos em compartimentos, por isso os educadores envolvidos no trabalho interdisciplinar necessitam extinguir vários obstáculos. Obstáculos, tanto entre as disciplinas quanto entre as pessoas que desejam participar do trabalho, significam um trabalho coletivo de planejamento colaborativo e integrado na escola (PAVIANI, 2015).

Portanto, Bochniak (2010) menciona que o grupo de trabalho interdisciplinar é composto por diferentes disciplinas com diferentes saberes, que requerem forte interação e troca, pois é uma das principais características da interdisciplinaridade, do diálogo constante, da interação humana e das diferentes áreas do conhecimento. Além do mais, é importante observar a consciência crítica a respeito do valor e a relevância do trabalho interdisciplinar, bem como as formas pelas quais ele deve se iniciar.

2.5 A importância do professor trabalhar com a realidade do aluno

O ensino-aprendizagem é um processo construtivo e permanente que deve ser adequado a realidade do aluno, levando em conta os conhecimentos adquiridos no seu cotidiano, o professor em sua prática pedagógica deve ter a capacidade de transformar este conhecimento em saberes formalmente estruturado. Para isso o docente deverá ter disponíveis elementos afetivos e sociais, que devem ser

trabalhados com interação, pois se abrem novas possibilidades para um processo ensino-aprendizagem mais produtivo (BOLFER, 2008).

No contexto da prática pedagógica da língua inglesa, Deo e Duart (2004) mostram que o professor precisa estar atento à necessidade de incorporar em seu cotidiano a reflexão e o questionamento sobre as atividades que giram em torno do cenário do idioma e deste modo, trabalhar como os alunos a sua realidade. O professor precisa ser profissional, não apenas provedor de conteúdo; mas também um profissional que envolve; expressa e estabelece opiniões.

Talvez Vygotsky (1998) pense assim sobre as dificuldades dos professores. Eles precisam buscar novas formas de estimular a colaboração, para aumentar o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Vê-se que o ideal para o ensino seria criar um ambiente que seja a base para que o aluno se sinta motivado a aprender.

O inglês, como uma língua rica em qualquer mundo, requer que o professor trabalhe como um mediador, onde pode ser uma parte fundamental do desejo do aluno por descoberta, motivação, compreensão e exploração. Piccoli (2006, p. 5) acredita que ensinar inglês significa um compromisso do professor consigo mesmo e com seus alunos, ou seja, “um acordo para construir análises e sínteses voltadas para a interação com a vida na sociedade, trabalhando partes e compreendendo todo o complexo”.

Almeida Filho (1998) um grande investigador da Linguística Aplicada, considera que o ensino comunicativo é aquele que busca organizar experiências de aprender por meio de atividades de real interesse e/ou necessidade do aluno, com o escopo de que este seja capaz de usar a língua-alvo para realizar atos verdadeiros na interação com outros sujeitos que também fazem uso dessa língua.

O professor é um agente criador de situações que proporciona as relações entre o aluno e outras pessoas da sociedade. Essa relação é o ponto de partida para o ensino-aprendizagem, pois é através do contato social que o aluno irá desenvolver suas habilidades (GIORDANI; SANTOS, 2005). Acredita-se que o professor deve permitir ao aluno aprender, sendo este componente motivador e incentivador do desenvolvimento de seus alunos, que esteja atento para apresentar os processos deles, bem como corrigi-los quando for preciso, no entanto durante o curso, com tempo de seus aprendizes poderem aprender no decorrer dos próximos encontros ou aulas que tiverem.

Um professor que forme com seus alunos um grupo de trabalho com objetivos comuns, que incentive a aprendizagem de uns com os outros, que estimule o trabalho em equipe, a busca de solução para problemas em parcerias, que acredite na capacidade de seus alunos aprenderem com seus colegas, o que muitas vezes é mais fácil do que aprender com o próprio professor. Um docente que seja um motivador para o aluno realizar as pesquisas e os relatórios, que crie condições contínuas de *feedback* entre aluno-professor e aluno-aluno (ARAÚJO, 2009).

É importante que o professor desenvolva uma atitude de parceria e responsabilidade com os alunos planejando o curso juntos, usando técnicas em sala de aula que facilitem a participação e considerando os seus alunos adultos podem se responsabilizar por seu período de formação profissional. É fundamental que nossos professores entendam, discutam e busquem uma forma de realizar na prática esse tipo de relação. Uma vez que ensinar exige segurança e competência profissional. O professor que não leva a sério sua formação, não estuda, não se esforça para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe.

No entanto, para o professor entender melhor o contexto atual e refletir criticamente sobre suas ações, faz-se indispensável uma breve retomada a respeito das tendências pedagógicas que influenciaram e vêm influenciando o ensino e a aprendizagem ao decorrer da história educacional. As tendências pedagógicas foram evoluindo e foram divididas em cinco abordagens, em meio as quais algumas colocaram como seu maior objetivo o refletir, o pensar e o fazer do professor.

Freire (1975) reconhece a importância do uso de uma pedagogia que faça da opressão de suas causas de seus objetos suas reflexões, resultando em um engajamento dos indivíduos que possibilite a luta por sua libertação. O ensino-aprendizagem entendido em seu sentido global, logo a pedagogia deve procurar a superação da relação opressora – oprimida.

Franchi (2016) discorre que a função do docente é decisiva para impedir casos de novo insucesso escolar. Um logradouro seguro para reduzir esse anseio de incerteza é valorizar os saberes que os estudantes apresentam para a sala de aula, bagagem cultural, de suas desenvolvimentos profissionais, já que isso ocasionará o resgate da autoimagem positiva, expandindo sua autoestima e fortalecendo sua confiança.

Assim, Miranda (2008) relata que é de suma importância que o professor trabalhar conforme a realidade do aluno, o educador deve conhecer e compreender o

meio que o estudante está vivendo de onde ele surge, o que ele almeja, adequando suas aulas a realidade destes, numa educação que desenvolva entendimento mútuo, informação, interação na diversidade social e cultural, que seja contra a isenção e preconceitos de raça, sexo, crença entre outros.

Deste modo, analisando a realidade do aluno, o professor motiva seus estudantes deixando-os entusiasmados, já que os alunos precisam ver os efeitos para eles mesmos crerem que podem estudar e desenvolver pensamentos concretos, inventar, escolher, interatuar em grupo, ou seja, a prática educativa não pode estar distante do mundo dos alunos, se não houver interação, construção de conhecimento, metodologia que corresponda aos anseios tanto do professor quanto do aluno, haverá projetos, programas voltados a esta modalidade de ensino, porém continuará aumentando a desmotivação, com base nisso Miranda (2003, p.113) assegura que:

Trabalhar a interdisciplinaridade na escola determina do educador conhecimento teórico, prático, competência de observação, amor e anseio de ser companheiro do aluno neste procedimento. Acredita-se que o professor pode por meio das experiências educacionais obter informações de suma importância e trabalhar orientado.

Destaca-se que as aulas interdisciplinar precisam ser bem elaboradas, com orientações definitivas e objetivos específicos. As distintas ocasiões educacionais têm a capacidade de ser um meio para instigar, avaliar e analisar aprendizagens exclusivas, capacidades e potenciais dos alunos envolvidos.

Entretanto, Franchi (2016) relata que são vários os docentes, que não compreende a importância e o valor dessa atividade para o progresso dos alunos, e deixando de analisar atentamente para poder pensar sobre o que os alunos estão realizando e compreender seu progresso, seguir sua melhora, suas inovações obtidas as relações com os colegas. Para tanto, pode ser formada uma planilha, um guia de observação que promova o trabalho do docente interdisciplinar.

Portanto, pertence ao professor a função de encantar os alunos pelo seu modo de sugerir, organizar, contextualizar os conteúdos, conduzindo do mesmo modo seu desenvolvimento intelectual, os ajudar na construção como sujeito, isto é, como ser social., transformando assim, o trabalho interdisciplinar de suma importância na aprendizagens dos alunos (FRANCHI, 2016).

Acredita-se que a função do educador é de conhecer e compreender o meio que o estudante está vivendo de onde ele surge, o que ele almeja, adequando suas aulas a realidade destes, numa educação que desenvolva entendimento mútuo,

informação, interação na diversidade social e cultural, que seja contra a isenção e preconceitos de raça, sexo, crença entre outros (FIGUEREDO, 2011).

Deste modo, analisando a realidade do aluno, o professor motiva seus estudantes deixando-os entusiasmados, os alunos precisam ver os efeitos para eles mesmos crerem que podem estudar e desenvolver pensamentos concretos, inventar, escolher, interatuar em grupo.

Nascimento e Souza (2013) mencionam que o educador deve acreditar no aluno na sua capacidade de tomar os resultados de sua escolha, deste modo por meio do conhecimento prévio e da realidade da escola e dos estudantes, organizar aulas que estão de acordo com a realidade, aulas que estejam fazendo parte do cotidiano desta comunidade, intercedendo, esclarecendo, expondo os objetivos da aula, ou seja, o que se almeja que eles entendam aonde quer que eles cheguem o que espera dos alunos, estimando o que eles já compreendem, para que tenha um aprendizado significativo e qualidade.

Deste modo, acredita-se que os professores e alunos os quais se encontram envolvidos com a mesma realidade, se encontrar em uma atividade onde ambos terão o prazer de elevar o seu saber de uma maneira crítica. Por essa razão vê-se que a interdisciplinaridade ultimamente vem sendo debatida por várias áreas do conhecimento as quais tentam quebrar os alcances da disciplinaridade. Os professores precisam levar em importância o que atualmente os tornam, juntamente com os alunos, partes essenciais do processo.

Logo, será o professor reflexivo, que sempre está atento, sempre munindo seus alunos com o que é imprescindível para a constituição e reconstrução do conhecimento, que levará os educandos, de maneira eficaz, a conseguirem seus objetivos, ao aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver com os outros, em meio de um trabalho interdisciplinar.

3 PRODUTO EDUCACIONAL E AS PRINCIPAIS DIFICULDADES DOS ALUNOS EM APRENDER INGLÊS (9º ANOS)

Nesse capítulo apresenta-se o produto educacional trabalhado e também será discorrido sobre as principais dificuldades dos alunos em aprender inglês (9º anos). Professores e alunos enfrentam vários desafios no procedimento de ensino de inglês no ensino fundamental, desafios relacionados à formação de professores, metodologias empregadas nesse processo, estrutura e origem de uma língua diferente da língua materna, entre outros fatores. Mostra-se a seguir, todo material relacionado a esse tema e em seguida os resultados da pesquisa realizada com o produto educacional e sua validação.

3.1 Principais dificuldades dos alunos em aprender inglês

Ensinar e aprender uma língua estrangeira é um desafio principalmente nas escolas públicas de ensino fundamental e médio, tais como salas com grande número de alunos, ausência de recursos didáticos, por vezes, os professores de inglês não estão preparados, visto que concluem a licenciatura sem a habilidade da comunicação oral. E ao mesmo tempo, a falta de planejamento e conteúdos específicos para o ensino acaba gerando um baixo interesse e motivação tanto de alunos e professores (ANDRADE, 2014).

Destarte, os alunos muitas vezes se perguntam por que estão aprendendo uma língua estrangeira. Nesse contexto, pode-se supor que fatores sociais e históricos são levados em consideração para a inclusão de uma língua estrangeira no currículo (SILVA, 2014). Ainda segundo Silva (2014), no Brasil, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996), o aluno tem o direito de aprender uma língua estrangeira desde o ensino fundamental, embora seja desvalorizada em muitas escolas brasileiras, não sendo considerada como um dos fatores importantes da formação do aluno.

Segundo PCN (1998), essa desvalorização é ocasionada por diversos fatores, entre eles: a remoção da disciplina do currículo, redução da carga horária e falta de formação dos professores. Esses fatores tornam o ensino e a aprendizagem de uma língua estrangeira mais desmotivador para alunos e professores.

Pode-se observar um determinado distanciamento dos alunos referente à língua estrangeira, muitas vezes é impossível aplicar o que aprenderam porque não há ambiente adequado para isso, então o pouco conhecimento adquirido é reduzido, e acaba caindo no esquecimento.

Para que um aluno de língua inglesa aprenda de forma mais eficaz, especialmente para aqueles que não têm a oportunidade de se comunicar com falantes fluentes da língua, é imprescindível estar em um ambiente que permita ao aluno desenvolver habilidades comunicativas. Na maioria dos casos, o ensino é feito apenas em sala de aula. O PCN (1998, p. 20), enfatiza os fatores que contribuem para o bom desempenho na aprendizagem de uma segunda língua, ressalta que é necessário um “processo contínuo, ou melhor, o aprendiz necessita aprender uma língua estrangeira desde o ensino fundamental até o ensino médio e não diversos idiomas para cada série”.

Silva (2014) acrescenta que ao pensar a aprendizagem de uma língua estrangeira em termos de quatro habilidades (ler, escrever, falar e ouvir), os alunos são melhores nessa língua, se essas habilidades forem implementadas, mas neste contexto existe uma grande desvantagem porque uma das habilidades prioritárias é a escrita. Há do mesmo modo deficiências em termos de conteúdo e ação, pois observa-se que o que realmente é recomendado não é implementado, e mais ênfase é colocada em estruturas gramaticais desvinculadas do contexto, aumentando assim, cada vez mais o desinteresse do aluno pela língua estrangeira.

Andrade (2014) conclui que a dificuldade está inteiramente relacionada ao planejamento das aulas, a qual deve visar a criação de questionamentos, necessidades, que tornem o aluno um ser crítico perante da realidade. Conforme Furtado (2012, p. 11) “quando colocamos um problema, abrimos oportunidades de aprendizado, pois o conteúdo não é visto como um fim em si mesmo, entretanto como uma ferramenta importante na busca de respostas”. Ou melhor, o foco está na verdadeira importância do conteúdo, em ver quais requisitos podem ser estabelecidos, inspirar a independência dos alunos e promover ações coletivas. É uma concepção crítica e aplicável do conhecimento em perda da memorização precisa para provas e tarefas.

Segundo o PCN+, Línguas, Códigos e Suas Tecnologias não pretende estabelecer uma metodologia ou conteúdo moderno de ensino de línguas estrangeiras, mas serve como referência para o ensino. Para isso, em primeiro lugar,

o professor deve constituir metas realistas e oferecer materiais relacionados à realidade. O ensino de línguas estrangeiras “deve combinar o conhecimento da língua estrangeira com os demais saberes curriculares, a fim de movimentar o conhecimento do aluno para enfrentar as complexas situações da vida social dentro e fora da escola” (BRASIL, 2002, p. 93).

Assim, Andrade (2014) explica que combinando o conhecimento das qualidades internas dos alunos com as condições externas decorrentes de exigências sociais e profissionais, os incentivos do professor levam à compreensão da segunda língua por meio de métodos e procedimentos adequados e, além disso, entender a importância da educação ambiental. Portanto, o professor de inglês deve criar fatores e condições estimulantes, conectando o idioma com novidades e experiências pertinentes a assuntos como sustentabilidade, preservação, conservação e consciência ambiental, sendo assim, um conjunto de tarefas cognitivas que contribuem para o desenvolvimento das atividades mentais dos alunos, com capacidade de facilitar a sua aprendizagem e ocasionar motivação em estudar a língua inglesa.

3.2 A importância da formação, capacitação contínua e mediação dos profissionais da Língua Inglesa na escola

A formação e capacitação profissional adota um papel de conceito incontestável como meio de proporcionar a obtenção de saberes e práticas imprescindíveis à ação do docente, onde técnicas inovadas se fazem indispensáveis por causa às mudanças educacionais. O ser professor hoje em dia, determina novas aprendizagens as quais possuem a capacidade de satisfazer aos desafios instituídos à nossa realidade em volta de uma educação caracterizada que julga e transforma os sujeitos que estão inclusos no processo educativo (REHEM, 2011).

Gomes e Casagrande (2009) mencionam que a formação educacional embora se encontre presente na maioria das instituições educacionais, centralizada no raciocínio técnico, logo não aprova às verdadeiras necessidades dos profissionais do novo século por não se adaptarem às inovações e ações determinadas na atualidade. Assim, esses novos profissionais devem participar de uma formação crítica e reflexiva para se tornarem competentes a se ingressarem em distintos setores profissionais e fazerem parte do desenvolvimento da sociedade brasileira.

Assim, a formação profissional não necessita estar voltada somente aos conteúdos teóricos, entretanto do mesmo modo se basear nas necessidades e nas experiências vivenciadas pelos professores. Nessa situação, a criticidade, a inovação, e a teoria são subsídios imprescindíveis para a formação de profissionais da educação, considerando-os não exclusivamente como alunos, porém do mesmo modo como atores de sua favorável formação e autoformação.

O professor deve trabalhar preparando os alunos para atuar de forma crítica, reflexiva e contextualizada em todo o processo assistencial. Para tal, precisa estar embasada tanto no ensino, como na pesquisa e na extensão para chegar à simultaneidade da técnica, da ética e da política.

Para Maia (2012, p. 15) “à docência é uma atividade complexa geradora ativa de transformação, buscando o equilíbrio da satisfação tanto dos alunos como da instituição e da sua própria”. Vê-se que o professor deve possuir uma metodologia que estimule o aluno a refletir sobre a realidade social, aprendendo a ser humanista, crítico e reflexivo, além de desenvolver competências éticas e políticas com base no rigor técnico e científico.

Contudo, Gomes e Casagrande (2009) enfatizam que na época presente a educação precisa estar voltada à liberdade e à autonomia, foi criado no panorama educacional uma postura inovada em face às situações educadoras denominada “cultura reflexiva”, onde o educador necessita desempenhar uma pedagogia estabelecida na ética, no respeito à dignidade e à apropriada autonomia do educando.

Atualmente, a formação do professor reflexivo é indispensável para que se saia da educação situada no conformismo. Essa prática determina o desenvolvimento de um modo próprio de trabalho que vai além da formação exclusiva e da racionalidade técnica. A prática reflexiva se baseia no tripé: conhecimento na ação, reflexão na ação e a reflexão a respeito da reflexão na ação; sendo que esses três procedimentos se concluem na intervenção racional e torna o professor um investigador das especialidades do seu trabalho (FARIA; CASAGRANDE 2014).

As teorias da aprendizagem anteriores provavelmente não dão conta das necessidades do sujeito da modernidade atual. O estabelecimento de programas para somente saber fazer ou fundamentados predominantemente na retenção de conteúdos teóricos desvinculados do contexto serviam ao mundo do equilíbrio e previsibilidade. Os professores que teimam em persistir no antigo fundamento

necessitam compreender que estão aperfeiçoando para um paradigma que não mais existe (REHEM, 2011).

Muito além de conteúdo, o método de constituir profissionais necessitará oportunizar a ampliação de planos e operações mentais que habilitem o estudante como um ser criativo, que saiba refletir, avaliar, criticar, analisar, desconstruir, edificar, explanar, aconselhar, realizar, refazer, desfazer, habituar-se a partir de um quadro referencial de valores que garanta a vida com melhor condição para todos, que assevere a participação consciente e estável na sociedade e no setor produtivo.

Por conseguinte, na visão centralizada na aprendizagem, o docente deixa de ser uma específica fonte de conhecimento e passa a conter o papel de educar seus alunos a refletir, a estudar e a ampliar o seu próprio conhecimento. O domínio do professor sobre o contexto estudado propicia, então, que este possa dar início a reflexões mais profundas sobre temas teóricos, excitando a produção de textos e liberando que o aluno tenha uma visão mais crítica (REHEM, 2011).

Mancebo (2013) menciona que o professor é um agente criador de situações que propicia as relações entre o aluno e outras pessoas da sociedade. Essa relação é o ponto de partida para o ensino-aprendizagem, pois é através do contato social que o aluno social que o aluno irá desenvolver suas habilidades. Assim, considera-se essencial que nossos docentes entendam, debatam e procurem uma maneira de desempenhar na prática esse tipo de relação. Ramos (2016) assegura que ensinar estabelece segurança e competência profissional.

O trabalho do docente deve estar sempre voltado para a interação entre os conhecimentos específicos adquiridos e os recursos de linguagem empregados, o docente tem que expressar opiniões e dar respostas a todos os questionamentos e dúvidas que surgirem em sala de aula (BOLFERR, 2008). Observa-se tudo isso que o professor tem uma postura desejada, sendo criativo e questionador e seus alunos terá uma aprendizagem qualitativa.

Pimenta e Guedin (2015) destacam que o saber docente não é desenvolvido somente da prática, sendo do mesmo modo alimentado pelas teorias da educação. Assim sendo, a teoria possui uma importância essencial na formação dos docentes, uma vez que favorece os sujeitos de várias perspectivas para uma ação contextualizada, proporcionando expectativas de análise para que os professores possam compreender as diferentes situações vividas por eles.

Para Ramos (2016) a transformação da prática docente hoje não tem a eficácia devida. Os professores carecem de subsídios para entenderem os princípios essenciais à sua prática e os alunos, em consequência, não sentem prazer ou interesse em aprender. Desse modo, pretende-se contribuir para a discussão dos saberes necessários à prática dos educadores, entende-se que estes saberes constituem o cerne da formação e prática docente, e interferem decisivamente para o sucesso ou fracasso do processo de ensino-aprendizagem na educação.

Portanto, Araújo (2015) menciona que o saber docente não é desenvolvido somente da prática, sendo do mesmo modo alimentado pelas teorias da educação. Assim sendo, a teoria possui suma importância essencial na formação dos docentes, uma vez que dota os sujeitos de várias perspectivas para uma ação contextualizada, apresentando ponto de vista de análise para que os professores compreendam as diferentes situações vivenciados por eles.

Para uma boa aprendizagem, é essencial que o educador compreenda os princípios e saberes necessários à prática educativa. Nesse sentido, é fundamental incentivar a reflexão tornando possível um novo modo de ver, perceber e atuar em sua formação. Portanto, segundo Alarcão (2015, p. 100), “conceber esse tipo de educação como o processo dinâmico por meio do qual, ao longo do tempo, um profissional vai adequando sua formação às exigências de seu ambiente profissional”.

Isso determina abranger o desenvolvimento profissional como um *continuum*, um procedimento que tem procedência na formação inicial e se estende por toda a vida. Desse modo, proporciona diversas oportunidades e modos de reflexão a respeito da prática desenvolvida, instiga práticas inovadoras, permite possibilidades de transformação e ocupa-se com a transmissão e assimilação do conhecimento histórico e socialmente estabelecido, visando a mobilização de todas as competências e de todos os conhecimentos dos profissionais (BONAMINO, 2016).

A reflexão é resultado de um amplo processo de busca que se dá no constante questionamento efetivo entre o que se pensa e o que se faz, incluindo intervenções e mudanças. Contudo, a formação continuada de professores implica a mudança dos docentes, e das instituições, investindo-se em experiências inovadoras bem-sucedidas no contexto educacional, na valorização de seus saberes, valores e em seus modos próprios de construir o cotidiano na instituição educacional.

Evidencia-se assim, que a formação profissional não necessita estar voltada exclusivamente aos conteúdos teóricos, porém do mesmo modo se fundamentar nas

necessidades e nas experiências vivenciadas pelos professores. Nesse argumento, a criticidade, a inovação, e a teoria são meios indispensáveis para a formação de profissionais da educação, considerando-os não apenas como alunos, todavia também como atores de sua favorável formação e auto formação (NUNES, 2009).

De acordo com Soares *et al* (2014), os estudos direcionados para a formação de professores têm desarticulado a centralidade do sujeito (professor) conforme as determinações que assinalam a circunstância histórico-social, política e econômica de um determinado período. Entretanto, os professores precisam estar continuamente em processo de formação, procurando a resignificação de suas práticas, conteúdos, conhecimentos e saberes que abrangem toda a ação pedagógica e não a adquiram somente para que seja cumprida as exigências políticas.

A mediação da aprendizagem, além de intermediário do conhecimento o professor também pode ser uma mina inesgotável de motivação, sempre procurando levantar o auto estima do aluno. Segundo Pinel (2014, p. 12), “o docente tem de seguir o educando em todas as atividades, extrair suas dúvidas no momento que a mesma aparece e trabalhar com o educando o raciocinar e vivenciar as competências”. Aceitar que os alunos vivenciem e apresentem seus sentimentos, aspiração e desejos, é aprimorar o aprender a aprender com eles. Trabalhar com novas metodologias, considerar sobre atividades de aprendizagem, auxiliando a mediar às atividades e compreender que a aprendizagem foi rica e gratificante.

A mediação é um tipo especial de interação entre alguma pessoa que instrui (o mediador) e alguma pessoa que aprende (o mediado). Essa interação precisa ser assinalada por uma intervenção intencional e esquematizada do mediador que atua entre as fontes externas de estímulo e o aprendiz (MEIER; GARCIA, 2017).

Os critérios de mediação que estão presentes na interação docente-aluno são: intencionalidade, reciprocidade, transcendência e significado. A mediação da procura de uma opção otimista solicita um comportamento inteiramente diferente: reexaminar a situação problemática e buscar pistas que possam ter esquivado à nossa atenção, entrar com recurso a informações adicionais, procurar experiências passadas relevantes, colocar comparações, usar o raciocínio hipotético e demais processos mentais que desenvolvam o funcionamento cognitivo (PINEL, 2014).

Como adotar uma atividade de docência sem se afundar no conhecimento de seus alunos e no exercício de uma relação que coopere com eles em sua

aprendizagem? A função um tanto tradicional do professor que transmite dados e conhecimentos a seus alunos precisa de uma revisão (ARAÚJO, 2016).

Acredita-se que necessita-se de um educador com um papel de conselheiro das atividades que admitem ao aluno instruir-se, que seja um componente motivador e incentivador do desenvolvimento de seus alunos, que encontre-se atento para proporcionar os artifícios deles, bem como corrigi-los quando for necessário, apesar disso durante o curso, com tempo de seus aprendizes serem capaz de aprender no transcorrer dos próximos encontros ou aulas que apresentarem.

Um professor que eduque com seus alunos um grupo de trabalho com objetivos comuns, que impulse a aprendizagem de uns com os outros, que instigue o trabalho em equipe, a procura de solução para problemas em parcerias, que tenha fé na capacidade de seus alunos estudarem com seus colegas, o que abundantemente é mais fácil do que aprender com o próprio educador. Um docente que seja um motivador para o aluno desempenhar as análises e os relatórios, que crie condições contínuas de feedback entre aluno-educador e aluno-aluno. (ARAÚJO, 2016). Ainda segundo Araújo (2016, p. 25):

Se teve tempos em que se refletiu que a tecnologia deliberaria todos os problemas de educação, e outros em que se denegou inteiramente qualquer validade para essa mesma tecnologia, proferindo ser suficiente o educador debelar um conteúdo e transmiti-lo aos alunos, hoje nos localizamos em uma situação que protege a precisão de sermos eficientes e eficazes no procedimento de aprendizagem: queremos que nossos objetivos sejam alcançados de forma mais completa e apropriada possível, e para isso não podemos abrir mão da ajuda de uma tecnologia pertinente.

O uso de diversas dinâmicas de grupo, de estratégias participativas, de técnicas que depositam o aluno em contato com a realidade ou a simulam; aproveitamento de técnicas que “quebram o gelo” no relacionamento grupal e instituem um clima favorável de aprendizagem ou usam o ensino com pesquisa, ou descobrem e apreciam leituras significativas e a função de papéis; uso de técnica de planejamento em parceria tornam o processo de ensino-aprendizagem mais competente e mais ativo (MEIER; GARCIA, 2017).

Acredita-se que nos últimos anos, as técnicas de aula viventes e aproveitada juntam-se as novas tecnologias de informação e comunicação pautadas com informática e a telemática, seja como base ou método de ensino-aprendizagem presencial, seja num método de educação a distância, na análise. Os desafios

educacionais, conforme as modificações que se assinalam a modernidade, são graves e complexos, especialmente para a formação profissional: deslocam-se da resistência para a fluidez; da duração para a fugacidade; da rigidez para a flexibilidade; dá equilíbrio para a inconstância; da memorização para a compreensão analítica e crítica; da realidade dada como admitida e certa para o desconhecido e imprevisível (ARAÚJO, 2016).

O professor de língua inglesa assim como em qualquer disciplina necessita ser educador e incentivador de costumes culturais, estar atento as informações e estar conectado ao mundo que se modifica constantemente, não quer dizer que o professor precisa se adaptar a ele, entretanto deve entendê-lo para poder interagir-se e comunicar-se com os alunos. O mundo mudou! E a educação obteve as suas mudanças também. Assim com as mudanças do século XXI em especial nos últimos anos, os educadores passaram a enfrentar um cenário muito diferente do que eram acostumados. Portanto, observa-se que o desafio para o professor do século XXI é contribuir para a renovação da educação e de seus sistemas de ensino, o qual deve reinventar um significado para a escola, tanto do ponto de vista ético como cultural (MEIER; GARCIA, 2017).

Portanto, Araújo (2016) enfatiza que para o professor possa estar preparado para enfrentar os desafios do século XXI, nesses últimos anos ele passou a precisar ter uma formação bastante ampla, necessita que este profissional passe a pensar firmemente em sua prática, aperfeiçoando-se sempre, refletindo a respeito da prática desenvolvida, instigar práticas inovadoras, predizer possibilidades de transformação.

É essencial também, que exista sempre conversas com colegas de profissão, bate-papo com as famílias e a comunidade, sempre na procura de dados novos para o trabalho que desenvolve. É indispensável delinear o perfil profissional do professor, detentor de certas competências cognitivas e docentes, é um treinamento pedagógico para esquematizar um "retrato imaginado" do que seria o professor universal. Esse exercício seria tão benéfico para a educação quanto a definição do "espírito científico" para a ciência.

A formação continuada do professor implica a mudança do próprio docente e da instituição de ensino em que atua, visto que possibilita a realização de experiências inovadoras e bem sucedidas no contexto educacional, bem como propicia o aprimoramento de seus saberes e a valorização de seus modos de construir o cotidiano da prática educacional.

Vasconcelos (2005, p. 31) entende que “é da competência pedagógica que surge, naturalmente, o comprometimento com as questões do ensino e da Educação”. É a competência pedagógica que se constituirá no diferencial de qualidade do professor daqui para frente. Logo, o professor verdadeiramente comprometido com o desempenho de seu papel docente de forma rica e multifacetada é aquele que preocupa com o todo da formação daqueles que se pretende que sejam, além de profissionais competentes, cidadãos atuantes e responsáveis.

3.3 Recursos didáticos e tecnológicos como ferramentas de ensino e apoio da escola quanto a desmotivação por parte dos alunos

A sociedade contemporânea passou por mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais que afetaram o campo da educação, incluindo ajustes no papel dos professores, gestão escolar, organização curricular e processos de ensino e aprendizagem. Devido a essas transformações, deve-se estar sempre em busca de recursos atuais as novas formas de ensinar e seu papel mediador no comportamento docente. Assim, Demo (2012) divulga que o professor deve estar sempre atento principalmente as novas tecnologias digitais, pois sua competência é essencial o qual deve ser pesquisador e orientador, englobando capacidade construtivista e participativa.

Atualmente, o uso de ferramentas pedagógicas caracterizadas e significativas favorecem o processo de ensino e aprendizagem. Por isso, priorizar uma adequada metodologia constitui estabelecer conhecimento, através de um recurso didático motivador e prazeroso que abrange probabilidades metodológicas.

. Para Monte Mór (2010) em relação às mudanças vivenciadas atualmente pela sociedade, argumenta-se que a modificação na natureza da comunicação e interação em uma sociedade digital é perceptível na forma como o conhecimento é construído, na interação social e na forma como o mundo é lido e percebido. Outro desafio é transformar o ambiente da sala de aula em um lugar onde o conhecimento seja construído de forma participativa, integrativa e proativa.

Como adaptar o “antigo” ao “novo”? Talvez este seja um dos maiores desafios dos profissionais da educação. O momento que a sociedade atravessa hoje clama por mudanças educacionais urgentes. Não há dúvidas de que as tecnologias digitais (TD) podem subsidiar a prática docente e tornar os ambientes de sala de aula mais

significativos. Uma das inovações oferecidas pela DT é facilitar a implementação de abordagens proativas (MONTE MÓR, 2010).

A metodologias ativas é definida como um processo de interação de conhecimentos, análises e decisões, em que o professor atua como intermediário e o aluno como gestor de seus conhecimentos. As tecnologias da informação e comunicação - TIC, usadas como recurso para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, são mencionadas diversas vezes na Base Curricular Comum Nacional (BNCC) (GONÇALVES, 2018).

Segundo Berbel (2011), as metodologias ativas priorizam o desempenho do aluno e apoiam o desenvolvimento de suas habilidades. O aprendizado proativo ocorre quando os alunos respondem às disciplinas propostas e são incentivados a desenvolver seus conhecimentos e não apenas recebê-los passivamente.

De acordo Gonçalves (2018), nas metodologias ativas, várias estratégias precisam ser usadas para que o papel principal do procedimento ensino-aprendizagem, que antigamente era do professor, seja do aluno, que passa a ser mais independente e personaliza a ação de ensino-aprendizagem. A inserção da tecnologia no ensino permite que os alunos usem métodos de ensino ativos, o que os torna protagonistas e promove a independência no desenvolvimento e no aprendizado.

As metodologias ativas é um modelo de ensino que visa desenvolver a independência e a participação dos alunos de maneira indispensável. Como resultado, os benefícios de ensino e aprendizagem e todo o processo educacional foram aprimorados. Para usar as metodologias ativas corretamente, é importante que os professores saibam que são suficientes para desenvolvê-los perfeitamente na sala de aula. Do mesmo modo precisa conhecer os recursos mais prováveis e de suporte que se pode usar. Assim, tem-se também ao uso da tecnologia digital nas escolas, o que é analisado como um recurso muito relevante para esse modelo de ensino (LOPES, 2019).

Tendo em vista as mudanças que a tecnologia da informação e comunicação (TIC) fez na educação, o assunto ainda está gerando muita discussão, porque alguns professores não usam as TIC adequadamente e não são utilizados na sala de aula. O crescimento da informação e do acesso que os alunos têm hoje com as TIC é evidente.

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) estão firmemente inseridas em nossas vidas diárias. Segundo uma pesquisa realizada pela TIC

Domicílios, que mede a posse e o uso das tecnologias de informação e de comunicação entre a população residente no Brasil com idade de 10 anos ou mais, teve como resultado que 97% da população brasileira possui televisão, 93% celular, 70% rádio e 50% computador. A pesquisa TIC Kids Online Brasil constatou que 79% das crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos usam a internet (AVELAR; FREITAS, 2018).

Com o apoio da tecnologia os métodos de ensino podem assumir a responsabilidade pela construção do conhecimento e representar conceitos de forma mais autônoma. A inserção da tecnologia no ensino por parte do professor permite que os alunos usem métodos de ensino ativos, o que os torna protagonistas e promove a independência no desenvolvimento e no aprendizado (VALENTE *et al*, 2017).

Segundo Avelar e Freitas (2018), as TIC ocupam lugar de destaque na sociedade, assim sendo, sua utilização para fins educacionais é uma prática imprescindível para que os professores tornem o ensino significativo e estimulem o processo ensino-aprendizagem. Conforme Prensky (2001, p. 1), “os jovens fazem parte da chamada geração digital e se acostumaram com a velocidade e a multiplicidade da informação”.

Nessa acepção, observa-se que é imprescindível que a escola e os professores atentem para a precisão de inseri-las em seus projetos pedagógicos e planos de aula. Juntamente com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) influencia os hábitos na sociedade e também na escola. Como o processo educacional é influenciado por todos os aspectos que os alunos se encontram incluídos, como família, sociedade e tecnologia, isso vem a refletir absolutamente na sala de aula e em todos os níveis de ensino.

A infusão de tecnologia digital é comum para os alunos e o aprendizado através dela é considerado muito divertido, por isso é importante ser inserida nas aulas de inglês, para aumentar ainda mais a motivação dos alunos. Assim, pertence ao professor, familiarizar-se com o uso e a preparação dos métodos interativos e sociais. Por conseguinte, embora a natureza das metodologias ativas seja fundamentada na socialização e no compartilhamento, o uso do TDIC em suas aplicações mostra uma combinação de estratégias e técnicas que podem ser maravilhosas no processo de ensino e aprendizagem (FREITAS, 2021).

Para Avelar e Freitas (2018), a tecnologia da informação é um espaço privilegiado de expressão da linguagem, seus diferentes recursos permitem a leitura não linear, e seus textos é composto por diferentes formas de linguagem: imagens, sons, ações, textos escritos e falados, hiperlinks e outros. Kenski (2003, p. 52) enfatizou “as vantagens do uso dos letramentos digitais, destacou o uso de recursos tecnológicos como ferramentas de ensino e estabeleceu que os professores usassem como novas habilidades de aprendizagem atitudes e valores pessoais e sociais”.

Observa-se que este pode favorecer ao professor e ao aluno verificar que o uso das novas tecnologias digitais incentiva o desenvolvimento de novas aptidões. Freitas (2021) relata que as fases do letramento precisam ser entendidas como concomitantes e não como lineares, as concepções do letramentos não só das fases, nas plataformas digitais devem ser olhadas com o olhar de concomitantes e não como lineares.

Moran (2015, p. 58) afirma que “o professor necessita ser educador e incentivador de costumes culturais, estar atento às informações e conectado ao mundo que se modifica constantemente”. Há a necessidade de metodologias que beneficiem uma aprendizagem significativa. Freitas (2010) alerta que quando se fala que o professor deve ser letrados digitalmente, essa afirmativa se fundamenta em uma acepção que pode ser restringida ou ampliada. Refere-se à probabilidade de acessar esses instrumentos ou dominar as habilidades básicas para o seu uso.

O acesso e o uso do instrumento são se fazem importantes, entretanto os professores não atingem realmente o que se esperam deles. Freitas (2010) acrescentou que por meio da pesquisa realizada, percebeu que escolas equipadas com computadores e acesso à internet e professores formados em cursos básicos de informática educacional ainda não são suficientes para a integração de recursos digitais e práticas pedagógicas.

Ainda de acordo com Freitas (2010), se é melhor para os professores conectar computadores e internet na formação profissional e alterá-la para melhor integrá-la em nossa sociedade assinalada pelo digital, é imprescindível ir muito além. Os professores necessitam estar cientes gêneros discursivos e linguagens digitais empregadas pelos alunos, a fim de se conectar de modo criativo e construtiva, ao dia-a-dia escolar.

Em seguida, Avelar e Freitas (2018) argumentaram que nos cursos de formação de professores os métodos didáticos com uso das TIC's ainda não são

comuns, não desempenhem uma função frequente em seu uso e, muitas vezes, quando usados, o processo incorpora um método de ensino tradicional, resultando na falta de novas habilidades. Tendo em vista que os professores em processo de aprendizagem irão replicar os métodos, recursos e estratégias que vivenciaram durante a graduação na prática geral de ensino, entende-se a necessidade de uma formação mais relevante no uso das TIC's, favorecendo assim, o processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Avelar e Freitas (2018) argumentaram que combinar o uso das TIC no contexto escolar exige que o professor reconheça seu potencial e entenda que introduzi diferentes tecnologias na prática pedagógica à medida que proporcionam novas oportunidades e fazem parte da realidade do aluno. As formas de ensino e aprendizagem colocam mais ênfase na produção de conhecimento. Assim, é importante enfatizar a importância da formação de professores para o uso das TIC.

O uso das TIC fortalece as relações sociais e permite que os alunos se conectem com um mundo cultural, linguístico e social mais amplo. Ressalta-se que o uso das tecnologias precisa ser uma ferramenta do processo de ensino-aprendizagem, deve servir como uma ferramenta para o professor e para o aluno, pois, como observou Sabota (2017, p. 210), “não se trata de mediação na tecnologia, e sim com o uso delas”.

Avelar *et al* (2018) descreveram que a tecnologia precisa ser usada como instrumento no processo de ensino e aprendizagem, é importante que o professor saiba utilizá-la como recurso. Defende-se aqui a importância do letramento digital para que os professores possam utilizá-la no contexto de ensino-aprendizagem.

Segundo Morán (2015), a natureza das tecnologias é fundamentada na socialização e no compartilhamento com as TDIC em suas aplicações mostra uma combinação de estratégias e técnicas que podem ser extraordinárias no processo de ensino e aprendizagem. Por conseguinte, Valente *et al* (2017, p. 10) mencionam que “o uso da tecnologia digital é um fator motivador para a construção do conhecimento”. Sendo assim, precisam ser percebidas como ferramentas com baseamento educacional que possibilitam atitudes modernas, medidas inovadoras e atitudes comunicativas.

Morán (2015) acrescenta que as TDIC provam ser um modelo de ensino que permite aos alunos relacionar as atividades de ensino com os problemas da realidade

estimados significativos. Os estudos pressupõem que o uso das TDIC pelo professor possa estar aumentando.

Percebe-se que isso implica que o professor possa estar se preparando para dominar os recursos que pode proporcionar, assim como, conhecer os fundamentos educacionais subjacentes aos diferentes usos das TDIC, e reconhecer os fatores implícitos nos processos de aprendizagem e identificar o nível de desenvolvimento do aluno, para poder interferir adequadamente no processo de aprendizagem.

3.4 Metodologia da pesquisa

O presente trabalho se baseia em uma pesquisa exploratória, pelo fato que o mesmo busca levantar informações sobre certo objeto (SEVERINO, 2007) e qualitativa, por considerar elementos sociais e culturais sem restringir-se unicamente aos aspectos numéricos presentes nas pesquisas quantitativas.

Foi feito um trabalho de campo, com entrevistas e questionários, com participação dos professores e alunos do 9º ano do Colégio Imaculada Conceição da cidade de Ceres – GO, questionando qual é o contato desses alunos/professores com a Educação Ambiental em seu dia a dia e trabalhos.

Foi investigada também a formação desse educador, contato que o mesmo possui com essa temática em seu cotidiano de trabalho, suas opiniões/dificuldades de trabalhar com enfoque ambiental.

E a partir dos resultados obtidos através dos questionários, foi analisada a relação professor - meio ambiente - aluno - aprendizado; organizando relatórios, no qual apresentaram dificuldades, facilidades e disponibilidades em se trabalhar com a Educação Ambiental em sala de aula.

A coleta de dados foi efetivada através do questionário que foi respondido pelos professores e o diretor. Neste trabalho, foram introduzidas atividades práticas ao longo das aulas expositivas, as quais foram conduzidas pelo professor, em um processo de intervenção constante, tratando de relacionar os conteúdos pertinentes à atividade prática em questão, ao conhecimento prévio (científico ou do senso comum) do aluno

A pesquisa foi realizada com 05 professores, com as mais variadas formações (Biologia, Matemática, Letras e Educação física) e com o diretor da escola formado em Matemática com uma apresentação da proposta do projeto.

Em seguida, foi analisado os pontos ressaltantes pertinentes à prática da EA no ensino da Língua Inglesa na escola, em uma pesquisa realizada com os professores e o diretor. Assim, buscou-se discutir os conceitos que precisam ser elaborados para uma melhor intervenção e por conseguinte os objetivos a que se propõe.

3.5 Análise e discussão dos dados

3.5. 1 Instituição escolar e aprendizados do professor relacionado à Educação Ambiental

O Colégio Imaculada Conceição, instituição católica é mantido pela Associação Educacional Imaculada Conceição-Diocese de Goiás. É uma escola privada.

A primeira etapa da pesquisa constituiu-se o primeiro momento na escola campo em espaço formal de ensino para apresentação do projeto de intervenção. Foi feita com 05 professores e o diretor da escola uma apresentação da proposta do projeto com o tema: O inglês como ferramenta para a Educação Ambiental: possibilidades na Educação Básica.

Foi realizado também uma análise do PPP da instituição, o qual deve estar pautada na formação do ser humano e na construção da cidadania, considerando quatro aspectos para alcançarmos os objetivos propostos: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Visa a formação do aluno como cidadão crítico atuante, respeitando os princípios éticos, políticos, culturais, religiosos e sociais.

O processo de ensino oferecido pela instituição visa educar e desenvolver cada aluno nas questões culturais, sociais e do processo de aprendizagem. Conta com uma equipe de professores experientes e consultorias pedagógicas para transmitir métodos de ensino voltados para o desenvolvimento do aluno e no desenvolvimento de princípios e valores. O ambiente é tranquilo e seguro com espaço de lazer, onde brincar e o aprender estão integrados na proposta curricular.

No Colégio Imaculada Conceição (CIC), o PPP é um planejamento coletivo e democrático onde conta com a participação e envolvimento dos diferentes segmentos das comunicações escolar-diretor-coordenadores-professores agentes educativos,

administrativos e conselho escolar. Visando oferecer o mínimo de qualidade possível para a educação proporcionando a todos os alunos um ambiente favorável ao desenvolvimento da convivência participação, atitude, partilha, sensibilidade e solidariedade nas relações humanas com outro e consigo mesma.

O CIC tem por missão oferecer um ensino de qualidade e propiciar condições para uma aprendizagem significativa, atualizada e eficaz que prepare alunos competentes, éticos, com argumentações sólidas. Tudo isso de forma prazerosa para que os alunos se sintam bem e felizes no ambiente escolar. A escola faz parte do sistema de inclusão e aponta o direito à igualdade, o direito da educação para todos, sem preconceito de cor, sexo, raça, idade e quaisquer outras formas de desigualdade, garantindo a igualdade de condições, acesso e permanência a escola.

Ainda, na análise do PPP da instituição, o conceito expresso no documento referente a Educação Ambiental, descreve que a mesma deve ser promovida em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente através de atividades frequentes, precisas e abrangentes, com projetos internos, com a integração dos componentes curriculares. Prática que deve ser sempre reforçada na instituição, com atividades que trabalham junto com a interdisciplinaridade e influenciem valores e condutas, com capacidade de formar cidadãos críticos capazes de agir na transformação da sociedade.

Arruda e Quelhas (2013) enfatizam que a educação ambiental na escola é de suma importância e os professores precisam estar cientes dessa ação, e é indispensável que parta das atitudes deles em sala de aula com os alunos. Destaca-se que uma das primeiras ações é conscientizar os alunos, e assim à medida que todos incorporam práticas sustentáveis. Para Cuba (2010) torna-se imprescindível que todos professores, alunos, comunidade escolar, atuem como multiplicadores dessas obras. Pertencendo a eles fazer a conscientização e abranger a todos os familiares, amigos e comunidade escolar, na causa, estimulando-os a participar de ações ambientais.

Segundo Mello e Perez (2011), existem várias maneiras de integrar o tema da proteção ambiental nos currículos escolares, experiências práticas, atividades fora da sala de aula, produzir materiais locais, projetos ou quaisquer outras atividades que possam levar os alunos a serem reconhecidos como agentes ativos na ação de controle da política ambiental.

Como parte da prática interdisciplinar, os professores devem propor metodologias inovadas que promovem a prática da educação ambiental, com base em exemplos de problemas atualizados. Assuntos sobre meio ambiente devem sempre ser tratados pelos professores como assunto de suma importância em sala de aula, pois, são capazes de fazer com que o aluno tenha uma aprendizagem sobre os assuntos sobre o meio ambiente.

Nessa etapa os professores da instituição foram convidados a participar da a pesquisa. Cinco (05) professores e o diretor responderam a um questionário semiestruturado, composto de nove (09) questões referentes a seus conhecimentos, sobre a Educação Ambiental como recurso didático.

Foi investigada a formação dos professores para a educação ambiental, como eles trabalham com esse tema no currículo escolar, com que frequência abordam o tema nas aulas, estratégias utilizadas e recursos pedagógicos, bem como os obstáculos encontrados para atuar na área de educação ambiental. Todos os cinco professores que participaram da pesquisa possuem curso superior em suas área específicas e curso de pós-graduação. Nenhum deles possui formação complementar em EA. Apresenta a seguir no Quadro 1 suas formações e área de atuação.

Quadro 1: Formação dos professores e área de atuação.

Professores e Diretor	Formação	Área de atuação
Professor 1	Letras	Disciplina de Português e Inglês
Professor 2	Biologia	Disciplina de Biologia
Professor 3	Matemática	Disciplina de Matemática
Professor 4	Educação física	Disciplina Educação física
Professor 5	Biologia	Disciplina de Biologia
Diretor	Matemática	Direção da escola

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Relacionado ao período que os entrevistados estavam concretizando seus cursos de formação superior, quando a EA foi abordada, a maior parte dos profissionais relataram que nem se lembravam de ter estudado educação ambiental e, se o fez, entendia que não foi trabalhado com a atenção que merecia, não foi um

estudo aprofundado, com técnicas apropriadas para serem trabalhadas em sala de aula.

Quanto ao tempo de atuação como educadores, o diretor já está na área há mais de 18 anos na educação. Portanto, relacionado aos cinco (05) entrevistados, três (03) já estão trabalhando na área cerca de 12 e 15 anos de experiência; dois (02) entre três e oito anos. Destes profissionais, três são funcionários efetivos (concursados), os demais trabalham em regime de contrato temporário, forma que há rotatividade desses profissionais.

A seguir os participantes da pesquisa foram interrogados a respeito de quais as fragilidades foram observadas no ensino referente à Educação Ambiental oferecida em seu curso de graduação, esses destacaram sua superficialidade e inadequação, refletindo que os programas de formação de professores não estão alinhados com as necessidades de enfrentamento das questões atuais, inclusive as ambientais. E afirmam que:

Aconteceu de forma muito limitada e breve e não foi muito dinâmica porque pouco se fez nesse sentido” (Diretor).

Não havia uma disciplina específica que abordasse o tema ao longo do curso, por isso não oferecia o treinamento necessário para uma atuação eficaz (01). Funcionava superficialmente, enfatizando aspectos teóricos e não apoiando suficientemente a prática (02).

Foi um período muito curto e praticamente insuficiente, onde o conteúdo não foi passado de forma satisfatória (03).

Relacionado a EA foi de forma inadequada e superficial (04).

Funcionou sem a profundidade necessária, não subsidiou o aprendizado necessário para implementar a prática pedagógica” (05).

A análise das respostas à pergunta anterior revela algumas fragilidades na formação de professores em educação ambiental. Um fator agravante para esse problema é que o sistema de ensino tem feito pouco investimento em professores qualificados para trabalhar com EA educação formal (VIANA; OLIVEIRA, 2006). Contudo, a Política Nacional de Educação Ambiental pressagia a formação complementar dos professores em serviço (BRASIL, 1999). Loureiro e Cossío (2010) apontam que para melhorar a EA desenvolvida nas escolas é imprescindível que seja efetivada uma política pública que ofereça toda uma atenção especial ao processo de formação de educadores ambientais tanto na inicial quanto na educação continuada.

Os sujeitos pesquisados foram unânimes em reconhecer que a Educação Ambiental é importante na formação do educador, destacando ser um tema ressaltante e contemporâneo que promove preparo para direção do processo de

ensino, refletindo nas ações dos educandos. Assim, logo, a baixo apresenta as justificativas por eles são transcritas, na íntegra:

Apoiar as contribuições teóricas e metodológicas de temas interdisciplinar referentes a EA e, com isso, auxiliar as práticas de ensino que orientam o processo constituído nos documentos orientadores, para que o aluno tenha uma aprendizagem significativa sobre o assunto em questão (Diretor).

É de suma importância pois como professores temos a obrigação e dever de explicar aos alunos a importância de preservar e proteger o meio ambiente (01).

É um tema que está em discussão um tema atual e relevante que requer conhecimento para ensiná-lo (02).

Porque o professor deve ter conhecimento de como a EA deve funcionar para atingir os objetivos a que se propõe (03).

Afinal, nós professores precisamos de uma base teórica e prática para trabalhar nesse campo (04).

Considera-se indispensável ter o conhecimento satisfatório para que seja possível implementar a EA (05).

A EA, com suas possibilidades, abre um espaço estimulante para repensar a prática social. O papel do professor é mediar e facilitar a aquisição de conhecimentos suficientes para permitir que os alunos adquiram uma base adequada para compreender o ambiente global e local, promover novas práticas em sua vida cotidiana por meio de um modelo educacional que assuma a responsabilidade para a sustentabilidade como sociedade uma parte importante do processo (FONSECA et al., 2012). No entanto, a necessidade amplamente divulgada de EA nas escolas continua a sofrer, por isso que as escolas continuam mantendo uma prática educativa distante da vida, dos alunos e da sociedade em geral.

Além dessa circunstância, Fracalanza (2004) menciona questões escolares pertinentes aos conceitos de educação ambiental, métodos e práticas de ensino empregados pelos professores; formação inicial e continuada de professores, e além disso, à organização e funcionamento das escolas, em meio a outros. Para Santomé (2008) a EA em uma escola que seja praticada com uma metodologia tal que admita que ele seja contínuo depois o fim do procedimento de treinamento, isto é, de se tornar sustentável ou também parte da cultura da escola.

Na questão relacionada sobre o principal objetivo da Educação Ambiental, os entrevistados descreveram questões de grande importância como sustentabilidade, responsabilidade, preservação, proteção, consciência, conhecimento, diminuir os danos ambientais, a seguir discorre-se sobre na íntegra suas falas:

Acredito que o principal objetivo da EA é alcançar o desenvolvimento sustentável por meio da mudança de ações, conceitos e hábitos visando uma relação harmoniosa das pessoas com o planeta (Diretor)

Formação de cidadãos que contribuam para a proteção do ambiente e que tenham consciência das questões ambientais (01)

Trabalhar a EA não apenas na escola mas com toda a sociedade e especialmente nas escolas, uma vez que as crianças bem informadas a respeito de os problemas ambientais vão se tornar adultos mais preocupados com o meio ambiente (02).

Fazer com que os alunos sejam transmissores dos conhecimentos que adquiram na escola questões ambientais que possam transmitir para sua, família, amigos e até mesmo vizinhos (03).

Conscientizar a respeito da necessidade de diminuir os danos ambientais e incentivar o desenvolvimento sustentável (04).

Comportando-se ecologicamente, entendendo as funções do meio ambiente para a preservação e existência da vida, além de ações voltadas à conservação (05).

As escolas, por conseguinte, têm função essencial de difundir informações e transmitir conhecimentos concernentes ao meio ambiente, ao passo que desenvolverão jovens com pensamento crítico e consciente, que levarão os conhecimentos obtidos para sua casa e seu bairro, sugerindo ideias e soluções que ajudarão no desenvolvimento sustentável e na diminuição dos danos causados ao meio ambiente (MELO, 2017).

Entretanto, é indispensável que os professores sejam mediadores dessa proposta educativa, levando ações práticas e do dia a dia que tendam à reflexão e conscientização de seus alunos. Para tanto, acredita-se que o corpo docente das instituições devem estar preparadas para o enfrentamento a este desafio, educando os aluno de forma lúdica e demonstrando valores de proteção e preservação do meio ambiente.

O diretor e os professores responderem o questionamento sobre considerar-se preparado para trabalhar Educação Ambiental em sua prática docente e, em caso negativo, o que acredita ser necessário para que essa preparação ocorra, foi discorrido as seguintes respostas:

*O professor deve estar preparado por isso a **importância da formação inicial** à qual é evidente para um adequado trabalho em sala de aula. É imprescindível que nessa formação o educador apresente um embasamento teórico e ao mesmo tempo institua ao longo do curso um contado com o futuro ambiente de trabalho o qual possa ser aplicado em sua prática docente (Diretor).*

*A preparação surge por meio da formação a qual advém através de cursos, palestras e do mesmo modo pelo compartilhamento de experiências do ambiente escolar, por esse motivo, seria **indispensável uma melhor formação** na graduação. (01)*

Compete ao professor avaliar quais as melhores formas de aplicabilidade da EA conforme a condição educacional. Bons professores assume uma sala de

*aula e com certeza devem estar preparados para enfrentar desafios procurando sempre **aumentar cada vez mais seus conhecimentos** por meio de cursos, palestras e outros (02)*

*É necessário **estarmos sempre em formação**, procurar novas formas de oferecer esse conteúdo da EA ao aluno de forma eficiente, por esse motivo, busco sempre o meu crescimento profissional, criando novas técnicas para que seja possível aplicar esses conhecimentos, e com a EA não é diferente, são tarefas contínuas, uma vez que os alunos pedem modificações na forma de ensino (03)*

*Procuro sempre engajar o **meio ambiente as realidades que circundam os alunos em sala de aula** de maneira teoria e prática, adotando um circuito de aprendizagem relacionado ao assunto de EA (04)*

*Estar preparado para trabalhar EA no ensino não é exclusivamente expor tal conteúdo aos alunos, entretanto do mesmo modo **estimulá-los a reflexão e ao desenvolvimento de sua compreensão sobre o mundo, sugerindo questões** e, quem sabe encontrar formas de resolver alguns problemas (05).*

O educador ambiental deve estar ciente de seu papel como mediador, solucionador de problemas e promotor de valores que representam novos padrões sociais. O papel do professor é permitir que o aluno interprete e tome decisões a partir daí ao receber informações. Silva (2018) destaca que para que um professor cumpra efetivamente seu papel de educador, ele deve estar preparado para a jornada acadêmica de seu curso de graduação (Licenciatura). A dimensão ambiental necessita ser incluída nos currículos de formação de professores em todos os níveis e em todas as disciplinas.

Os professores ao serem indagados, se trabalham a Educação Ambiental em sua prática docente, e em caso afirmativo, relate como, destaca-se que todos os professores participantes da pesquisa afirmaram trabalhar a EA em sua prática docente:

*Em **projetos da escola, palestra com profissional especialista**, levando aos alunos, pais e toda a comunidade escolar e não escolar sobre a importância da preservação do meio ambiente, o quanto este é necessário para a sobrevivência de todos os seres vivos (Diretor)*

*Campanhas para a **redução do uso de copos descartáveis** e correta utilização da água potável. Mostrando a importância da forma correta da água potável, para que não vir a faltar no futuro (01).*

*Ensinar sobre relevância da **coleta seletiva e o uso das disponíveis lixeiras recicláveis** espalhadas na escola. Proporcionando uma atitude em defesa do meio ambiente separando todos os lixos cada um em seu devido lugar (02)*

*Não é sempre, mas procura-se levar os alunos conhecer lugares característicos como o **Instituto Florestal**, sempre focalizando o valor da sua preservação (03).*

*Ensinado aos alunos objetos que podem ser **reciclados** e confeccionados a partir de embalagens recicladas, como a garrafa pet, papelão, papel, latas, potes de sorvetes e muitos outros (04)*

***Ações no pátio da escola, filmes e documentários a respeito do assunto meio ambiente** por meio de brincadeiras (jogos, gincana, músicas e atividades educativas) que tenham o meio ambiente como tema (05).*

Por meio das respostas oferecidas pelos entrevistados sobre a prática da Educação Ambiental na escola, observa-se que essas ações acontecem sem considerar a interdisciplinaridade. A ligação entre as disciplinas, a contextualidade do tema, a objetividade dos projetos e a integração dos alunos com a EA são aspectos que podem criar ações positivas através da proteção ambiental e fazer com que os alunos reajam ativamente e tragam resultados. Práticas de ensino de EA podem ir além dos muros das escolas.

Silva (2018) discorre que a interdisciplinaridade aplicada é “adotar uma abordagem interdisciplinar, valendo-se do conteúdo específico de cada disciplina, de forma a obter uma expectativa completa e equilibrada. Mansur (2017) defende que a abordagem prática-conteúdo é o resultado de várias trabalhos dos autores em um assunto amplamente discutido na educação, tira a passividade dos alunos e os leva à prática, enquanto a vivência do conteúdo muitas vezes só é exposta na teoria. As aulas presenciais despertam motivação e melhor compreensão, favorecendo a reflexão e a criação de novas ideias. Essa abordagem do mesmo modo pode ser justaposta à EA para melhor conectá-la.

Para Fazenda (2002, p.40) “a interdisciplinaridade não pretende estabelecer uma superciência, entretanto sim mudar atitudes em relação às questões do conhecimento, substituindo da concepção fragmentária para a unitária do ser humano”. Esta não é uma disciplina adicional que surgiu de modo recente, no entanto um diálogo entre as disciplinas existentes.

Carvalho (2011, p. 120-130) cita que, pela “interdisciplinaridade, as intervenções em diferentes campos com vistas à atuação em conjunto e compreender a realidade, permitindo aos educadores compartilhar os desafios colocados pela complexidade das questões ambientais”. Portanto, discussões de desafios complexos envolvendo questões ambientais e sociais só são possíveis por meio da interação de diferentes disciplinas e perspectivas.

Percebe-se que a EA mostram que a escola são o nexos para a construção de valores, habilidades e conhecimentos projetados para proteger e preservar o meio ambiente. Dessa forma, investir em seu aprimoramento é um dos pontos-chave para liberar a aplicabilidade da educação e melhorar a qualidade de vida.

Sobre o questionamento, sobre as quais os desafios/dificuldades encontradas ao se trabalhar Educação Ambiental na prática docente, muitos deles, enfatizaram a falta de material didático e tecnológico. Dificuldade em realizar projetos com eficácia

por falta de recursos e desafios em trabalhar a interdisciplinaridade na escola. Os desafios de trabalhar a EA no ambiente escolar devem ser enfrentados, de modo que os alunos devam emergir como protagonistas no desenvolvimento de um planeta sustentável, e não como espectadores de sua destruição. Assim, apresenta-se na íntegra as respostas a seguir:

Os desafios e dificuldades sempre vão existir, muitas vezes a escola não atende a todas as exigências necessárias para se trabalhar a EA, portanto, os professores devem estar cientes dessa situação e procura se atualizarem e trabalhar com os recursos que a escola oferece tanto em recursos pedagógicos como tecnológicos os quais são indispensáveis para um adequada aula ou projeto (Diretor).

Dificuldades em transmitir conhecimento e dominar fundamentos teóricos relacionados à EA e sua disciplina explicadas somente por informações factuais adquiridas por meio de notícias de TV, rádio, jornal, internet (rede social) (01)

Falta de conhecimento sobre o assunto e ausência de materiais didáticos e tecnológicos de EA na escola, cursos de educação continuada EA oferecidos pelo estado (02).

Dificuldade em trabalhar com projetos e com interdisciplinaridade, pois essa é de suma importância, uma vez que se interfere “em várias áreas com a finalidade à atuação em conjunto e à compreensão da realidade (03).

Dificuldade em promover atividades voltadas à resolução de problemas locais; em criar um projeto sobre EA que aborde os problemas ambientais conforme a realidade local (04).

Pouca preparação para o trabalho interdisciplinar e ausência de financiamento para trabalho de campo ou práticas (05).

Muitas destas dificuldades são consequências de uma visão fragmentada ao longo da formação docente, interferindo na prática ao fazer objeções às rescisões de práticas conservadoras; ressaltando o desejo de mudar, porém sem estímulo para destituir os vícios e “trabalhar a coragem da renúncia ao que está estabelecido, ao que nos dá segurança e a ousadia de inovar” (GUIMARÃES, 2011, p. 148).

Pode-se concluir que ainda há muitos desafios a serem superados para inserir a EA no cotidiano escolar, visto que é preciso romper com práticas isoladas. Sauv  (2005) apresenta uma análise importante que determina o “nicho” educacional do professor em EA, dependendo do contexto específico de sua interven o, do público-alvo que se dirige e dos recursos de que dispõe: escolha, metas e estratégias de forma oportuna e realista, porém sem esquecer um conjunto de outras metas e estratégias possíveis. Jacobi (2013) enfatiza que a EA pressupõe um valor moral diferente e uma forma de enfrentar e ver o mundo e as pessoas, fundamentada em uma nova  tica, um desejo de olhar a rela o do homem com a natureza de uma nova forma. Bigotto (2008, p. 97) cita outros desafios comuns   viabiliza o da EA como:

O desinteresse dos professores, a ausência de materiais didáticos apropriados e formas tradicionais de ensino que priorizam o conhecimento teórico, conhecimento abstrato e informacional em prejuízo de problemas específicos e regionais; e a demora na renovação de professores devido aos avanços no conhecimento científico.

Problemas materiais, como a falta de materiais didáticos, são considerados menos importantes, uma vez que o principal recurso didático utilizado para estudar EA deve ser o próprio ambiente, em oposição ao desinteresse dos professores e aos métodos tradicionais de ensino.

Os professores demonstraram bastante compreensão em relação à importância desse recurso didático para o ensino ao levantar características que contribuem para a promoção do aprendizado, tais como a ludicidade, o gosto pela leitura, a diversificação dos recursos didáticos, a contextualização dos conhecimentos e a aproximação com a realidade.

No regime político em que vivemos hoje, a EA foi introduzida de forma conservadora, claro, liderada pela antiecológica. Em seu trabalho, Layrarques (2020) nos mostra que esse modelo de Educação Ambiental visa criar um sujeito ecológico ingenuamente manipulado que pensa apenas em comportamentos individuais. No entanto é necessário que seja realizado mudanças nas políticas e econômicas com pessoas ativas com capacidade de denunciar a luta contra a insustentabilidade.

Gama e Bridi (2021) defendem que não basta ser cidadão, cabe a cada um policiar as outras pessoas com quem convivemos diariamente, com a ecológica, todos são obrigados a participar ativamente das questões de proteção ambiental. Os livros didáticos usados nas escolas especialmente nas públicas tratam o assunto de forma muito superficial. O tema mais discutido em EA consiste sem o descarte adequado do lixo. Os maiores desafios para trabalhar o tema, realmente corresponde a falta de material didático e a falta de tempo, porque os professores têm um currículo a ser seguido. Do mesmo modo, outras e várias dificuldades como: a questão da preparação para expor a EA; a preocupação com a formação inicial; necessidade de melhor formação na graduação; a necessidade de formação continuada; a preocupação com a compreensão da realidade local; e o estímulo à reflexão e a elaboração de questões sobre o tema. E tudo isso junto a consciência de seu papel!

3.5.2 Preparação para elaboração do produto educacional

Nessa etapa será foi preparado a o produto educacional, levando em consideração a relevância desse tema na disseminação do conhecimento, foi previsto o desenvolvimento do produto educacional, uma ferramenta que auxiliará os professores a trabalhar as atividades propostas com a temática ambiental nas aulas de inglês. Para isso, primeiramente informou os professores participantes da pesquisa os aspectos relacionados à realidade dos estudantes, e a elaboração do produto educacional referente a EA na aula de língua inglesa, que pudesse atender os alunos de forma satisfatória.

Figura 1- Momento com os professores



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Essa proposta surgiu da necessidade de possibilitar e contribuir com a utilização de temas ambientais nas aulas de inglês na Educação Básica. Nosso estágio foi realizado no Colégio Imaculada Conceição, na cidade de Ceres-Go, com a turma do 9.º Ano do Ensino Fundamental II do turno matutino.

No primeiro momento, fizemos uma observação de 08 horas. A partir desses momentos já foi possível deparar com a dificuldade por parte dos alunos e professor em tratar as aulas de inglês e seus conteúdos como parte integrante de suas vivências. Foi perceptível como essas questões influenciam na prática do professor e aprendizagem dos alunos.

Por conseguinte, foi elaborada uma sequência didática, a ser trabalhada nas aulas de inglês, afim de mostrar que é possível inserir a Educação Ambiental nessa disciplina, fazendo dessas aulas mais atrativas, podendo proporcionar aos alunos um conhecimento construído por situações em que o aluno se sinta inserido nas causas sociais relevantes. A sequência didática é uma estratégia educacional que procura auxiliar os alunos a resolverem uma ou mais dificuldades reais a respeito de um tema e deste modo, determinar um procedimento com etapas vinculadas e com eficácia todo o processo de aprendizado.

Logo, a elaboração do produto educacional se deu através de uma sequência didática com o título: “O inglês como ferramenta para a Educação Ambiental”. Onde foi pensada cinco aulas de inglês trabalhando questões ambientais, de modo que foram colocadas atividades que trabalham a pronúncia, escrita e parte gramatical colaborando assim com o andamento do conteúdo programático da série.

A parte principal do estágio foi às atividades desenvolvidas no Colégio Imaculada Conceição em Ceres-Go. Conseguimos realizar de modo já presencial em duas etapas, sendo a primeira no 3.º bimestre do ano de 2021 e a segunda etapa no 2.º bimestre de 2022.

O primeiro momento na escola campo em espaço formal de ensino para apresentação do projeto de intervenção. Nesse encontro, decidiu-se a turma a qual seria o projeto (02 horas).

Partindo para a segunda etapa e aplicação da Sequência Didática (S.D) já foi elaborada para momentos de cinco aulas. Durante esses momentos em contato com a S.D. os alunos eram orientados a levar dicionários de língua inglesa para agregar às atividades propostas. Essas aulas foram dinamizadas em espaço formal de ensino em duplas ou individual. Executadas em três semanas, sendo duas aulas semanais. Na Figura 2 a seguir apresenta-se a aplicação da S.D aos alunos de forma individual e em dupla.

Figura 2- Aplicação da sequência didática aos alunos.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Na aula 01 os alunos fizeram a leitura de suas palavras (**Apêndice II, p. 111**) e explicaram suas escolhas. Para introduzir o assunto foi escrito a palavra “*Environment*” no quadro e foi solicitado aos alunos que escrevessem três palavras em inglês relacionadas à palavra mencionada no quadro. As palavras mais escritas pelos alunos foram: (*Pollution; deforestation, ecological, animals, plants, ecosystem e Climate*). Logo os alunos fizeram a leitura de suas palavras e explicaram suas escolhas. Feito isso, foi entregue a atividade 1 para os alunos e perguntou-se se há alguma palavra deles na folha. Os alunos podem voltar a usar o dicionário para verificar o significado das palavras do quadro

Os alunos usaram o dicionário para verificar o significado das palavras do quadro. E também utilizaram o dicionário on-line. Nessa atividade foi trabalhado o desenvolver os vocabulários relacionados aos problemas ambientais e a habilidade e uso de dicionário, possibilitar ao educando situações que ele possa compartilhar seus conhecimentos prévios, relacionado ao tema abordado e estimular a expressão oral.

Na aula 2 foi entregue seis partes de textos curtos (**Apêndice II p. 114**) já recortados antes da aula. A turma foi dividida em pares ou individual, pensando sempre na forma que melhor fique na realidade de turma e dependendo da quantidade de alunos que possuir em sala. Os alunos fizeram uma leitura, identificando as informações principais e ao mesmo tempo foram encorajados a fazerem anotações sobre pontos principais. Foram monitorados e os ajudando com algum vocabulário. Após 10-15 minutos os alunos explicaram seus tópicos uns aos outros e houve um quiz posteriormente. O quiz foi pra verificar o entendimento dos alunos a acerca dos textos.

Na aula 3 foi introduzido aos alunos a *Expressions of certainty* e logo entregue aos alunos a atividade impressa (**Apêndice II, p.118**). Foi feita a leitura com eles as frases e perguntado aos alunos onde cada palavra em negrito se encaixa no quadro de expressões. Os alunos foram encorajados a pensar com criticidade e justificar suas respostas. Assim, foi desenvolvido vocabulários relacionados à mudança climática e meio ambiente, o foco em “*Reding*” e o uso de expressões para referir ao futuro *expressions of certainty*.

Relacionado à aula 4, foi trabalhado com os alunos as práticas de linguagem: compreensão textual e gramatical, onde os mesmos fizeram a leitura das opções a, b ou c, dependendo de suas opiniões (**Apêndice II, p. 120**). Essa aula teve como finalidade desenvolver foco em “*Comprehension*”, utilizar e reconhecer expressões para expressar futuro e discutir através do exercício sobre problemas ambientais. E em pares ou em grupos pequenos, os alunos fizeram a exposição de suas ideias/repostas justificando suas opiniões. E ao final da peça foi solicitados um feedback de toda a sala. De acordo com as avaliações dos alunos as atividades tiveram efeitos positivos as atividades, podendo tirar todas as dúvidas referentes as atividades distribuídas em sala de aula. Na opinião dos alunos fica mais fácil o aprendizado quando ocorre atividade dessa forma (sequência didática), reforça mais o saber para o aluno; envolvimento acontece de com mais facilidade com o aprendizado. Segundo os alunos as atividades na compreensão da temática ambiental foi de grande importância na aprendizagem.

Na última aula 5 (**Apêndice II, p. 122**) ao iniciar a aula foi retomado os conhecimentos das aulas anteriores. Atentando os para os problemas ambientais discutidos em aulas anteriores ou locais. Foi solicitado aos alunos que criassem em

grupos ou duplas uma arte visual que atente para a temática ambiental sugerindo uma criticidade nos trabalhos.

Os trabalhos produzidos foram analisados identificando-se elementos que expressem a ampliação de conhecimentos pelos alunos sobre as questões/vocabulários estudados nas aulas anteriores. O professor fez a análise dos trabalhos para reforçar aspectos que possam ser melhorados nas produções e posteriormente procedeu com a exposição dos trabalhos para toda comunidade escolar. A seguir apresenta-se as figuras das seis (06) atividades produzidas desde a (Task 1 a Task 6) com os alunos, as quais estão dispostas na sequência didática do produto final (**Apêndice II**)

Figura 3 - Task 1 - Environmental Problems e Task 2 - Pronunciation – Word Stress

Atividades

Environmental Problems

Task 1

Can you talk about the environmental and environmental problems in English?

Look at the vocabulary list in the box. Explain the words with a partner.

Look at the words dived into two groups – those in normal text and those in **bold**?

Pollution	deforestation	Climate change
Recycling	Renewable energy	Public transport

Task 2: Pronunciation – Word Stress

Look up the word alternative in your dictionary. How does your dictionary tell you that there are 4 syllables in the word?

It might be weil

Alternative:

Adjective:

UK / al' tɜː ne.tɪv/

The syllable after the apostrophe (') is the stressed syllable. Listen to your teacher say the word.

Use a dictionary to find the stressed syllable for the words on the next page and complete the table with the stressed syllable in the dark box.

Alternative		Al	tear	na	tive
Climate			Clim	ate	
Desert					
Dioxide					
Electricity					
Extinction					
Generation					
Global					
Polluted					
Pollution					
Recycling					
Renewable					
Warming					

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Figura 4 - Task 3: Jigsaw Reading cards

Task 3: Jigsaw Reading cards

Climate change.
Climate change, also called global warming, refers to the changes in the climate and a rise in the average temperatures on Earth. 97% of scientists agree that climate change is happening and the main cause is from an increase in greenhouse gases (like carbon dioxide, methane and Nitrous Oxide) in the atmosphere. These trap the heat from the sun, which is making the Earth hotter. This is known as the greenhouse effect. Over the last few years, there has been more extreme weather events, like floods, droughts, wildfires and heat waves.

Deforestation
Rainforests help to control global warming because they absorb carbon dioxide. In recent years, large areas destroyed, as trees are cut down for wood or burned to clear the land for farming. The burning releases large amounts of carbon dioxide into the atmosphere. Many rainforest grow on poor soils, so when they are cut down or burned the soil is washed away in tropical rains, so that the area may turn into desert. Many plant and animal species that live there can become extinct, and indigenous tribes can lose their homes.

Pollution
Air pollution and climate change are closely linked. Often it is the same gas that create the poor air quality in cities especially which can cause serious health problems for people living in urban areas.
Water pollution is a huge problem and unclean water is a major threat to human health. Water pollution happens when dangerous chemicals from factories, farming and other industries are allowed into rivers, lakes and into our water systems. Plastic waste is also a big problem.
Soil pollution is also a big problem. The use of fertilizer and pesticides can contaminate land and threaten food security.

Recycling
Recycling is the processing of used objects and materials so that they can be used again. About 65% of rubbish from homes and factories contain materials that could be recycled. Recycling saves energy and also reduces damage to the countryside.
Glass, paper and aluminium cans can all be recycled very easily. Many towns have special bins where people can leave their empty bottles and cans for recycling. A lot of paper bags, writing paper and greeting cards are now produced on recycled paper. Even more effective than recycling is choosing products that use a minimum of plastic and paper packaging.

Renewable energy
Up until now, most of the energy we used came from coal, oil and gas (fossil fuels). But these will not last forever and burning them is a major cause of climate change.
Many countries are choosing to use renewable sources for their energy needs. Solar energy from the sun, wind power from turbines, hydroelectric energy from rivers and sea water, and geothermal power, taking heat from the centre of the Earth are the main sources of renewable energy. Countries like Iceland and Costa Rica are leading the way, with Iceland getting 100% of its energy from these renewable sources.

Public transport
Transport has a large environmental impact. People use cars more, especially in urban areas and this is one of the largest growing sources of carbon dioxide in the world. Private transport contributes to air pollution and global warming, and taking flights is also a big problem. As more and more people fly, greenhouse gases increase. In fact, emissions from aviation in Europe increased by 87% between 1990 and 2006.
By using public transport (buses, trains, metros) or cycling in cities emissions from urban transport could be cut by more than 50%. Using trains for longer journeys as an alternative to flying reduces the environmental impact often by as much as 90%, and for some journeys is just as quick.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Figura 5 - Task 4 - The environment quiz e Task 5: Expressions of certainty

Task 4: The environment quiz

How much do you know about environmental problems? Take the quiz below:

1. What is the main cause of global warming?
2. What problems can fertilizer and pesticides cause?
3. What is the greenhouse effect?
4. How do rainforests help to control global warming?
5. What type of soil do rainforests grow on? Why is this a problem?
6. Which countries use the most renewable energy?
7. Why is taking the train better for the environment than planes?
8. What is more effective than recycling?

Task 5: Expressions of certainty

Look at these statements made by a scientist. How certain is he about each statement?

"There's no doubt at all that the Earth is getting warmer"
 "It's fairly certain that Earth will have heated up by 4 degrees."
 "There will be many other effects"
 "The USA and Russia could suffer from drought"

Put the expressions in the correct section of the table below:

100% sure it will happen:	
50% sure	
100% sure it won't happen	

Add these expressions to the table:

Maybe
I'm not sure

will definitely
definitely won't

might
it's possible that...

Probably won't
that...

Won't
I'm certain that...

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Figura 6 - Task 6: Discussion

Task 6: Discussion

Decide if you think the following ideas:

- Will happen in the next 50 years?
- Could happen?
- Won't happen?

Mark the sentences a, b or c.

- Most cars will be electric.
- Alternative energy will be more important than coal and oil.
- You will recycle all your bags, cans and paper.
- Almost all the rainforests will disappear.
- People will continue to sunbathe.
- The climate will get worse.
- The next generation will care more about the environment than the present one.
- In elections, environmental issues will become more important than any other issues.
- Cars will be banned from cities.
- People will destroy the Earth.

- Where will you place these in the table of certainty?
- Think about which expressions of certainty you can to express your opinion-
e.g. I'm certain that most cars will be electric.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A SD mostrada acima foi um atividade vista como um instrumento de promoção da Educação Ambiental na turma de 9º ano do Ensino Fundamental. E teve como objetivo geral desenvolver o entendimento dos problemas ambientais e algumas soluções, com habilidades em Língua Inglesa, com práticas de linguagem: leitura/escrita (compartilhada e autônoma)

O conteúdo foi considerado bem exposto e trabalhado pela professora, onde obteve grande participação e envolvimento da turma. Após toda realização/aplicação da SD. Os alunos realizaram **uma atividade extra** trabalhando os vocabulários presentes na SD em forma de cartazes com lindas representações artísticas que foram expostas. Totalizando um tempo total de 32 horas de estágio supervisionado.

O material almejou possibilitar ao educando situações que ele possa compartilhar seus conhecimentos prévios, relacionado ao tema abordado; estimular a expressão oral e escrita; desenvolver os vocabulários relacionados aos problemas ambientais e assim discutir através do exercício sobre problemas ambientais, produzir desenhos que traga a criticidade do tema abordado nas aulas anteriores, assumir o protagonismo e posicionamentos que representem o cuidado com o meio ambiente através da arte.

3.5.3 Validação e os resultados da avaliação da sequência didática

O professor tem papel fundamental na explicação das atividades de ensino, uma vez que é por meio desse instrumento mediador que o aluno estabelece uma relação entre acontecimentos e processos científicos. Para isso, é necessário adotar um ponto de vista problemático para o ensino e a aprendizagem, de modo que um diálogo real possa ser estabelecido em sala de aula. As SD são validadas por um processo que requer o desenvolvimento profissional do professor, pois a definição dos conteúdos, a identificação das condições de ensino e a escolha de dinâmicas e métodos são feitas de acordo com a questão do ensino. O produto da atuação profissional desse professor é o instrumento mediador (no caso, um SD) no processo de ensino-aprendizagem que se pretende integrar (GUIMARÃES; GIORDAN, 2013).

Segundo Guimaraes e Giordan (2011) “considerando que a validação procura comprovar que o instrumento tem o desempenho exigido pela sua aplicação e também garantir a confiabilidade de seus resultados”, segue-se a proposição do material que educacional, aos professores para realizarem a sua avaliação, o que permitirá a ratificação da sua atribuição ou reformulação e adaptação, caso haja sugestões dos avaliadores. Assim sendo, o material educativo estabelecido foi proposto e avaliado pelo diretor e pelos cinco (05) professores da instituição que participaram dessa pesquisa com as mais variadas formações (Biologia, Matemática, Letras e Educação física).

Ao implementar a etapa de validação da SD, foram considerados os instrumentos de constituição e validação do sistema constituídos por Guimarães e Giordan (2011). O instrumento é composto por 20 itens agrupados em 4 dimensões de análise, para cada um dos itens avaliativos é atribuído um conceito. **(A)** atende, **(AP)** atende parcialmente ou **(NA)** não atende.

Quanto à compreensão desses parâmetros, o item **A)** se há alta relação entre o objeto avaliativo e a proposta apresentada pelo SD; **(AP)** quando os critérios são atendidos basicamente e **(NA)** é selecionado se houver pouca ou nenhuma relação entre SD e as questões associadas ao item.

O instrumento de validação e os resultados da avaliação estão apresentados nos quadros 1 a 4, os quais foram avaliados pelo diretor (1) e professores (5). Podem ser observados os itens de cada categoria analisada e seu critério de avaliação, onde

foi abordado os seguintes aspectos: Estrutura e organização, problematização, conteúdos e conceitos, metodologias de ensino e avaliação.

O Quadro 1 foi avaliada a “**Estrutura e organização**” e alcançou os pontos de vista fornecendo clareza e compreensão do que se propõe, qualidade e originalidade de sua articulação com o tema, tempo suficiente para implementá-lo e referência/bibliografia adequada para a proposta, a qual atende os passos propostos

Quadro 2 – Distribuição quantitativa das respostas obtidas no aspecto “Estrutura e organização” do questionário de avaliação do material (etapa de validação)

INSTRUMENTO DE VALIDAÇÃO DO MATERIAL EDUCATIVO			
A – Estrutura e Organização: Tem como função avaliar aspectos de apresentação da SD, desta forma faz-se necessária a observância dos elementos organizacionais, de redação, clareza linguística, componente temporal e adequação da bibliografia indicada			
LEGENDA: A = ATENDE; AP = ATENDE PARCIALMENTE; NA = NÃO ATENDE	A	AP	NA
A1. Qualidade e originalidade da SD e sua articulação com os temas da disciplina: Possui originalidade e promove o interesse dos alunos? Os conteúdos abordados compõem o currículo?	6		
A2. Clareza e inteligibilidade da proposta: As explicações são suficientes para um entendimento do que é proposto e como deve ser aplicada em sala de aula?	6		
A3. Adequação do tempo segundo as atividades propostas e sua executabilidade: O tempo designado é condizente com as atividades e metodologias elencadas?	6		
A4. Referencial Teórico/ Bibliografia: O referencial de pesquisa é adequado à proposta, ao tema e ao conteúdo no nível de escolarização ao qual se refere a SD? A bibliografia atende e é suficiente para o desenvolvimento dos conteúdos propostos?	6		

Fonte: Guimarães e Giordan (2011). Elaborada pela autora (2022).

A seguir com Quadro 2 buscou avaliar os itens pertinentes à “**Problematização**”, considerados como coerentes, relevantes, necessários e conexos ao tema, provendo elementos para análise da circunstância social a partir de problemas que fazem parte da realidade vivenciada pelos alunos. Percebe-se que a articulação entre conceitos e problematização proporciona para alguns dos avaliadores um caminho abrangente na busca coletiva de resolução de problemas e outros uma pequena quantidade acredita que não é estabelecida claramente a relação entre a sociedade, o ambiente, a Ciência e as implicações sociais do tema e que os conceitos não são capazes de responder o problema apresentado, para que se alcancem os objetivos que tal SD se propõe.

Quadro 3 – Distribuição quantitativa das respostas obtidas no aspecto “Problematização” do questionário de avaliação do material (etapa de validação)

INSTRUMENTO DE VALIDAÇÃO DO MATERIAL EDUCATIVO			
B – Problematização: Por meio da problematização que a formulação dos problemas deve ser construída o que, por sua vez, gera a necessidade de trabalhar um novo conceito evidenciando o emprego dos conteúdos para compreensão da problemática levantada e da realidade, o que acaba por promover a apropriação dos conhecimentos ao se buscar resolver tais problemas. Para este quesito devem-se observar os seguintes itens de análise:			
LEGENDA: A = ATENDE; AP = ATENDE PARCIALMENTE; NA = NÃO ATENDE	A	AP	NA
B1. O Problema: Sobre sua abrangência e foco: A escolha e formulação do problema foram construídas segundo a temática proposta? Ela é atual? A resolução de tal problema, conforme apresentado, é ou torna-se (no desenrolar das situações didáticas) uma necessidade?	5		
B2. Coerência Interna da SD: A problemática se constrói por meio de uma estrutura problematizadora que se conecta aos diversos elementos de ensino que constituem as situações de aprendizagem?	5		
B3. A problemática nas perspectivas Social/Científica: A problemática, conforme apresentada, fornece elementos para análise de situações sociais sob a perspectiva científica? Os problemas fazem parte da realidade social e/ou do cotidiano vivencial dos alunos? É estabelecida claramente a relação entre a sociedade, o ambiente, a Ciência e as implicações sociais do tema?	4	2	
B4. Articulação entre os conceitos e a problematização: Os conceitos são capazes de responder o problema apresentado, para que se alcancem os objetivos que tal SD se propõe?	5	1	
B5. Contextualização do Problema: O contexto está imerso na abordagem que se propõe ao problema promovendo um melhor entendimento e conseqüentemente uma melhor solução?	5		
B6. O problema e sua resolução: A resolução ou possibilidades de resolução do problema são apresentadas ou desenvolvidas no decorrer das aulas num exercício de busca coletiva? A resolução de tais questionamentos além de envolver e motivar também constrói significados?	5		

Fonte: Guimarães e Giordan (2011). Elaborada pela autora (2022).

O Quadro 3, foram analisados os “**conteúdos e conceitos**” apresentados no produto educacional. Por meio da avaliação, determinou-se que os objetivos foram comunicados de forma clara, efetivamente direcionados ao aprendizado dos conteúdos e conceitos propostos, e relacionados ao problema. Assim, os conteúdos estão vinculados e estão de modo efetivo norteados à aprendizagem dos conteúdos e conceitos propostos e gradualmente ligados ao número de aulas e são relevantes para a consecução dos objetivos propostos, onde os conceitos desenvolvidos fornecem elementos para discussão e resolução de problemas.

Quadro 4 – Distribuição quantitativa das respostas obtidas no aspecto “Conteúdos e Conceitos” do questionário de avaliação do material (etapa de validação)

INSTRUMENTO DE VALIDAÇÃO DO MATERIAL EDUCATIVO			
C – Conteúdos e Conceitos: Abrange tudo aquilo que se deve aprender para que se alcancem os objetivos educacionais propostos			
LEGENDA: A = ATENDE; AP = ATENDE PARCIALMENTE; NA = NÃO ATENDE	A	AP	NA
C1. Objetivos e Conteúdos: Os objetivos são claramente informados? Vinculam-se com a problemática e com os conceitos apresentados? Estão efetivamente direcionados à aprendizagem dos conteúdos e conceitos propostos?	6		
C2. Conhecimentos Conceituais, Procedimentais e Atitudinais: As atividades e conteúdos propostos são necessários e suficientes para que se alcancem os objetivos elencados?	6		
C3. Conhecimento Coloquial e Científico: A contextualização apresentada constitui ponto de partida para o desenvolvimento de um conteúdo que sirva como elemento explicativo de determinada situação ou mesmo como potencial agente solucionador da problemática social?			
C4. Organização e Encadeamento dos Conteúdos: Os conteúdos são encadeados de forma lógica e gradativa? A quantidade de conteúdos a serem desenvolvidos é condizente com o número de aulas?	6		
C5. Tema, Fenômeno, Conceitos: Os conceitos desenvolvidos pela SD fornecem elementos para discussão do fenômeno proposto segundo tema de ensino?	6		

Fonte: Guimarães e Giordan (2011). Elaborada pela autora (2022).

No último Quadro 4, foi analisado “**Metodologia de Ensino e Avaliação**”. A grande maioria dos participantes considerou que os aspectos metodológicos e avaliativos foram adequados e suficientes para atingir os objetivos planejados, e as estratégias didáticas foram diversificadas e adequadas, contribuindo para o desenvolvimento do problema proposto. A Organização e Contextualização das Atividades foram consideradas apresentadas de forma adequada aos alunos e facilitam a contextualização dos conteúdos de aprendizagem. Os métodos de avaliação são consistentes com os objetivos e conteúdo proposto.

Logo, avaliação é integrada em todo o SD, o que significa que todo percursos do aluno é avaliado. Assim, a avaliação foi analisada como uma finalidade formativa, e seus resultados servem de informação para compreensão dos resultados alcançados, as dificuldades enfrentadas pelos alunos e constituir uma abordagem aceitável, existindo ferramentas de feedback para os alunos sobre os resultados adquiridos.

Quadro 5 – Distribuição quantitativa das respostas obtidas no aspecto “Metodologias de Ensino e Avaliação” do questionário de avaliação do material (etapa de validação)

INSTRUMENTO DE VALIDAÇÃO DO MATERIAL EDUCATIVO			
D – Metodologias de Ensino e Avaliação: Pretende-se com esta dimensão de análise avaliar como as metodologias promovem a aprendizagem dos alunos e conseqüentemente como os objetivos da SD podem ser alcançados.			
LEGENDA: A = ATENDE; AP = ATENDE PARCIALMENTE; NA = NÃO ATENDE	A	AP	NA
D1. Aspectos Metodológicos: Os aspectos metodológicos são adequados e suficientes para alcançar os objetivos planejados? As estratégias didáticas são diversificadas e apropriadas para o desenvolvimento da problemática proposta?	6		
D2. Organização das atividades e a contextualização: As atividades são devidamente apresentadas aos alunos e promovem a contextualização dos conteúdos a serem aprendidos?	6		
D3. Métodos de avaliação: O(s) instrumento(s) de avaliação propostos são adequados e suficientes às metodologias apresentadas?	5	1	
D4. Avaliação integradora: Os métodos de avaliação são condizentes com os objetivos e conteúdo (Conceituais, Procedimentais e Atitudinais) propostos? A avaliação é integrada ao longo da SD, ou seja, avalia-se todo o percurso do aluno?	5	1	
D5. <i>Feedback</i> da Avaliação: A avaliação possui objetivo formativo em que seus resultados servem de informação para compreender os avanços alcançados, as dificuldades enfrentadas pelos alunos e estabelecer as atitudes a serem tomadas? Existem instrumentos de <i>feedback</i> para os alunos dos resultados obtidos?	6		

Fonte: Guimarães e Giordan (2011). Elaborada pela autora (2022).

Na perspectiva de uma melhor adequação entre o produto educacional e a proposta educativa da escola, o material foi apresentado e avaliado pelo diretor e professores da instituição. Os professores consideraram que a SD é apropriada aos alunos, apresenta-se sendo equilibrada e condiz com a proposta. Portanto, o referencial teórico de pesquisa foi avaliado como apropriado ao tema, junto com o conteúdo e nível de ensino atendendo as necessidades educacionais relacionados ao tema trabalhados da EA na língua inglesa e comprometida com uma proposta pedagógica.

Assim como a Educação Ambiental, o ensino de Inglês também deve estar integrado com uma Educação Global, sendo visto através de uma perspectiva multidisciplinar. O material está vinculado às atividades anuais previstas a qual não se limita ao programa de conteúdo a ser ensinado nas disciplinas individuais, vai muito mais longe. Faz parte do plano global da escola, que abrange papel social, metas e objetivos. A escola, por seu lado, faz parte do sistema educacional e está conectada aos departamentos educacionais nos vários níveis, que do mesmo modo estabelecem as perspectivas de aprendizado para diversas áreas do conhecimento.

Destarte, o produto educacional trabalhado teve como objetivo capacitar os alunos a apreender a língua estrangeira eficientemente enquanto se emancipam com os conhecimentos e comprometimento requeridos pelos cidadãos do mundo para solucionar problemas globais.

Segundo o diretor e os professores, o conteúdo do material é claro, objetivo, atrativo e compreensível. Que o material proposto teve a capacidade de estimular a criatividade, interesse, promoveu o aprendizado, e contribuiu para a prática pedagógica do professor em trabalhar a EA. Assim, o produto educacional trabalhado foi considerado de grande eficácia, permitindo que o professor possa desenvolver seus conhecimentos e a prática docente sobre a EA nas aulas de língua inglesa.

Portanto, a EA na aula de língua inglesa é um modo compreensivo de educação, por meio de um método pedagógico participativo que induz ao estudante um pensamento crítico sobre os problemas ambientais. Contudo, a educação ambiental necessita ser um aprendizado para a cidadania e deve ser trabalhada na escola.

Destarte, trabalhar o tema educação ambiental é visivelmente uma obrigação, uma vez que ele vem recebendo cada vez mais lugar em nosso dia a dia. Entretanto, apenas faz significado abordá-lo se existir a finalidade de se instituir a consciência de sua permanência em toda a comunidade escolar, numa implicação de educação que possa abrir os olhos desde a educação infantil até o ensino médio, ou até mesmo em faculdades sobre a importância do desenvolvimento de uma sociedade sustentável.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de construção dessa dissertação, por meio de leituras e própria prática pedagógica, procurou-se enfatizar a possibilidade de trabalhar a temática educação ambiental na língua inglesa e a necessidade de ser desenvolvido com os professores cursos para que aperfeiçoe na área de EA, pois o desenvolvimento de ações públicas que garantam o desenvolvimento sustentável da sociedade está causando grandes discussões em diversos círculos sociais, o que nos torna como docentes sujeitos dessa atividade, na probabilidade de crescimento pessoal e profissional dos alunos, perante as reivindicações do mercado.

Sob esse ponto de vista, este estudo procurou propor atividades pedagógicas por meio da sequência didática do ensino de língua inglesa com temas ambientais, levando em consideração o crescente debate sobre o desenvolvimento sustentável, os desastres ambientais ocasionados pela destruição das relações homem-natureza e a importância da aprendizagem de um idioma que se encontra no núcleo de uma globalização econômica e desenvolvimento tecnológico. Assim, essa pesquisa procurou seu referencial teórico em base legal sobre a EA. Entretanto, esse fato não impede que professores de outros idiomas façam ajustes e adequações, pois o ensino de idiomas amplia os horizontes dos alunos.

No decorrer do estudo foi possível perceber que o professor que não se capacitar, aprimorar as suas competências, não conseguirá manter a sua firmeza em uma sala de aula por muito tempo. Pois, o professor para exercer sua didática, tem que planejar suas aulas, usar o método que mais favorece a aprendizagem dos alunos, o processo avaliativo não deve somar só notas e sim um conjunto de experiências e habilidades que o aluno desenvolve na sala de aula, o professor precisa estar apto para fazer todas as mudanças necessárias em seu método de ensino-aprendizagem, ele precisa inovar.

Por meio da pesquisa realizada sobre o produto educacional aplicado em sala de aula, percebe-se que o ensino-aprendizagem prioriza os grupos de discussão no convívio social, onde professor e aluno devem refletir conjuntamente, de forma crítica sobre os objetos analisados é preciso que a metodologia esteja voltada a expressão do pensamento, das conclusões empíricas de cada educando nesta demanda toda a metodologia deve estar voltada para a problematização.

Observou-se que produto educacional aplicado teve a capacidade de ocasionar um processo sistematizado, mediante o qual se pode conferir maior eficiência às atividades educacionais de língua inglesa relacionado ao meio ambiente e assim, acredita-se que foi alcançado os objetivos propostos e as metas estabelecidas.

Por conseguinte, ressalta-se ser preciso que seja dado ao professor também espaço e tempo para que ele seja um pesquisador e possa planejar e mudar sua postura frente aos seus alunos. Seu aperfeiçoamento constante através de cursos de formação é essencialmente necessário, assim como espaços de trocas com professores de outras instituições e níveis. Sabe-se que este é um processo longo e que muitas são as dificuldades e desafios para a mudança na educação.

Ressalta-se que esse estudo visou explicar o conhecimento produzido em documentos seguros e oficiais para o ensino de língua inglesa e sua importância para o desenvolvimento de abordagens pedagógicas como a SD, onde o professor utilizará temas ambientais para sensibilizar o desenvolvimento do conhecimento dos alunos e sua consciência ambiental.

Assim, como resultado da validação e avaliação do produto educacional elaborado e aplicado, o mesmo foi bem aceito pelos participantes da pesquisa, neste caso pelo diretor e pelos cinco professores, onde buscou refletir as questões ambientais na aula de inglês e assim compartilhar a experiência (desenvolvimento, aplicação, avaliação e validação de produto educacional) visando contribuir para a qualidade e melhoria do processo de ensino-aprendizagem na Educação Básica sobre temas relacionados aos problemas ambientais, facilitando a convergência entre esses novos temas ambientais e sociais dessa nova realidade.

Por fim, conclui-se que todo o processo de transformação que envolve a ação-reflexão-ação sobre a prática do professor, precisa permitir a construção de novos conceitos, bem como o confronto dos já existentes no campo do ideário pedagógico, fruto da formação inicial, para que os professores sejam capazes de responder às mudanças que se operam, de modo constante na realidade. Precisa-se deste modo, ter como perspectiva a formação de um professor com competência necessária apropriada para encarar os desafios concretos da escola que irá enfrentar, em termos de inovação político-pedagógica e deste modo, proporcionar uma aprendizagem satisfatória nos alunos.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Ser professor reflexivo**. 2015. Disponível em http://nunosilvafraga.net/wpcontent/uploads/2015/03/Ser_professor_reflexivo_Isabel_Alarcao.pdf. Acesso em 08 de julh de 2022.

ALBUQUERQUE, José de Lima. **Gestão Ambiental e Responsabilidade Social: Conceitos, ferramentas e aplicações**. São Paulo: Atlas, 2012.

ALVES, Angélica Curvelo. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em http://200.153.173.19/CME/arquivos/BNCC_Estrutura_ProBNCC_Educacao_Infantil_Professora_Angelica_Curvelo_Alves.pdf. Acesso em 15/03/2021.

AMAZONAS, Maurício de Carvalho. **Valor e meio ambiente: elementos para uma abordagem evolucionista**. Campinas. Tese de doutorado. Instituto de Economia. Universidade Estadual de Campinas, 2015.

ANDRADE, Ana Beatriz Santana. **O ensino de língua inglesa no âmbito da temática ambiental**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão – SE, 2014. Disponível em https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4155/1/ANA_BEATRIZ_SANTANA_ANDRADE.pdf. Acesso em 23 de julh.2022.

ARAÚJO, Maria José de Azevedo. **Do Professor Tradicional ao Educador Atual: Desempenho, Compromisso e Qualificação**. 2016. Disponível <http://www.webartigos.com/artigos/do-professor-tradicional-ao-educador-atual-desempenho-compromisso-e-qualificacao/23184>. Acesso em 03 de julh de 2022.

ARRUDA, Luís; QUELHAS, Osvaldo Luiz Gonçalves. **Sustentabilidade: um longo processo histórico de reavaliação crítica da relação existente entre a sociedade e o meio ambiente**. 2013. Disponível em <http://www.senac.br/BTS/363/artigo6.pdf>. Acesso em 15/06/2020.

ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de; COX, Maria Inês Pagliarini. **Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal/english in the age of globalization: beyond good and evil**. Calidoscópio, São Leopoldo, RS, v. 5, n. 1, p. 5-14, jan/abr. 2007.

AUGUSTO, Thaís Gimenez da Silva; CALDEIRA, Ana Maria de Andrade. **Dificuldades para a implantação de práticas interdisciplinares em escolas estaduais, apontadas por professores da área de ciências da natureza**. 2007. Disponível em http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol12/n1/v12_n1_a6.htm. Acesso em 4/07/2021.

AVELAR, Michelly Gomes; FREITAS, Carla Conti. **Gameplay, Walkthrough e Let's Play: Um Olhar Para a Cibercultura na Educação**. In: TEIXEIRA, Zenaide Dias; KOCHHANN, Andrea; PORTO, Marcelo Duarte. Educação, Gestão e Tecnologias: caminhos entrelaçados, 1ed.Curitiba: CRV, v. 1, p. 189-200, 2018. Disponível em

<https://www.researchgate.net/publication/333672341_GAMEPLAY_WALKTHROUGH_LET'S_PLAY_UM_OLHAR_PARA_A_CIBERCULTURA_NA_EDUCACAO>. Acesso em 15 de julh.2022.

AVELAR, Michely Gomes; FREITAS, Carla Conti; LOPES, Cristiane Rosa. **As tecnologias de informação e comunicação e a formação de professores de língua inglesa**. REVELLI v.10 n.3. Setembro, p. 174 – 184, 2018. Dossiê Multiletramentos, tecnologias e Educação a Distância em tempos atuais. <<https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/8013>>. Acesso 12 de julh.2022.

BARBIERI, José Carlos. **Gestão ambiental: conceitos, modelos e instrumentos**. São Paulo: Saraiva, 2007.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – BNCC. **BNCC - Base Nacional Comum Curricular Educação é a base**. 2018. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em 03 de dezembro de 2020.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BERNARDES, Julia Adão. **A questão Ambiental**. 2ª Edição, São Paulo. Bertrand Brasil, 2007.

BOCHNIAK, Regina. **Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola**. 2 Edição. Editora Loyola. Soa Paulo, 2010.

BOLFER, Maura Maria Morais de Oliveira. **Reflexões sobre prática docente: estudo de caso sobre formação continuada de professores universitários**. 2008. Disponível em <https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/LWFMJKHNXBBS.pdf>. Acesso em 12/07/2021.

BONAMINO, Alicia. **Políticas educacionais brasileiras**. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2016.

BRANCO, Emerson Pereira et al. **A abordagem da educação ambiental nos PCNS, nas DCNS e na BNCC**. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 29, n. 1, p.185-203, Jan./Abr., 2018. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/download/5526/pdf/21945>. Acesso em 21 de dez.2022.

BRASIL, Ministério da Educação. **A Base Nacional Comum Curricular – A Etapa do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC. 2017.

_____. **Base Nacional Comum Curricular – 2º Versão**. Brasília: MEC. 2016.

_____. **Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio**. Brasília: MEC. 2018.

_____. MMA. **Gestão dos Recursos Naturais**. Brasília: IBAMA, 2015.

_____. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Caderno de Educação em Direitos Humanos. Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais**. Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília; Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999. **Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**. Coleção de Leis da República Federativa do Brasil, Brasília, abr. 1999. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/republica>. Acesso em: 07 de julh.2022.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562 p.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CARVALHO, Isabel Cristina M. **As transformações na esfera pública e a ação ecológica: educação e política em tempos de crise da modernidade**. Rev. Bras. Educ., v. 11, n. 32, pp.308-315, 2011.

CATELAN, Senilde Solange. **Atividades experimentais como recurso pedagógico ao ensino de ciências naturais**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais do Instituto de Física da Universidade Federal de Mato Grosso. 2016. Disponível em fisica.ufmt.br/pgecn/index.php/utilidades/arquivos.../195senildesolangecatelan. Acesso em 07/07/2021.

CATES, Kip. A. **New trends in global issues and English teaching**. The Language Teacher Online, vol 21, n 05, 1990.

CUBA, Marcos Antônio. **Educação Ambiental nas Escolas**. ECCOM, v. 1, n. 2, p. 23-31, jul./dez., 2010.

DEO, Aldisnéia Santos Rossi; DUARTE, Luiza Maria. **Análise de livro didático: as diversas abordagens e métodos aplicados ao ensino de língua estrangeira**. Revista Eletrônica Unibero de Produção Científica, set. 2004. Disponível em: <http://www.unibero.edu.br/>. Acesso em 05 de julh. 2021.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 9.ed. São Paulo: Gaia, 2018.

FARIA, Josimerci Ittavo Lamana; CASAGRANDE, Lisete Diniz Ribas. **A educação para o século XXI e a formação do professor reflexivo**. Rev. Latino-Am. Enfermagem.vol.12, n.5, pp.821-827, 2014.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. (Org.) **Práticas Interdisciplinares na Escola**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 2002.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Formação de professores: raça/etnia**. Cascavel: Coluna do Saber, 2006.

FERREIRA, Felipe. **Entenda como funciona a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 2019. Disponível em <http://www.proesc.com/blog/entenda-a-base-nacional-comum-curricular-bncc/>. Acesso em 19 de novembro de 2020.

FIORILLO, Celso Antônio Pacheco. **Curso de direito ambiental brasileiro**. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

FONSECA, Maria da Conceição Ferreira. **Os limites do sentido no Ensino**. Educação e Pesquisa - revista da faculdade de educação da USP, p. 147-162, Jan/jun2006.

FRACALANZA, Hilário. **As pesquisas sobre educação ambiental no Brasil e as escolas: alguns comentários preliminares**. In: TAGLIEBER, J.E.; GUERRA, A.F.S. (org). Pesquisa em Educação Ambiental: pensamentos e reflexões de pesquisadores em Educação Ambiental. Pelotas: Editora Universitária/ UFPel, 2004. pp. 55-77.

FRAGA, Dinora; SILVEIRA, Nádia Geisa. **Interdisciplinaridade na sala de aula: uma experiência pedagógica nas terceira e quartas séries do primeiro grau**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2011.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Carla. **Roda de Conversa 3: Estudos de Letramentos**. XVI ENFOPLE, mediada por Michely Gomes Avelar (UEG), convidadas: Carla Conti de Freitas (UEG), Daniel de Mello Ferraz (USP) e Rodrigo Abrantes da Silva (USP). 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=YIDAQ--jYi4&t=23s>>. Acesso em 11 de julh.2022.

FREITAS, Maria Teresa. **Letramento digital e formação de professores**. Dossiê, Educ. rev. Vol. 26, nº 3, Dez, 2010. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/edur/a/N5RryXJcsTcm8wK56d3tM3t/?lang=pt>>. Acesso em 18 de julh.2022.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

GAMA, Suzany Evelyn de Souza; BRIDI, Veronica Loureiro. **Educação Ambiental no Ensino Fundamental: dificuldades, desafios, recursos didáticos e percepções**. Revista Educação Pública, v. 21, nº 27, 20 de julho de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/27/educacao-ambiental-no-ensino-fundamental-dificuldades-desafios-recursos-didaticos-e-percepcoes>. Acesso em 01 de ago.2022.

GARCIA, Terezinha Preis. **Interdisciplinaridade: uma prática desejada, nem sempre assimilada.** In: Entretextos: revista de pós-graduação em Letras – estudos da linguagem/ Programa de pós-graduação em Letras, Departamento de Letras, Universidade Estadual de Londrina – vol. 1 (jan./dez. 2012) – Londrina: 2011, p.211-226, p.439-456.

GOMES, Jomara Brandini; CASAGRANDE, Lisete Diniz Ribas. **A educação reflexiva na pós-modernidade: uma revisão bibliográfica.** Rev Latino-am Enfermagem, setembro-outubro; 10(5):696-703, 2009.

GOMES, Jomara Brandini; CASAGRANDE, Lisete Diniz Ribas. **A educação reflexiva na pós-modernidade: uma revisão bibliográfica.** Rev Latino-am Enfermagem, setembro-outubro; 10(5):696-703, 2012.

GONÇALVES, Andréia Pereira. **Uso e o desenvolvimento de metodologias ativas a partir da cultura digital: uma proposta de atualização de práticas pedagógicas.** Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Jesuíta da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7506>. Acesso em 15 de julh.2022.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais.** 3ª edição. Ed. Papirus. Campinas, São Paulo, 2011.

GUIMARÃES, Valter S. **Formação de professores: saberes, identidade e profissão.** Campinas, SP: Papirus, 2014.

GUIMARÃES, Y. A. F.; GIORDAN, M. **Instrumento para construção e validação de sequências didáticas em um curso a distância de formação continuada de professores.** In: VIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 2011. Águas de Lindóia. Anais. Águas de Lindóia: ABRAPEC, 2011.

JACOBI, Pedro. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade.** Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-205, mar. 2013.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JORDÃO, C. M. **Letramento crítico: complexidade e relativismo em discurso.** In: CALVO, L. C. S. et al. (Org.). Reflexões sobre ensino de línguas e formação de professores no Brasil - Uma homenagem à professora Telma Gimenez. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 349-369.

KENSKI, Vani M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** Campinas: Papirus, 2003.

KRAMSCH, C. **Theorizing Translingual/Transcultural Competence.** In: LEVINE, G.; PHIPPS, A. (Eds.). Critical and Intercultural Theory and Language Pedagogy. Boston: Heinle, 2010, pp.15-31.

KRAMSCH, Claire. **Language, culture, and voice in the teaching of english as a foreign language.** IATEFL- CONFERENCE, 7. Budapest, 2010.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, Ana Maria Martins de. **Conceito de Meio Ambiente**. 2017. Disponível em <http://ambientedomeio.com/2007/07/29/conceito-de-meio-ambiente/>> Acesso em 22/05/2021.

LOPES, Daliany Merelly Melo do Nascimento. **As metodologias ativas como potencializadoras do processo de aprendizagem e da promoção do protagonismo juvenil**. Artigo apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/10627/1/TCC.pdf>. Acesso em 09 de Julh.2022.

LOPES, Luiz Paulo Moita. **Inglês no mundo contemporâneo: Ampliando oportunidades sociais por meio da educação**. Texto básico apresentado no simpósio Inglês no mundo contemporâneo: ampliando oportunidades sociais por meio da educação, patrocinado pela TESOL International Foundation. São Paulo: Centro Brasileiro Britânico.25- 26 de abril de 2005.

_____. **Linguagem e escola na construção de quem somos (Prefácio)**. In: FERREIRA, A. de J. Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as. Campinas, SP: Pontes, 2012. p.9-12.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; COSSÍO, Mauricio F. Blanco. **Um olhar sobre a educação ambiental nas escolas: considerações iniciais sobre os resultados do projeto “O que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental?”** In: MELLO, S. S.; TRAJBER, R. (Org.). Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental. Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2010. p. 58-63.

LÜCK, Heloísa. In GASPARIAM, Maria Cecília Castro. **A interdisciplinaridade como metodologia para uma educação para a paz**. Programa: Currículo. PUC/SP, Tese de doutorado defendida em 2008.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar: Fundamentos Teóricos-metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MAIA, Luís Faustino dos Santos. **Conhecimento técnico na formação profissional docente**. São Paulo: Revista Recien. 2(5):19-25, 2012.

_____. **O enfermeiro educador: conhecimento técnico na formação profissional docente**. São Paulo: Revista Recien. 2012; 2(5):19-25.

MANCIBO, Deise. **Trabalho docente e produção de conhecimento**. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte: ABPS, v. 25, p. 519-526, 2013.

MANSUR, Álvaro. **Alunos do ensino médio no Ceará criam lei municipal para valorizar a caatinga**. Época, São Paulo, 22 Fev. 2017. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ciencia-e-meio-ambiente/do-planeta/noticia/2017/02/alunos-do-ensino-medio-no-ceara-criam-lei-municipal-para-valorizar-caatinga.html>> Acesso em: 08 Mar. 2022.

MARQUES, Ronualdo *et al.* **Educação Ambiental: Retrocessos e contradições na Base Nacional Comum Curricular**. Vol 10, n.29. 2019. Disponível em <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/3935>. Acesso em 25 de outubro de 2020.

MEDEIROS, Aurélia Barbosa; MENDONÇA, Maria José da Silva Lemes. **A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais**. 2012. Disponível em <http://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/pdf/a-importancia-da-educacao-ambiental-na-escola-nas-series-iniciais.pdf>. Acesso em 11/06/2020.

MEDEIROS, Monalisa Cristina Silva *et al.* **Meio ambiente e educação ambiental nas escolas públicas**. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIV, n. 92, set 2011. Disponível em: http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?artigo_id=10267&n_link=revista_artigos_leitura. Acesso em 15/06/2020.

MEIER, Marcos; GARCIA, Sandra. **Mediação da aprendizagem: Contribuições de Feuerstein e de Vygotsky**. 3. ed. Curitiba: Gráfica e Editora Venezuela, 2017.

MELLO, Alexandra Freitas; PEREZ, Paulo Edelvar Correa. **O uso da língua inglesa como ferramenta de ensino e aprendizagem na educação ambiental: uma experiência na escola Agostinha Dillcondor**, RS. 2011. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/3927/2325>. Acesso em 16/06/2020.

MELO, Marciano Almeida. **O desenvolvimento industrial e o impacto no meio ambiente**. 2011. Disponível em http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=6837. Acesso em 25/04/2021.

MENDONÇA, Carlos Ovídio Lopes de. **Educação Ambiental: pressupostos holísticos**. João Pessoa: Sal da Terra Editora, 2009.

MENDONÇA, Clarice de Souza. **A Responsabilidade Social e Ambiental na Gestão Estratégica Organizacional**. 2014. Disponível em http://www.unifae.br/publicacoes/pdf/IIseminario/politicas/politicas_03.pdf. Acesso em: 29/05/2021.

MENEZES, Priscylla Karoline. **A Docência no Ensino Superior**. 2016. Disponível em: www.senapt.cefetmg.br. Acesso em: 07 de mai. 2021.

MEYER, Mônica Ângela de Azevedo. **Educação ambiental: uma proposta pedagógica**. Em Aberto, n. 49, p.41-45, 1991.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **M681 e Ensino: As abordagens do processo**. Maria da Graça Nicoletti Mizukami. – São Paulo: EPU, 2000. (temos básicos de educação e ensino)

MONTE MÓR, Walkyria Maria. **Multimodalidades e comunicação: antigas novas questões no ensino de línguas estrangeiras**. Revista Letras & Letras. Uberlândia, v. 26, n. 2, p. 469-476, jul./dez. 2010.

MONTE MÓR, Walkyria Maria. **Multimodalidades e comunicação: antigas novas questões no ensino de línguas estrangeiras**. Revista Letras & Letras. Uberlândia, v. 26, n. 2, p. 469-476, jul./dez. 2010.

MORÁN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto PROEX/UEPG, 2015. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf>. Acesso em 13 de julh.2022.

MORIN, Edgar. **O Método 6: ética**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MOURA, Manoel Oriosvaldo. **A Atividade de Ensino como Ação Formadora**. In: CASTRO, A. D. E.; CARVALHO, A.M P. Ensinar a Ensinar. São Paulo: Pioneira, 2009.

NOLASCO, Wadna. **O ensino de matemática como forma de aquisição de competências básicas necessárias à formação do cidadão**. 2016. Disponível em: <http://www2.uesb.br/cursos/matematica/matematicavca/wpcontent/uploads/Monografia-de-Wadna-Nolasco.pdf>. Acesso em: 06/07/2021.

NOVICKI, Victor; SOUZA, Donaldo Bello. **Políticas públicas de educação ambiental e a atuação dos conselhos de meio ambiente no Brasil: perspectivas e desafios**. Ensaio: aval.pol.públ.Educ. vol.18 no.69 Rio de Janeiro Oct./Dec. 2010.

NUNES, Marilene. **Educação ambiental no brasil**. 2006. Disponível em <http://www.ambientelegal.com.br/educacao-ambiental-no-brasil/>. Acesso em 11/06/2020.

NUNES, Terezinha de S. Ferraz. **Educação Profissional À Luz do Modelo de Competências: Sob O Olhar Docente**. 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT09-3652--Int.pdf>. Acesso em: 08 de julh de 2022.

OLIVEIRA, Lucas; NEIMAN, Zysman. **Educação ambiental no âmbito escolar: análise do processo de elaboração e aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Revbea, São Paulo, V. 15, No 3: 36-52, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.34024/revbea.2020.v15.10474>. Acesso em 22 de outubro de 2020.

PAGLIARINI COX, Maria Inês; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de. **O professor de inglês Entre a alienação e a emancipação**. Linguagem & Ensino, v. 4, n. 1, p.11-36, 2001.

PAULA, Simone Grace. **Formação continuada de professores: perspectivas atuais**. Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum. e Soc., Univ. Fumec Belo Horizonte Ano 6 n. 6 p. 65-86 jan./jun. 2009. Disponível em <http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/viewFile/944/715>. Acesso em 25/06/2021.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade: conceitos e distinções**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2015.

PEREIRA BRANCO, Emerson *et al.* **A abordagem da educação ambiental nos PCNs, nas DCNs e na BNCC**. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente - SP, v. 29, n. 1, p.185-203, Jan./Abr., 2018.

PEREIRA, Alessandro; GUERRA, Antônio Fernando Silveira. **Reflexões sobre a educação ambiental na LDB, PCN e nas propostas curriculares dos estados do sul.** Grupo de Pesquisa "Educação, Estudos Ambientais e Sociedade" - GEEAS - Itajaí - SC, n.38, 10 de ago, 2018. Disponível em: <https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1141>. Acesso em 21 de nov.2022.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Interdisciplinaridade.** São Paulo: Pioneira, 1993.

PICCININI, Cláudia Lino; ANDRADE, Maria Carolina Pires. **Educação ambiental na base nacional comum curricular: retrocessos, contradições e o apagamento do debate socioambiental.** VIII Encontro Regional de Ensino de Biologia RJ/ES – 11 a 13 de setembro de 2017. Rio de Janeiro, RJ. UNIRIO – UFRJ – IBC. Disponível em http://www.colemarx.com.br/wpcontent/uploads/2018/03/educa%c3%87%c3%83oambionalnabasenacionalcomumcurricularretrocessos_contradi%c3%87%c3%95es-e-o-apagamento-do-debate-socioambiental.pdf. Acesso em 28 de dezembro de 2020.

PICCOLI, Maria Cecília. **O educador em língua dominante e o desenvolvimento sustentável.** Revista X, v.1, p.1-16, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido, GUEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um processo.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2015.

PINEL, Hiran. **Reuven Feuerstein: Tipos de interação fundamentais para a mediação.** 2014. Disponível em: <http://www.neaad.ufes.br/subsite/psicologia/obs16.htm>. Acesso em: 01 de julh.2022.

PIRES, Mateus Marchesan. **Educação ambiental e suas representações no cotidiano da escola.** Dissertação (Metrado em Geografia) Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão, 2011. Disponível em <http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/1195/2/Parte%20II.pdf>. Acesso em 04 de janeiro de 2020.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants.** On the Horizon. vol. 9 n. 5, Oct. 2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em 21 de julh.2022.

RAMOS, Marise Nogueira. **A educação profissional no contexto da educação nacional.** 2016. Disponível em: http://www.Educacaoonline.pro.Br/reforma_da_educacao_profissional.asp?f_id_artigo=298. Acesso em: 15 de julh de 2022.

REHEM, Cleonice M. **O professor da educação profissional: que perfil corresponde aos desafios contemporâneos?** 2011. Disponível em <http://www.senac.br/BTS/311/boltec311d.htm>. Acesso em 05 de jun.2022.

RICHARDS, Jack C.; RENANDYA, Willy A. **Methodology in language teaching: an anthology of current practice.** Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

RIPPLINGER, Tiéle. **Educação Ambiental: Possibilidades a partir do Ensino da Matemática**. Monografia de Especialização do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), 2009. Disponível em <http://jararaca.ufsm.br/websites/unidadedeapoio/download/TIELERIPPLINGER.pdf>. Acesso em 03 de jun. 2021.

RODRIGUES, Dulce Porto. **A importância do ensino de inglês como língua estrangeira no século XXI**. Revista FAFIRE, Recife, v. 6, n. 1, jan./jun. 2013. https://publicacoes.fafire.br/diretorio/revistaFafire/revistaFafire_v06n01_a05.pdf

RODRIGUES, Sérgio Murilo. **A importância da cidadania na educação**. Revista de Ciências da Educação. Ano 03, n.5, 2004. p.165 – 18.

SABOTA, Barbra. **O uso crítico de tecnologias digitais e a formação do professor**. In: ASSIS, Eleone Ferraz de. Caminhos para a educação linguística. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

SAGLAM, Gulderen; GÜRSOY, Esim. **Consciência do professor estagiário sobre questões ambientais e sua integração ao currículo**. Conferência Internacional sobre Novas Tendências em Educação e suas Implicações. Antália, Turquia, 2010.

SALLES, Carolina. **Meio ambiente e educação ambiental nas escolas públicas**. 2014. Disponível em <https://carollinasalle.jusbrasil.com.br/artigos/112172268/meio-ambiente-e-educacao-ambiental-nas-escolas-publicas>. Acesso em 15/06/2020.

SANTANA, Pedro Américo *et al.* **O uso da língua inglesa como instrumento para a educação ambiental na formação profissional**. Vol. 7 n. 3, dezembro 2016. Disponível em revistas.unicentro.br/index.php/articledownload. Acesso em 14/06/2020.

SANTINELO, P.C.C.; ROYER, M.R.; ZANATTA, S.C. **A Educação Ambiental no contexto preliminar da Base Nacional Comum Curricular**. In: Pedagogia em Foco, Iturama (MG), v. 11, n. 6, p. 104-115, jul./dez. 2016. Disponível em <file:///C:/Users/clpic/Downloads/EA%20na%20BNCC.pdf>. Acesso em: 27 de dezembro de 2020.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 2008, 274 p.

SANTOS, Selma Mara Nunes. **Interdisciplinaridade: uma possibilidade de superação da fragmentação do saber**. Secretaria de Estado da Educação Superintendência da Educação Universidade Estadual de Maringá Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_selma_mara_nunes.pdf. Acesso em 12 de julh. 2021.

SANTOS, Taís Conceição; COSTA, Marco Antônio Ferreira. **Um olhar sobre a Educação Ambiental expressa nas Diretrizes Nacionais para a Educação Ambiental**. Revista Práxis. Ano VII, n. 13, p. 143-151, 2018.

SATO, Michele; CARVALHO, Isabel. **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. ARTMED, 2009.

SAUVÉ, Lucie. **Educação ambiental: possibilidades e limitações**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, 2005.

SCHLATTER, Margarete; GARCEZ, Pedro de Moraes. **Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em inglês**. Erechim: Edelbra, 2012.

SCHRAM, Sandra Cristina. **O pensar educação em Paulo Freire: Para uma Pedagogia de mudanças**. 2012. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>. Acesso em 08 de julh. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Eliane de Oliveira. **Dificuldades na aprendizagem da língua inglesa no ensino fundamental em escolas do município de Humaitá**. 2014. Disponível em <https://edoc.ufam.edu.br/retrieve/dabb83b7-132b-4f1b-a215-5332332fe850/TCC-Letras-2014-Arquivo.003.pdf>. Acesso em 03 de julho. 2022.

SILVA, Karina Aparecida soares. **Educação ambiental: formação e prática docente dos professores da educação básica**. Artigo, relato de Experiência, nº 66, dezembro de 2018. Disponível em <https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=3512> Acesso em 28 de julh.2022.

SIQUEIRA, Sávio. **O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês**. Revista Inventário, n.4, jul. 2005.

SIRVINSKAS, Luís Paulo. **Manual de direito ambiental**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

SOARES, Maria-Susana Arrosa *et al.* **Educação Superior no Brasil**. 2014. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/22531400/Educacao-superior-no-Brasil-Maria-Susana-Arrosa-Soares>. Acesso em: 07 de julh de 2022.

SORRENTINO, Marcos; TRAJBER, Rachel; MENDONCA, Patrícia; FERRARO JUNIOR, Luiz Antonio. **Educação Ambiental como política pública**. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio/ago. 2015.

SOUZA, Marcelo Pereira. **Instrumentos de Gestão Ambiental: fundamentos e prática**. Editora Riani Costa. 2011.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. **Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas**. In: SPINK, Mary Jane (org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. São Paulo: Cortez, 2004.

THOMAZ, Marília Fernandes. **A experimentação e a formação de professores de ciências: uma reflexão**. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v.17, n.3: p.360-369, 2011.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável 2: novos rumos para um planeta em crise**. São Paulo: Globo, 2012.

UNESCO-UNEP. **The Belgrade Charter: A global framework for environmental education**. Connect 1/1: 1-9, 1976.

URZÉDA-FREITAS, Marco Túlio. **Educando para transgredir: reflexões sobre o ensino crítico de línguas estrangeiras/inglês**. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, n. (51.1), p.77-98, jan./jun. 2012.

TOMMASIELLO, Maria Guiomar Carneiro et al. **A educação ambiental como tema transversal no ensino médio na perspectiva de professores**. Comunicações, Piracicaba, Ano 22, n. 2, p. 35-64, Ed. Especial. 2015. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/viewFile/2393/1583>. Acesso em: 12 de nov.2022.

VALENTE, José Armando *et al.* **Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 17, n. 52, p. 455-478, abr./jun. 2017.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 2005.

VIANA Pedrina Alves Moreira Oliveira; OLIVEIRA, Everaldo Oliveira. **A inclusão do tema meio ambiente nos currículos escolares**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, v.16, p. 1-17, 2006. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2777>. Acesso em: 03 de julh.2022.

VIEGAS, Amanda. **Bilinguismo na escola: a importância do ensino de inglês na formação do aluno para o século XXI**. 2020. Disponível em <https://www.somospar.com.br/bilinguismo-na-escola-a-importancia-do-ensino-de-ingles-na-formacao-do-aluno-para-o-seculo-xxi/>. Acesso em 19 de julh. 2021.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WATANABE, Carmen Ballão. **Conservação ambiental**. 2011. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/218599899/Livro-Conservac-a-o-Ambiental-2> Acesso em 08/04/2021.

WEYAND, C. J.; JESUS, K. M. de; LIOTTI, L. C., CARVALHO, P. M. **Inserção da Educação Ambiental nos Currículos Escolares: O que Diz a Lei**. In: PARANÁ. Cadernos Temáticos da Diversidade: Educação Ambiental. Secretaria de Estado da Educação. Curitiba: SEED, p. 79-90, 2010.

WIDDOWSON, Henry G. **O ensino de línguas para a comunicação**. 2. ed. Tradução: José Carlos P. de Almeida Filho. Campinas, SP: Pontes, 2005.

WILLEMANN, Zeli José. **O princípio da insignificância no Direito Ambiental. Jus Navigandi**, Teresina, ano 10, n. 686, 22 maio 2012. Disponível em: <http://jus.com.br/revista/texto/6753/o-principio-da-insignificancia-no-direito-ambiental#ixzz2GuwKv5rS> Acesso em: 12 de junh.2021.

ANEXOS

Anexo I

TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

O Colégio Imaculada Conceição autoriza a execução do projeto de pesquisa intitulado “O inglês como ferramenta para a educação ambiental: possibilidade na educação básica” coordenado pela pesquisadora Danúbia Aparecida Santos Lima, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Universidade Estadual de Goiás (UEG) (ppec.ueg.br).

Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa e requeremos da pesquisadora responsável o compromisso com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes.

Ceres, de de 2020

Assinatura/Carimbo do responsável pela instituição pesquisada

Anexo II

Termo de consentimento livre e esclarecido utilizado para o levantamento de informações junto a professores e equipe gestora do Colégio Imaculada Conceição – Ceres - GO.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem como objetivo investigar atividades de ensino e aprendizagem que envolvam a questão ambiental na aquisição de novos vocabulários em Inglês. Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações que informam sobre o procedimento. Você poderá se recusar a participar da pesquisa e poderá abandonar o procedimento em qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo. Durante o preenchimento do questionário, você poderá se recusar a responder qualquer pergunta que porventura lhe causar algum constrangimento. A sua participação, como voluntário, não auferirá nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza, podendo se retirar do projeto em qualquer momento, sem prejuízo a V.Sa. A sua participação não envolve riscos. Serão garantidos o sigilo e privacidade, sendo reservado ao participante o direito de omissão de sua identificação ou de dados que possam comprometê-lo. Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes.

Confirmo ter conhecimento do conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu consentimento.

Ceres, _____ de _____ de 2020.

Participante: _____

Responsável pela pesquisa: Danúbia Aparecida Santos Lima

E-mail: dnbslima@hotmail.com

Telefone: (62) 99190226 (WhatsApp)

APÊNDICES

Apêndice I

Questionário aplicado aos professores do 9º ano do Ensino Fundamental II do turno matutino e com o diretor do Colégio Imaculada Conceição, da cidade de Ceres – GO.

Prezado (a) professor(a), eu sou **Danúbia Aparecida Santos Lima**, mestranda do Programa de **Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Universidade Estadual de Goiás**. Estou juntamente com o **Professor Orientador Dr. Wilton de Araújo Medeiros** desenvolvendo uma pesquisa intitulada “O inglês como ferramenta para a educação ambiental: possibilidade na educação básica”. Por essa razão, solicitamos a sua colaboração respondendo ao presente questionário. Agradecemos sua participação e ressaltamos que ela é de grande relevância para a pesquisa em questão.

1) Qual(is) o(s) seu(s) curso(s) de graduação?

Curso: _____

Instituição: _____

Ano de conclusão: _____

Curso: _____

2) Em seu curso de Pedagogia, como e em qual disciplina e semestre a Educação Ambiental foi abordada?

Disciplina: _____

Semestre: _____

3) Há quanto tempo você atua como Pedagogo? _____

4) Quais fragilidades foram observadas no ensino referente à Educação Ambiental oferecida em seu curso de graduação em Pedagogia?

5) A Educação Ambiental é importante na formação do Pedagogo? Justifique.

6) Em sua visão, qual é o principal objetivo da Educação Ambiental?

7) Sente-se preparado para trabalhar Educação Ambiental em sua prática docente?
Em caso negativo, o que acredita ser necessário para que isso ocorra?

8) Você trabalha Educação Ambiental em sua prática docente? Em caso afirmativo, relate como.

9) Quais os desafios/dificuldades encontradas ao se trabalhar Educação Ambiental na prática docente?

Apêndice II

Sequência didática: O inglês como ferramenta para educação ambiental

Público alvo: 9º ano (2ª fase do Ensino Fundamental)

Tempo necessário: 5 aulas com 50 minutos cada

Objetivo geral: Desenvolver o entendimento dos problemas ambientais e algumas soluções.

1ª AULA

Environmental Problems

1 – TEMÁTICA - Environmental Problems

2. HABILIDADES – Língua Inglesa

Práticas de Linguagem: leitura/escrita (compartilhada e autônoma)

CAMPO DE ATUAÇÃO: Campo da vida cotidiano.

3 – OBJETIVOS

- Possibilitar ao educando situações que ele possa compartilhar seus conhecimentos prévios, relacionado ao tema abordado.
- Estimular a expressão oral.
- Desenvolver os vocabulários relacionados aos problemas ambientais.
- Desenvolver a habilidade e uso de dicionário.

4 - METODOLOGIA/MATERIAIS NECESSÁRIOS

Para introduzir o assunto escreva “Environment” no quadro. Peça aos alunos que escrevam três palavras em inglês relacionadas à palavra mencionada no quadro. Logo os alunos farão leitura de suas palavras e explicarão suas escolhas. Feito isso, entregue a atividade 1 para os alunos e pergunte se há alguma palavra deles na folha.

Os alunos podem voltar a usar o dicionário para verificar o significado das palavras do quadro. Para realizar a atividade 2 os alunos poderão utilizar também o dicionário on-line. Pergunte se eles quantas sílabas contém nas palavras, que será

verificada no dicionário. Repita as palavras com os alunos para que apreciem e conheçam a sílaba forte. Peça aos alunos que trabalhem em duplas nessa atividade.

Atividades

Environmental Problems

Task 1

Can you talk about the environmental and environmental problems in English?

Look at the vocabulary list in the box. Explain the words with a partner.

Look at the words divided into two groups – those in normal text and those **in bold?**

Pollution	deforestation	Climate change
Recycling	Renewable energy	Public transport

Task 2: Pronunciation – Word Stress

Look up the word alternative in your dictionary. How does your dictionary tell you that there are 4 syllables in the word?

It might be weil

Alternative:

Adjective;

UK / al' t3:. ne.tiv/

The syllable after the apostrophe (') is the stressed syllable. Listen to your teacher say the word.

Use a dictionary to find the stressed syllable for the words on the next page and complete the table with the stressed syllable in the dark box:

Alternative		Al	tear	na	tive
Climate			Clim	ate	
Desert					
Dioxide					
Electricity					
Extinction					
Generation					
Global					
Polluted					
Pollution					
Recycling					
Ranewable					
Warming					

2ª AULA

1 – TEMÁTICA – Environmental Problems: climate change, deforestation, pollution, recycling, renewable energy, Public transport.

2. HABILIDADES – Língua Inglesa

Práticas de Linguagem: leitura/escrita (compartilhada e autônoma)

CAMPO DE ATUAÇÃO: Campo da vida cotidiano.

3 – OBJETIVOS

- Estimular a expressão oral e escrita.
- Desenvolver vocabulários relacionados aos problemas ambientais.
- Desenvolver a habilidade e uso do dicionário.

4. METODOLOGIA/MATERIAIS NECESSÁRIOS

Há seis partes de textos curtos que devem ser entregues já recortados antes da aula. Divida os alunos em pares ou da forma que melhor fique na realidade de sua turma dependendo da quantidade de alunos que possuir em sala. Explique que eles devem fazer uma leitura, identificando as informações principais. Encoraje seus alunos a fazerem anotações sobre pontos principais. Monitore e os ajude com algum vocabulário. Após 10-15 minutos os alunos devem explicar seus tópicos uns aos outros. Encoraje os alunos enquanto ouve a fazer anotações. Diga a eles, que haverá um quiz posteriormente.

O quiz é pra verificar o entendimento dos alunos a acerca dos textos.

Poderá ser feito até como uma mini competição: Um membro de cada grupo deve vir aqui na frente e pedir por um número de 1 a 8. Dê a questão correspondente. O aluno volta ao seu lugar e tenta responder. E assim procede a outro grupo. Ao final quem obter mais acerto será considerado vencedor no quiz.

Task 3: Jigsaw Reading cards

Climate change,

Climate change, also called global warming, refers to the changes in the climate and a rise in the average temperatures on Earth. 97% of scientists agree that climate change is happening and the main cause is from an increase in greenhouse gases (like carbon dioxide, methane and Nitrous Oxide) in the atmosphere. These trap the heat from the sun, which is making the Earth hotter. This is known as the greenhouse effect. Over the last few years, there has been more extreme weather events, like floods, droughts, wildfires and heat waves.

Deforestation

Rainforests help to control global warming because they absorb carbon dioxide. In recent years, large areas destroyed, as trees are cut down for wood or burned to clear the land for farming. The burning releases large amounts of carbon dioxide into the atmosphere.

Many rainforests grow on poor soils, so when they are cut down or burned the soil is washed away in tropical rains, so that the area may turn into desert. Many plant and animal species that live there can become extinct, and indigenous tribes can lose their homes.

Pollution

Air pollution and climate change are closely linked. Often it is the same gas that creates the poor air quality in cities especially which can cause serious health problems for people living in urban areas.

Water pollution is a huge problem and unclean water is a major threat to human health. Water pollution happens when dangerous chemicals from factories, farming and other industries are allowed into rivers, lakes and into our water systems. Plastic waste is also a big problem.

Soil pollution is also a big problem. The use of fertilizer and pesticides can contaminate land and threaten food security.

Recycling

Recycling is the processing of used objects and materials so that they can be used again. About 60% of rubbish from homes and factories contain materials that could be recycled. Recycling saves energy and also reduces damage to the countryside.

Glass, paper and aluminium cans can all be recycled very easily. Many towns have special bins where people can leave their empty bottles and cans for recycling. A lot of paper bags, writing paper and greeting cards are now produced on recycled paper. Even more effective than recycling is choosing products that use a minimum of plastic and paper packaging.

Renewable energy

Up until now, most of the energy we used came from coal, oil and gas (fossil fuels). But these will not last forever and burning them is a major cause of climate change.

Many countries are choosing to use renewable sources for their energy needs. Solar energy from the sun, wind power from turbines, hydroelectric energy from rivers and sea water, and geothermal power, taking heat from the centre of the Earth are the main sources of renewable energy. Countries like Iceland and Costa Rica are leading the way, with Iceland getting 100% of its energy from these renewable sources.

Public transport

Transport has a large environmental impact. People use cars more, especially in urban areas and this is one of the largest growing sources of carbon dioxide in the world. Private transport contributes to air pollution and global warming, and taking flights is also a big problem. As more and more people fly, greenhouse gases increase. In fact, emissions from aviation in Europe increased by 87% between 1990 and 2006.

By using public transport (buses, trains, metros) or cycling in cities emissions from urban transport could be cut by more than 50%. Using trains for longer journeys as an alternative to flying reduces the environmental impact often by as much as 90%, and for some journeys is just as quick.

Task 4: The environment quiz

How much do you know about environmental problems? Take the quiz below:

1. What is the main cause of global warming?
2. What problems can fertilizer and pesticides cause?
3. What is the greenhouse effect?
4. How do rainforests help to control global warming?
5. What type of soil do rainforests grow on? Why is this a problem?
6. Which countries use the most renewable energy?
7. Why is taking the train better for the environment than planes?
8. What is more effective than recycling?

3ª AULA

1 – TEMÁTICA – Environmental Problems/Expressions of certainty

2. HABILIDADES – Língua Inglesa

Práticas de Linguagem: Escrita e compreensão gramatical

CAMPO DE ATUAÇÃO: gramática em uso.

3 – OBJETIVOS

- Desenvolver vocabulários relacionados à mudança climática e meio ambiente.
- Desenvolver foco em “Reading”.
- Utilizar expressões para referir ao futuro: expressions of certainty.

4. METODOLOGIA/MATERIAIS USADOS.

Introduza aos alunos: Expressions of certainty. Logo entregue aos alunos a atividade á impressa. Leiam com eles as frases. Pergunte aos alunos onde cada palavra em negrito se encaixa no quadro de expressões. Encorage seus alunos a pensar com criticidade e justificar suas respostas.

Task 5: Expressions of certainty

Look at these statements made by a scientist. How certain is he about each statement?

“There’s no doubt at all that the Earth is getting warmer ”

“It’s fairly certain that Earth will have heated up by 4 degrees.

“There will be many other effects”

“The USA and Russia could suffer from drought”

Put the expressions in the correct section of the table below:

100% sure it will happen	
50% sure	
100% sure it won’t happen	

Add these expressions to the table:

- Maybe will definitely definitely won’t might I’m not sure if...
- Probably won’t will probably perhaps It’s possible that... I doubt that...
- Won’t I’m certain that...

4ª AULA

1 – TEMÁTICA – Environmental Problems/Expressions of certainty

2. HABILIDADES – Língua Inglesa

Práticas de Linguagem: Compreensão textual e gramatical.

CAMPO DE ATUAÇÃO: gramática em uso.

3 – OBJETIVOS

- Desenvolver foco em “Comprehension”.
- Utilizar e reconhecer expressões para expressar futuro.
- Discutir através do exercício sobre problemas ambientais.

4. METODOLOGIA/MATERIAIS USADOS.

Os alunos deverão ler a, b ou c, dependendo de suas opiniões.

Em pares ou em grupos pequenos, os alunos farão a exposição de suas ideias/repostas justificando suas opiniões. Ao final peça um feedback de toda a sala.

Task 6: Discussion

Decide if you think the following ideas:

- a) Will happen in the next 50 years?
- b) Could happen?
- c) Won't happen?

Mark the sentences a, b or c.

1. Most cars will be electric
 2. Alternative energy will be more important than coal and oil
 3. You will recycle all your bags, cans and paper.
 4. Almost all the rainforests will disappear.
 5. People will continue to sunbathe.
 6. The climate will get worse.
 7. The next generation will care more about the environment than the present one.
 8. In elections, environmental issues will become more important than any other issues.
 9. Cars will be banned from cities.
 10. People will destroy the Earth.
- Where will you place these in the table of certainty?
 - Think about which expressions of certainty you can use to express your opinion- e.g. I'm certain that most cars will be electric.

5ª AULA

1 – TEMÁTICA – Environmental Problems/Expressions of certainty

2. HABILIDADES – Língua Inglesa/Artes

Práticas de Linguagem: Escrita e expressão através da arte visual.

3 – OBJETIVOS

- Produzir desenhos que traga a criticidade do tema abordado nas aulas anteriores.
- Assumir o protagonismo e posicionamentos que representem o cuidado com o meio ambiente através da arte.

4. METODOLOGIA/MATERIAIS USADOS.

Ao iniciar retome os conhecimentos das aulas anteriores. Atentando os para os problemas ambientais discutidos em aulas anteriores ou locais. Peça aos alunos que criem em grupos duplas uma arte visual que atente para a temática ambiental sugerindo uma criticidade nos trabalhos.

5. SOCIALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Os trabalhos produzidos serão analisados identificando-se elementos que expressem a ampliação de conhecimentos pelos alunos sobre as questões/vocabulários estudados nas aulas anteriores. O professor fará a análise dos trabalhos para reforçar aspectos que possam ser melhorados nas produções para posteriormente proceder com a exposição dos trabalhos para toda comunidade escolar.